



DAMARIS MATIAS SILVEIRA

CLIVADAS E PSEUDO-CLIVADAS NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DIACRÔNICA DAS ESTRUTURAS DE FOCO E
IMPLICAÇÕES DA GRAMÁTICA V2.

Campinas
2014



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

DAMARIS MATIAS SILVEIRA

CLIVADAS E PSEUDO-CLIVADAS NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS:
UMA ANÁLISE DIACRÔNICA DAS ESTRUTURAS DE FOCO E
IMPLICAÇÕES DA GRAMÁTICA V2.

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de
Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas para a obtenção do título de Mestra em
Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Charlotte Marie Chambelland Galves

Campinas
2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

Si39c Silveira, Damaris Matias, 1988-
Clivadas e pseudo-clivadas na história do português : uma análise diacrônica das estruturas de foco e implicações da gramática V2. / Damaris Matias Silveira. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Charlotte Marie Chambelland Galves.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Linguística histórica. 2. Mudanças linguísticas. 3. Gramática gerativa. 4. Língua portuguesa - Verbo. 5. Língua portuguesa - Análise sintática. I. Galves, Charlotte, 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Cleft and pseudo-cleft sentences in portuguese history : a diachronic analysis of the focus structures and V2 grammar implications.

Palavras-chave em inglês:

Historical linguistics

Linguistic change

Generative grammar

Portuguese language - Verb

Portuguese language - Syntactic analysis

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestra em Linguística

Banca examinadora:

Charlotte Marie Chambelland Galves [Orientador]

Cristina Job Schmitt


Carlos Miotto

Data de defesa: 07-02-2014

Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

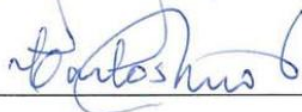
Charlotte Marie Chambelland Galves



Cristina Job Schmitt



Carlos Miotto



Maria Clara Paixão de Sousa

Sonia Maria Lazzarini Cyrino

Resumo

Esta pesquisa investiga diacronicamente as sentenças utilizadas para focalizar constituintes sintáticos, as Clivadas e Pseudo-clivadas, sob o ponto de vista da Gramática Gerativa, através de 16 textos do *Corpus Histórico do Português Anotado Tycho Brahe*. Tais sentenças caracterizam-se pelas sequências Cópula+Foco+que+IP (clivadas canônicas) e SentençaWh+Cópula+Foco (pseudo-clivadas canônicas). Porém, outras sentenças de mesma sequência podem ser confundidas com clivadas e, por isso, apresentamos uma série de requisitos para que tais sequências sejam analisadas como resultado do recurso da clivagem. O período considerado para a busca dessas sentenças é o que se estende do século 16 ao 19, indo do Português Clássico ao Português Moderno e incluindo a fase transição entre os dois períodos. Seguindo a argumentação de diversos autores, assumimos que, até o momento dessa transição, o Português tem um funcionamento de língua V2, ou seja, licencia o movimento do verbo para uma posição alta na periferia esquerda da sentença (Cf. Torres Moraes (1995), Galves (1997), Paixão de Sousa (2004), Galves, Brito e Paixão de Sousa (2005), Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010), Gibrail (2010), Antonelli (2011), Galves e Gibrail (2013) e Galves e Paixão de Sousa (2013)). De acordo com Kato e Ribeiro (2005), Kato e Ribeiro (2006) e Kato (2009), o padrão Canônico de Clivadas inexistia no período em que o Português era uma gramática V2, por restrição desse sistema gramatical. Para as autoras, este é o único padrão incompatível com V2. Porém, o licenciamento de estruturas V1 nesse período nos leva a questionar tal restrição, uma vez que sentenças clivadas são estruturas V1. O que fazemos neste estudo é, portanto, sintetizar tanto as características sintáticas dessas construções quanto as do sistema gramatical dos períodos relevantes, observar a ocorrência das estruturas clivadas nos textos do corpus e, por fim, traçar um paralelo analítico entre esses pontos, buscando apresentar evidências de que a ausência das clivadas canônicas não ocorre por restrição para seu licenciamento, mas por opção do falante, uma vez que a sua língua disponibiliza outro recurso gramatical de focalização.

Palavras-chave: construções clivadas, Gramática V2, mudança sintática, português clássico, movimento do verbo.

Abstract

This research investigates diachronically the sentences used to focus syntactic constituents, the Cleft and Pseudo-cleft ones under the Generative Grammar point of view, through 16 texts from *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*. Such sentences are characterized by the sequence copula+Focus+que+IP (canonic clefts) and wh sentence+Copula+Focus (canonic pseudo-clefts). However, other sentences of the same sequence can be confused with the cleft ones and, therefore, a number of requisites is shown so that such sequences can be analyzed as a result of a cleavage resource. The period considered to the search of such sentences is the one which goes from the 16th to the 19th centuries, from Classic Portuguese to the Modern one and it includes the transition phase between these two periods. By following the argumentation of several authors it is assumed that up to the time of this transition, Portuguese had presented a V2 language functioning, that is, it permits the verb movement to a high position on the left peripheral of the sentence (Cf. Torres Moraes (1995), Galves (1997), Paixão de Sousa (2004), Galves, Brito and Paixão de Sousa (2005), Cavalcante, Galves and Paixão de Sousa (2010), Gibrail (2010), Antonelli (2011), Galves and Gibrail (2013) and Galves and Paixão de Sousa (2013)). According to Kato and Ribeiro (2005), Kato and Ribeiro (2006) and Kato (2009) the Canonic Clefts pattern was inexistent in the period when Portuguese was a V2 grammar because of this grammatical system. To the authors cited this is the only incompatible pattern with V2. However, the license of V1 structures in this period takes one to question such restriction since such cleft sentences are V1 structures. Therefore, what this study does is to synthesize syntactic characteristics of these constructions as well as the grammatical system of the relevant periods, observe the occurrence of the cleft structures in the corpus texts and, finally, trace an analytical parallel among these points, and it presents evidence that the absence of canonic clefts do not occur by restriction of license, but by the speaker's choice, since his/her language makes it available another grammatical resource of focusing.

Key words: cleft constructions, V2 grammar, syntactic change, classic portuguese, verb movement.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1: AS CLIVADAS E PSEUDO-CLIVADAS	3
1.1. Introdução	3
1.2. A noção de foco	4
1.2.1. A periferia esquerda da sentença	7
1.3. As sentenças Clivadas.....	11
1.3.1. O CP das clivadas	11
1.3.2. A estrutura sintática das clivadas	13
1.4. As sentenças Pseudo-clivadas	14
1.4.1. Existe pseudo-clivada ambígua?.....	16
1.4.2. O CP das pseudo-clivadas	19
1.4.3. A estrutura sintática das pseudo-clivadas.....	20
1.5. Síntese do capítulo	23
CAPÍTULO 2: MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	27
2.1. Introdução	27
2.2. Parte I – Aspectos gerais da mudança gramatical nas bases da gramática gerativa...27	
2.2.1. Língua-I, língua-E e mudança paramétrica	28
2.2.2. Gramaticalização e reanálise	29
2.3. Parte II – Mudança no português.....	31
2.3.1. O português médio como sistema V2	32
2.3.2. A estrutura V2: Antonelli (2011).....	38
2.3.3. A perda de V2.....	42
2.4. Parte III – Mudança no âmbito das sentenças clivadas	47
2.4.1. Panorama geral do aparecimento das clivadas e a reanálise do complementizador: Kato e Ribeiro (2005).....	47
2.4.2. Gramaticalização e mudança de ordem nas clivadas: Kato (2009)	48

2.5. Síntese do capítulo	51
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA.....	53
3.1. Introdução	53
3.2. A pesquisa diacrônica	53
3.3. Trabalhando com o <i>corpus</i> histórico	54
3.4. Clivadas no <i>corpus</i> Tycho Brahe	56
3.4.1. Anotação sintática.....	56
3.4.2. Buscando por clivadas.....	58
3.4.3. Natureza das amostras encontradas	60
3.5. Síntese do capítulo	67
CAPÍTULO 4: OLHANDO PARA OS DADOS.....	69
4.1. Introdução	69
4.2. Descrição dos dados.....	69
4.3. Motivações empíricas para a análise	73
4.4. Restrição <i>versus</i> opção.....	76
4.4.1. Clivagem em alemão, uma língua V2 moderna.....	76
4.4.2. Algumas clivadas no português médio	79
4.4.3. Focalização V2	81
4.4.4. Breve consideração sobre a prosódia	85
4.5. Estrutura das clivadas no período V2	87
4.6. Síntese do capítulo	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
Anexos.....	105

Para meus pais: Chico (in memoriam) e Maria Silveira

“Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em corações humanos o que Deus tem preparado para aqueles que O amam.”

Coríntios 2:9

Agradecimentos

A conquista deste trabalho contou com o apoio de muitos, aos quais deixo meus sinceros agradecimentos:

Agradeço primeiramente a Deus, meu principal colaborador nessa trajetória.

Sou imensamente grata à minha Mãe, Dona Maria, minha guerreira, pequena só no tamanho. Sempre na torcida fiel pelas minhas conquistas, fez até o impossível para que eu atingisse meus objetivos. É, e sempre será, meu porto seguro! Obrigada pela dedicação pela minha felicidade desde o momento em que vim a esse mundo!

No âmbito acadêmico, agradeço especialmente à minha orientadora, Dr^a Charlotte Galves, por me conceder o privilégio de sua orientação, por confiar no meu trabalho, por ser atenciosa e paciente com minhas aflições em todos os momentos e por ser tão excelente professora e pesquisadora, tendo papel fundamental na realização desta pesquisa. Tens minha total gratidão!

Durante o mestrado, tive o prazer de cursar disciplinas com excelentes professores, aos quais expresso minha sincera gratidão, por me proporcionarem conhecimentos que levarei para toda a vida profissional, são eles: Prof^a Ruth Lopes, Prof^o Juanito Avelar, Prof^o Wilmar D'Angelis e, é claro, minha orientadora, Prof^a Charlotte Galves.

Eu não poderia deixar de mencionar que a conclusão desta etapa em minha formação não seria possível sem a participação de duas pessoas através das quais passei a apreciar a pesquisa com linguística no período da graduação. Uma delas é a Prof^a Ina Emmel (UFSC), graças às suas aulas e ao seu incentivo, meu interesse nos estudos linguísticos só aumentou. *Vielen Dank!* Agradeço também ao Prof^o Carlos Mioto, por ter estado ao meu lado durante a iniciação científica, pelas aulas esclarecedoras, pelas conversas atenciosas. Seu papel nesta pesquisa foi crucial. Muito obrigada!

Sou grata também ao Prof^o Marcello Modesto e, novamente, ao Prof^o Carlos Mioto pela participação em meu exame de qualificação. Obrigada por compartilhar conhecimentos e me auxiliar no andamento da pesquisa! Agradeço também aos professores que me concederam a honra de sua presença em minha banca de defesa: Prof^a Cristina Schmitt, Prof^o Carlos Mioto, Prof^a Sônia Cyrino e Prof^a Maria Clara Paixão de Sousa. Sou muito grata a todos!

O curso de mestrado não seria tão agradável sem a presença de meus colegas, cujo carinho guardarei por toda a minha estrada. Agradeço a todos pela amizade, por momentos agradáveis dentro e fora do contexto acadêmico, por conversas construtivas e por estarem sempre prontos a ajudar, seja pessoalmente ou cedendo seu tempo em conversas acadêmicas nas redes sociais. Muito obrigada, Clara, Cristina, Cynthia, Diego, Ivana, Lívia, Magnun, Marcos, e Tatiane. Agradeço também ao Carlos Felipe Pinto, por pausar suas atividades lá na Bahia pra me esclarecer dúvidas pela internet, te deixo meu sincero agradecimento.

Agradeço à excelente infraestrutura que me foi disponibilizada. Expresso, portanto, a minha gratidão à Unicamp, pelo exímio suporte físico e à CAPES pelo apoio financeiro.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1: posição relativa de sujeitos lexicais em orações matrizes (VS/SV) (Galves e Paixão de Sousa (2013)).....	44
Gráfico 2: Frequência relativa de SV e XV em sentenças V2. (Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010)).....	45
Gráfico 3: Evolução das ordens SVO/VSO/VOS em matrizes e subordinadas (Galves e Gibrail (2013)).....	46
Gráfico 4: padrões de clivadas no corpus Tycho Brahe do século 16 ao 19.....	72
Gráfico 5: padrões de Pseudo-clivadas no corpus Tycho Brahe do século 16 ao 19.....	73
Gráfico 6: A evolução das ordens V1, V2 e V3 ao longo dos séculos. (Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010)).....	75
Tabela 1: Lista de textos anotados do corpus Tycho Brahe utilizados para a busca de clivadas.....	55
Tabela 2: ocorrências de clivadas e pseudo-clivadas encontradas no corpus Tycho Brahe.....	71
Tabela 3: Ocorrência de sequências de PC com wh o que para referente [+humano].....	71
Tabela 4: Taxa média de frequência de uso dos constituintes em posição pré-verbal n padrão de ordem V2 nos textos dos autores nascidos nos séculos 18-19 (Gibrail (2010)).....	84

APRESENTAÇÃO

No âmbito da pesquisa em torno das construções com foco, uma das estratégias possíveis a ser estudada é a focalização via clivagem. Através da clivagem são derivadas as sentenças clivadas propriamente ditas e as pseudo-clivadas, doravante Cls e PCs que são sentenças complexas e possuem respectivamente a estrutura linear cópula+XP(foco)+que+IP e sentença Wh+cópula+XPfoco.

Esta dissertação visa combinar o estudo das sentenças Cls e PCs com o estudo da mudança linguística, e investigar em que momento cada uma delas se torna emergente no Português através da pesquisa no *corpus* histórico *Tycho Brahe*. Analisá-las, juntamente com suas variantes, dentro de uma perspectiva diacrônica, envolve estudar o pano de fundo linguístico e as características do sistema gramatical dos períodos relevantes.

Temos o intuito de verificar se o fato de o português médio (no âmbito desta pesquisa, período que abrange os séculos 16 e 17) configurar um sistema V2 influencia na recorrência das sentenças clivadas e pseudo-clivadas. O objetivo é mostrar que a influência existe, mas não por uma restrição de ordem V2, mas por opção do falante, diante das características da gramática.

No capítulo 1, apresentamos um pano de fundo para o estudo, mostrando as propriedades das Cls e PCs dentro da literatura já existente, na tentativa de explicitar que nem toda sentença que possui uma das duas sequências lineares apontadas acima são, de fato, oriundas de um processo de clivagem e que as sentenças com as quais estaremos lidando neste trabalho serão as clivadas legítimas.

O segundo capítulo trata de questões relacionadas à mudança linguística. Oferecemos um apanhado geral em torno do quadro teórico no qual se enquadra o estudo e trato também de fenômenos envolvendo o Português do século 16 ao 19. Discutimos os acontecimentos principais em torno da estrutura da língua, em busca de restrições e condições para que as clivadas sejam derivadas.

No terceiro capítulo, de cunho metodológico, apresentamos os passos da pesquisa no *corpus* Tycho Brahe, bem como questões relacionadas à anotação sintática das clivadas, relacionando suas regras com as propriedades, apresentadas no capítulo 1, para essas sentenças.

Finalmente, no último capítulo, apresentamos os dados encontrados e uma análise para tais dados, relacionando as ocorrências de clivadas com os capítulos anteriores sobre suas propriedades e as do Português do século 16 ao século 19, onde sugerimos a possibilidade de licenciamento de todos os padrões de clivadas, citados no capítulo1, já no português médio.

CAPÍTULO 1

AS CLIVADAS E PSEUDO-CLIVADAS

1.1. Introdução

A clivagem é um recurso sintático utilizado pelo falante a fim de focalizar constituintes, resultando em uma sentença de foco marcado: o falante ‘cliva’ elementos, colocando-os em posição de foco, enquanto o restante da sentença carrega a pressuposição. Através desse recurso são geradas as sentenças clivadas (Cls) e as pseudo-clivadas (PCs):

- (1) Foi O JOÃO que comeu a torta. (Cl)
- (2) Quem comeu a torta foi O JOÃO. (PC)

Modesto (2001) propõe que as “*construções clivadas são sentenças especificacionais em que um movimento A-barrado dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade*” (p. 21).

A característica principal das clivadas, em relação à ordem canônica de constituintes, é a presença de uma cópula e de um complementizador, entre os quais se encontra o foco, e de um IP encaixado que contém uma categoria vazia (*ec*) onde o foco tem sua função gramatical estabelecida. Ou seja, em (1), há uma *ec* na posição de sujeito de *comeu* onde o DP *O JOÃO* estabelece essa função. Já as pseudo-clivadas apresentam a cópula e uma sentença *wh*, onde o foco preenche o valor da variável.

Neste capítulo farei um apanhado geral a respeito da noção de foco na seção 1.2. Na seção 1.3, discorro a respeito das características gerais das sentenças clivadas que serão importantes para o estudo. O mesmo faço com as pseudo-clivadas na seção 1.4.

1.2. A noção de foco

Uma sentença pode apresentar duas cargas de informação. Uma delas, a pressuposição, corresponde à informação que já é partilhada e assumida pelos falantes. A outra é veiculada pelo foco, e corresponde à informação nova no contexto discursivo. De acordo com Miotto (2003), este elemento pode ser uma sentença inteira, ou pode estar explicitamente articulado à pressuposição, como é o caso das clivadas. Exemplifiquemos tais constatações:

- (3) a. O que aconteceu?
b. O João foi embora.

- (4) a. Quem que foi embora?
b. Foi o João que foi embora.

Quando a pergunta (3a) é proferida, a seguinte pressuposição é assumida: ‘*aconteceu alguma coisa*’. Essa pressuposição carrega uma variável (*alguma coisa*) que será preenchida pelo foco. Assim, *alguma coisa* = *O João foi embora*. A sentença inteira (3b), portanto, veicula o foco no contexto (3). Já em (4b), apenas o DP *o João* seria o foco da sentença. O restante da oração carrega a seguinte pressuposição: “*alguém foi embora*”. O foco, por sua vez, preenche o valor da variável *alguém* na pressuposição, bem como do elemento *wh* no contexto da interrogativa. Uma clivada, portanto, carrega foco e pressuposição na mesma sentença.

Apesar de tais constatações, Resenes (2009) mostra que exemplos em que o foco já está inserido no contexto e faz parte da informação partilhada:

- (5) a. A Maria usou o vestido branco ou o azul na festa?
b. A Maria usou [_F o vestido branco].

Nesse caso, Resenes assume, seguindo Zubizarreta (1998), que o foco é a parte não-pressuposta da sentença, independente de a informação ser nova ou velha. Do mesmo modo, faremos aqui.

Zubizarreta (1998) afirma que o foco pode ser equiparado ao elemento Wh, pois é o que o substitui no contexto interrogativo.

- (6) a. Who ate the pie?
- b. [JOHN] ate the pie.

Tanto (6a) quanto (6b) carregam a mesma pressuposição: *alguém comeu a torta*, ou seja, *há um x, tal que x comeu a torta*, sendo que o foco *JOHN* é a informação que substitui o elemento wh *Who*. Entretanto, o valor do foco pode não corresponder a um constituinte, como mostra o exemplo (7), onde apenas parte do constituinte *ate the pie* corresponde ao foco:

- (7) a. What did John do with the pie?
- b. John [ATE] the pie.

Com base em exemplos como (7), Zubizarreta (1998) sugere que o foco de uma sentença pode ser capturado nos termos de uma representação mais abstrata e pragmática pós LF através de alguns mecanismos interpretativos. Essas representações abstratas são chamadas pela autora de Estrutura de Asserção (AS)¹ e são representadas em contexto. Com base nisso, a estrutura de asserção de (7) seria (8):

- (8) A1: there is an *x*, such that John did *x* with the pie
- A2: the *x*, such that John_i did *x* with the pie_j = [he_i [ate it_j]]

Dada a noção de foco e o modo como ele é representado, a autora propõe que o foco pode ser de duas naturezas: [+contrastiva], veiculando foco contrastivo, ou [- contrastiva],

¹ (AS) = Assertion Structure

veiculando foco não-contrastivo. Este último expressa informação nova sem expressar contraste. Um dos contextos para identificar o foco não contrastivo é a pergunta wh:

- (9) a. Quem comeu a torta?
b. O JOÃO comeu a torta.

Já o foco contrastivo, por sua vez, pressupõe uma asserção prévia introduzida no contexto, a qual ele nega e veicula um novo valor:

- (10) [A MARIA] é que comeu o bolo. (e não a Joana)

Kiss (1998), com base em sentenças do húngaro e do inglês, apresenta mais um estatuto de foco, que leva em conta a exaustividade. Para ela o foco pode ser informacional ou identificacional/exaustivo. O foco que expressa exaustividade tem identificação por exclusão e possui uma interpretação do tipo *x e somente x*, ou seja, o foco exaustivo representa um subconjunto dos conjuntos de elementos de um dado contexto:

- (11) Foi [UMA BLUSA] que a Maria comprou no Shopping.

A interpretação exaustiva do foco na clivada em (11) está no fato de que, do conjunto de produtos que a Maria poderia comprar no Shopping, foi apenas uma blusa que ela comprou, e nada mais.

Já o foco informacional, corresponde ao foco não-contrastivo, proposto por Zubizarreta (1998), e expressa a natureza não pressuposta da informação que carrega, sem veicular exaustividade. Para Kiss (1998), quando a parte não pressuposta de uma sentença, marcada por um ou mais acentos, não expressa identificação exaustiva, não se trata de foco identificacional, mas de foco de informação, e esse tipo de foco pode estar presente em qualquer sentença.

Seguindo as propostas de Zubizarreta (1998) e Kiss (1998), será assumido neste trabalho os seguintes tipos de foco com seus respectivos traços²:

Foco de informação: [-contrastivo,-exaustivo]

Foco contrastivo: [+contrastivo, +exaustivo]

Foco identificacional: [-contrastivo, +exaustivo]

1.2.1. A periferia esquerda da sentença

Assumimos, de antemão, que a focalização via clivagem envolve o movimento do elemento focalizado para uma posição de foco acima de IP. Isso significa que o local que irá alojar o foco é uma categoria localizada na periferia esquerda da sentença, dentro do sistema CP. Com relação ao papel do sistema CP, acreditamos, à esteira de Rizzi (1997), que ele funciona como uma interface entre o conteúdo proposicional, expresso pelo IP, e uma expressão mais alta, no caso de subordinação. Em uma sentença matriz, a articulação ocorre diretamente com o discurso.

Rizzi mostra que a periferia esquerda é o que contém as categorias responsáveis por veicular determinadas informações. O CP pode expressar o fato de a sentença ser interrogativa, declarativa, exclamativa, relativa, etc. Essa informação é denominada Especificação de Força ((Specification of Force) (Chomsky 1995).

Outro tipo de informação veiculada pelo sistema CP é a Especificação de Finitude da sentença (Specification of Finiteness), através da projeção FinP. Fin é responsável por expressar as características de finitude do IP selecionado por ele: distinções de modo (indicativo, subjuntivo, etc.), concordância de sujeito, licenciando caso nominativo, e distinções de tempo. A relação Força-Finitude, portanto, indica as relações de seleção com o sistema estrutural imediatamente mais alto ou mais baixo em relação ao CP.

² Esse esquema retoma o quadro proposto por Mioto (2003) com os focos e seus respectivos traços, com base nas autoras citadas acima.

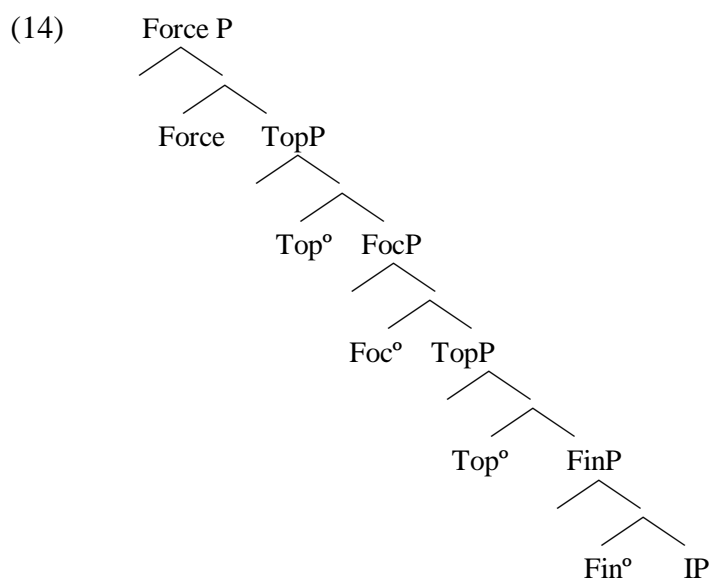
O sistema CP também possui outras funções independentes de restrições de seleção, segundo Rizzi. Estamos falando do sistema Tópico-Foco. O tópico é um elemento identificado por uma quebra entonacional e, normalmente, já está disponível no discurso previamente, sendo retomado, introduzindo uma nova informação:

(12) Your book_i, you should give t_i to Paul (not to Bill).

Já o foco, expressa informação nova e carrega o acento frasal, como já mencionado anteriormente:

(13) YOUR BOOK_i you should give t_i to Paul (not mine).

Finalmente, a estrutura proposta por Rizzi para a periferia esquerda da sentença, ou seja, para o sistema CP é a seguinte:



A projeção que mais nos interessa é FocP que assumimos ser o local de pouso para o foco das clivadas em todos os padrões. Rizzi argumenta que elementos focais devem se mover para uma posição periférica. Assim como ocorre com o elemento topicalizado, o foco deve estar em configuração Spec/núcleo com Foc, obedecendo a *Focus Criterion*,

reminiscente de *Wh* e *Neg Criterion* (Rizzi (1991), Haegeman (1995)). Sendo assim, o elemento focalizado deve se alojar em SpecFocP.

Rizzi afirma que o sistema Tópico-Foco só está presente na estrutura se necessário, ou seja, quando um constituinte carrega o traço de foco ou tópico a ser confirmado em uma relação Spec/núcleo. Se as projeções de tópico e foco são ativadas, elas são encaixadas entre Force e Fin. Deste modo, o sistema CP cumpre seus requerimentos de seleção, estabelecendo as interfaces já mencionadas, pelas quais o sistema CP se encarrega.

1.3. As Sentenças Clivadas

Com as clivadas, focalizamos constituintes através da estrutura linear **Cópula+XP FOCO+que+IP**. Porém, nem sempre essa sequência garantirá à sentença a leitura de clivada. Nesse caso, uma sentença como (15), por exemplo, que possui tal sequência, pode ou não ter interpretação clivada, dependendo do contexto na qual está inserida, e, portanto, é ambígua (Cf. Miotto e Negrão (2007)):

(15) Foi o menino que comeu a torta.

A sentença é clivada se estiver respondendo à pergunta (16), mas não se responder a (17):

(16) Quem comeu a torta?

(17) Que menino chorou na festa?

Respondendo à pergunta (16), o XP pós-cópula *o menino*, em (15), é o foco da sentença, requisito necessário para que a sentença seja clivada. Já enquanto resposta a (17), ela não pode ser uma clivada, pois o XP pós-cópula, que deveria ser o foco, ou seja, a informação nova, já está pressuposto na pergunta.

Outra característica essencial para garantir a interpretação de clivada, é a relação entre foco e *ec*. Ambos devem ser do mesmo ‘tipo’ ou seja, em (15), quando clivada, há

uma *ec* na posição de sujeito da sentença encaixada, logo, o foco *o menino* só pode ter características de sujeito, e deve corresponder à s- e c-seleção do verbo *comer*.

A prosódia também é fundamental para a interpretação dessas sentenças. Em uma sentença clivada, o acento vai sempre incidir sobre o foco. Logo, em (15), o acento incide sobre *o menino*, na leitura clivada. Mas quando em resposta a (17), ou seja, quando relativa de núcleo nominal, o acento recai sobre a última sílaba tônica da sentença.

Em síntese, chegamos ao seguinte esquema sobre as características essenciais de uma clivada:

- (18) a. sequência Cópula+XP FOCO+*que*+IP;
- b. somente o XP ser o foco, e o restante da sentença a pressuposição;
- c. o foco ter função gramatical estabelecida dentro do IP encaixado;
- d. o foco receber o acento frasal.

Apesar da existência de um padrão canônico para sentenças clivadas (Cópula+XP FOCO+*que*+IP), essa não é a única forma de ocorrência dessas sentenças. Uma clivada também pode se organizar na forma invertida, assim chamada por trazer o foco em primeira posição e a cópula em posição posterior ao foco:

- (19) O JOÃO é que comeu a torta.

Pode-se dizer que a cópula das clivadas invertidas possui um estatuto diferente em relação à cópula das clivadas canônicas, pois não apresentam a mesma relação de concordância com o verbo do IP encaixado. Observe os seguintes paradigmas:

- (20) a. Foi o João que comeu o bolo.
- b. ?? É o João que comeu o bolo.
- c. * Foi nós que comemos o bolo.

- (21) a. O João é que comeu o bolo.
- b. Nós é que comemos o bolo.

- c. ?? O João foi que comeu o bolo.
- d.. *Nós somos que comemos o bolo.

As sentenças em (20) mostram que as clivadas canônicas exigem concordância de pessoa com o foco e concordância temporal com o verbo do IP encaixado, enquanto nas invertidas em (21), ela não apresenta tal concordância, o que nos leva a questionar se isso é o resultado de um processo de mudança, como veremos mais adiante.

1.3.1. O CP das Clivadas

A sentença (15), quando não clivada, possui um CP do tipo relativo, ou seja, uma relativa com núcleo nominal. Quando a sentença é clivada, Mioto e Negrão (2007) mostram que o CP possui características diferentes do CP das relativas. Nas sentenças clivadas há um XP que é o foco, nas relativas ele é o pivô. Mioto e Negrão (2007) apresentam evidências que mostram que o foco e o pivô não são da mesma natureza, aqui reproduziremos algumas delas.

Uma sentença como (15) é ambígua, pois pode servir como resposta tanto a (16) sendo uma clivada, quanto a (17), como uma sentença com um relativa encaixada. Como resposta a (16), há redundância no sentido de repetir uma informação que já está pressuposta na pergunta: *existe um x que comeu a torta*. Tal informação, portanto, poderia ser suprimida, sendo perfeitamente aceitável a seguinte resposta:

(22) Foi o menino.

Nesse caso, (15) seria uma clivada, pois *o menino* é o foco e ocupa a posição de XP pós-cópula, destinada a alojar o elemento focalizado, como mencionado acima, nos requisitos para uma sentença ser interpretada como clivada.

Os autores mostram que, por outro lado, enquanto resposta a (17), a redundância está em *o menino*, pois essa informação já está pressuposta na pergunta: *existe um menino*

que comeu a torta. Dessa vez, o constituinte *que comeu a torta* não pode mais ser suprimido da sentença, pois agora veicula informação nova:

- (23) a. Que menino chorou na festa?
b. ?? Foi o menino.

No campo da prosódia, eles mostram que, nas clivadas, o acento frasal recai sobre o foco. Como já mencionado, isso é um requisito para que a sentença seja interpretada como clivada. Já nas relativas, o acento não incide sobre o pivô, mas sobre a sílaba tônica da última palavra, que carrega o acento nuclear da sentença.

Do ponto de vista sintático, os autores mostram que o papel temático e o caso também contribuem para reforçar a diferença entre os CPs. Nas relativas, o caso e o papel temático do pivô e da categoria vazia da sentença encaixada são independentes:

- (24) Eu vi o menino_i que[*ec*_i comeu a torta].

Em (24), o menino tem papel temático de tema, bem como caso acusativo, na oração matriz. Já na oração encaixada, a categoria vazia é agente e é nominativo. No caso das clivadas, não existe independência entre o foco e a *ec*:

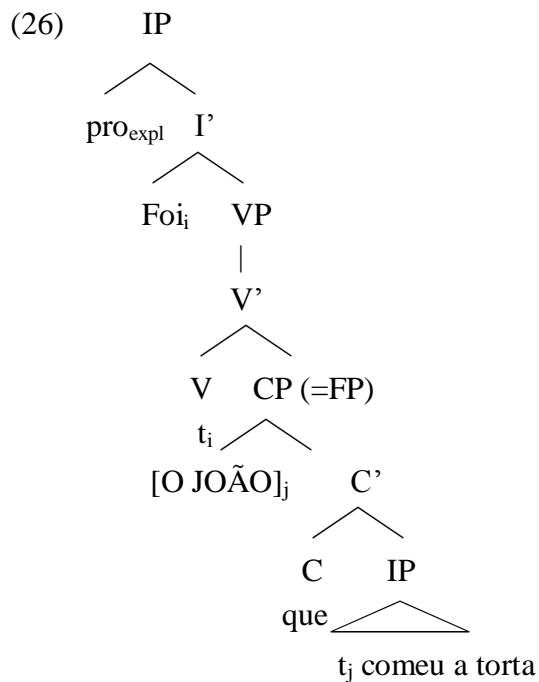
- (25) *Fui eu que ele deu um presente.

A situação em (25) mostra que a categoria e função do foco e da *ec* são dependentes. Considerando seu caráter funcional, a cópula não atribui papel temático para o foco e, como vimos, é na oração encaixada que o elemento focalizado tem suas funções gramaticais estabelecidas.

Além disso, os autores mostram, de acordo com a proposta de Kiss (1998), de que o foco identificacional em húngaro e nas clivadas do inglês ocupam uma posição A-barra, que o foco é diferente do pivô das relativas, que, por sua vez, são de natureza argumental. Com todas essas evidências, Miotto e Negrão defendem que o CP das clivadas não contém uma relativa.

1.3.2. A estrutura sintática das clivadas

Nas análises de Mioto & Figueiredo Silva (1995) e de Modesto (2001), a clivada apresenta a cópula selecionando um CP clivado [+cleft]. CP, portanto, é equiparado a FP, ou seja, há uma única posição onde o foco é alojado e interpretado:



Na estrutura, a clivada é derivada via movimento: o foco nasce na posição onde se encontra a *ec* e é alçado para a posição destinada para alojá-lo realizando um movimento A-barrá. Com um movimento adicional, seguindo Modesto (2001), o foco pode pousar na periferia esquerda da sentença matriz, gerando a clivada invertida:

Como caso e papel temático são atribuídos na posição de origem do foco (Cf. Modesto (2001)), a estrutura dá conta da agramaticalidade de (42):

(27) *Foi comer que o João fez.

A sentença (27) é agramatical porque a função gramatical do foco não pode ser estabelecida na *ec* dentro do IP encaixado, já que não são compatíveis no que diz respeito à c- e s-seleção. Como a estrutura é derivada por movimento A-barras e possui uma categoria específica do foco, e por dar conta da agramaticalidade de (27), já que trata da função sintática do foco, essa será a estrutura sintática assumida neste trabalho para as sentenças clivadas.

Na análise de Modesto, com um movimento adicional do foco para dentro do sistema CP mais alto, as clivadas invertidas podem ser licenciadas:

(28) O João é que comeu a torta.

Já na análise das CIs proposta por Costa e Duarte, os autores propõem que, nessa estrutura, *é que* funciona como lexicalizador do núcleo C, como resultado de um processo de reanálise. Para Costa e Duarte, as CIs possuem uma estrutura defectiva sem IP, o CP seleciona diretamente uma *small clause*:

(29) [CP é que [SC [CP OP [IP o João comeu]] [DP a torta]]]

1.4. As sentenças pseudo-clivadas

As sentenças pseudo-clivadas, assim como as clivadas, também são utilizadas para focalizar constituintes sintáticos. Uma das diferenças entre esses dois tipos de sentenças focalizadoras é o CP (Cf. Mioto e Negrão (2007)). Enquanto as clivadas apresentam um complementizador, as pseudo-clivadas apresentam um elemento *wh*:

- (30) a. É a Maria **que** quer casar. (CI)
b. **Quem** quer casar é a Maria. (PC)

A Pseudo clivada em (30b) está em sua forma canônica ‘**Sentença Wh+ser+XP(foco)**’. Porém, as PCs também podem ocorrer em outras sequências. O foco pode aparecer à esquerda da cópula, formando o que é chamado de pseudo-clivada invertida (PCI), exposta no exemplo (31a). Outra sequência de PC é com a sentença wh à direita, formando uma pseudo-clivada extraposta (PCE) como (31b):

- (31) a. A Maria é quem quer casar.
b. É a Maria quem quer casar.

Porém, a sequência por si não garante à sentença o estatuto de pseudo-clivada. (31a), por exemplo, é uma pseudo-clivada se responder à pergunta em (32a), mas não se responder a (32b):

- (32) a. Quem quer casar?
b. Quem é a Maria?

Sendo assim, além da sequência, é necessário, assim como nas clivadas, que o XP, e apenas ele, seja o foco, e o restante da sentença a pressuposição. O XP em questão preencherá o valor do elemento wh. Nesse caso, nas pseudo-clivadas expostas acima, *Quem* = *Maria*. Outro aspecto dessas sentenças é que, assim como as clivadas, o acendo frasal incidirá sobre o foco.

Resumindo as características necessárias para que uma sentença tenha a leitura de PCL, chegamos ao seguinte esquema:

- (33) a. sequência canônica: Wh+ cópula+XP(foco);
b. o XP ser o foco e o restante da sentença a pressuposição;
c. foco ter função estabelecida dentro da sentença encaixada, preenchendo o valor do do elemento wh;

d. o foco receber o acento frasal.

1.4.1. Existe pseudo-clivada ambígua?

De acordo com a análise de Akmajian (1970), a sentença a seguir é ambígua:

(34) O que o João é é interessante.

Existem duas leituras possíveis para (34), uma especificacional e outra predicacional. Na leitura especificacional, *interessante* opera sobre *João*, atribuindo-lhe uma característica. Além disso, o adjetivo preenche o valor do elemento wh. Uma paráfrase possível para (34) na leitura especificacional seria “O João é interessante” que é a contraparte simples da sentença PC. A leitura especificacional é a única possível nas sequências de Cls, ou seja, apenas a sequência linear análoga à das PCs pode ter as duas leituras.

Na leitura predicacional, o adjetivo predica sobre toda a sentença wh (*O que o João é*), que é o sujeito da oração. Resenes (2009) mostra, à esteira de Higgins (1973), que o sujeito de uma sentença predicacional, diferentemente do das especificacionais, é referencial, ou seja, se refere a algo no mundo e o adjetivo predica sobre esse referente:

(35) Quem roubou o banco foi esperto.

Modesto (2001) mostra que essa é a mesma ambiguidade estrutural que pode ser encontrada nas copulares comuns:

(36) O Plano de FHC é uma bomba.

Na leitura especificacional, a interpretação é de que o Plano de FHC consiste em uma bomba, indicando o conteúdo do plano, já na leitura predicacional, temos a interpretação de que o plano de FHC é um desastre³, indicando um valor sobre o plano.

Assim, é a sequência que é ambígua, não afirmamos que a PC o é. Como vimos no início do capítulo, seguindo Modesto (2001), as construções clivadas (CIs e PCs) são sentenças especificacionais, ou seja, apenas com a leitura especificacional a sentença tem interpretação de PC. Na versão predicacional, ela nada mais é do que uma sentença copular comum. Portanto, os dados com os quais iremos lidar e comparar a nível de mudança serão de sentenças PC, que são especificacionais.

O contraste entre a leitura especificacional e a predicacional é bastante sutil, de modo que o falante, muitas vezes, demora a captá-lo. Há, entretanto uma série de testes com os quais podemos entender melhor a diferença entre as leituras.

Mioto e Negrão (2007) utilizam a morfologia flexional do português brasileiro para salientar o contraste entre os dois tipos de sentenças. No par em (37), fica claro que (37a) só pode ter a leitura especificacional, pois o adjetivo está concordando com *Maria*, que é feminino, mesmo gênero do adjetivo. Já (37b) só pode ser predicacional, pois o adjetivo masculino não pode predicar sobre *Maria*, mas pode qualificar toda a sentença wh:

- (37) a. O que a Maria é é escandalosa.
b. O que a Maria é é escandaloso.

Resenes (2009) também mostra que apenas as sentenças especificacionais aceitam inversão:

- (38) a. Escandalosa é o que a Maria é.
b. * Escandaloso é o que a Maria é.

³ ‘uma bomba’ pode ter outros significados diferentes enquanto gíria.

Higgins (1973) também salienta tal contraste, e apresenta uma gama de testes. No exemplo abaixo, a conjunção de DPs faz com que apenas a interpretação especificacional possa ser veiculada:

- (39) O que eu vi no parque foi um homem e uma mulher.

Se consideramos que, nas sentenças predicacionais, os sujeitos são referenciais (*O que eu vi no parque* = algo no mundo), não é possível que esse referente seja ao mesmo tempo um homem e uma mulher, portanto, a sentença é especificacional e, nesse caso, uma pseudo-clivada, onde *um homem e uma mulher* preenche o valor da variável representada pelo elemento wh.

Outro teste de Higgins é o da seleção do adjetivo:

- (40) a. O que o João é é orgulhoso.
b. O que o João é é lucrativo.

No exemplo, apenas (40a) é uma especificacional, pois o adjetivo *orgulhoso* predica sobre *o João*, que é [+humano] e apresenta compatibilidade, em termos semânticos, com o adjetivo. O mesmo não acontece com o adjetivo *lucrativo* de (40b), que não pode atribuir uma característica a um elemento [+humano], mas pode predicar sobre toda a sentença wh *O que o João é*, tendo, assim, a leitura predicacional.

De acordo com o autor, também é possível contrastar as duas leituras através da concordância temporal. Nas sentenças especificacionais, a concordância temporal entre a cópula e o verbo da sentença wh é obrigatória, enquanto nas predicacionais, ela é opcional:

- (41) a. O que a Maria é é escandalosa.
b. *O que a Maria é foi escandalosa.
- (42) a. O que a Maria é é escandaloso.
b. O que a Maria é foi escandaloso.

Ainda em Higgins (1973), é possível diagnosticar a leitura da sentença através do advérbio *também*:

- (43)
- a. O que a Maria *também* é é escandalosa.
 - b. O que a Maria *também* é é escandaloso.
 - c. *O que a Maria é *também* é escandalosa.
 - d. O que a Maria é *também* é escandaloso.

É possível que o advérbio modifique o verbo da sentença wh tanto na leitura predicacional quanto na especificacional, mas apenas as predicacionais aceitam que *também* modifique a cópula da PC (destacada).

1.4.2. O CP das pseudo-clivadas.

Como já mencionado, tanto as clivadas quanto as pseudo-clivadas são sentenças com foco. A diferença entre ambas está no CP: enquanto as clivadas apresentam um complementizador em seu núcleo, as pseudo-clivadas apresentam um elemento wh que encabeça uma sentença wh. É muito comum e frequente na literatura o tratamento da sentença wh como uma relativa livre. Porém aqui não será assumida essa análise.

Resenes (2009) mostra, seguindo Hankamer (1974), que a sentença wh das especificacionais, ou seja, das pseudo-clivadas é de um tipo diferente do das predicacionais, que não são PCs. As sentenças predicacionais apresentam um CP do tipo relativo.

Primeiramente, deve-se considerar que apenas o CP das predicacionais pode sofrer alçamento (Higgins (1973) *apud* Resenes (2009):

- (44)
- a. O que a Maria é parece ser escandaloso.
 - b. *O que a Maria é parece ser escandalosa.

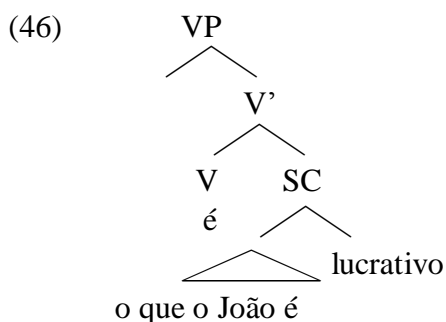
Com base nisso, Hankamer afirma que predicacionais possuem um CP relativo, já que as relativas livres realizam essa mesma operação de alçamento:

(45) O que eu comi parece ter sido feito pela Maria.

Outro ponto levantado pelo autor é que apenas as clivadas são geradas a partir da clivagem de sua contraparte simples. As relativas, que são predicacionais, não possuem uma contraparte simples em nenhum nível de representação. Assim, consideraremos que o CP das clivadas não contém uma relativa.

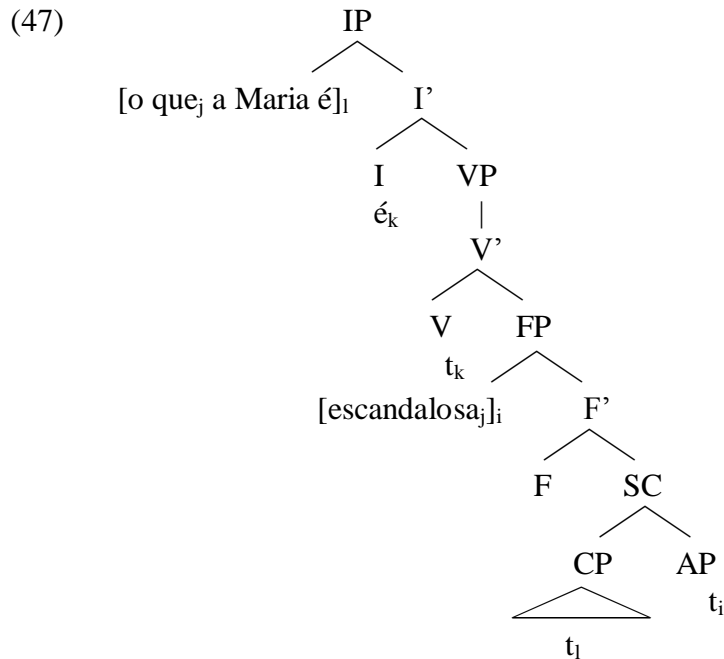
1.4.3. Estrutura sintática das pseudo-clivadas.

Para dar continuidade ao trabalho, buscando analisar as pseudo-clivadas diacronicamente, é necessário traçar a estrutura assumida para essas sentenças. De antemão, assumimos que as sentenças predicacionais possuem a mesma estrutura de base de uma copular comum e não são analisadas nesta pesquisa como pseudo-clivadas:



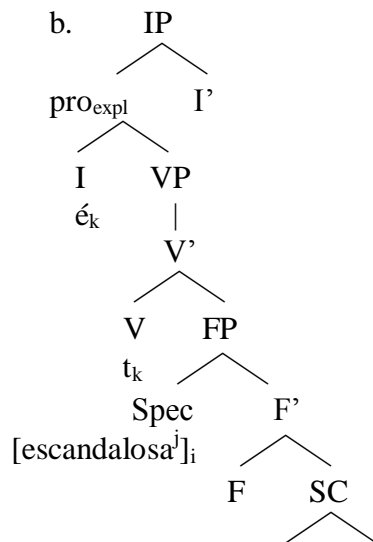
A estrutura assumida para este estudo consiste numa proposta que diferencia especificacionais de predicacionais, visto que apenas a primeira seria, de fato, uma pseudo-clivada. Resenes (2009) propõe que a estrutura das PCLs possui o núcleo funcional FP (*Focus Phrase*), selecionado pela cópula, o que é desejável, já que a cópula também é

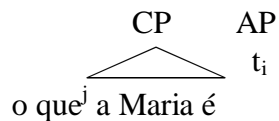
responsável pela focalização. O núcleo F seleciona diretamente a SC, e é responsável por alojar o foco, que se desloca para SpecFP onde é interpretado:



Segundo a autora, se o foco for movido para a SpecFP e a cópula para I, isso resultará em uma pseudo-clivada extraposta:

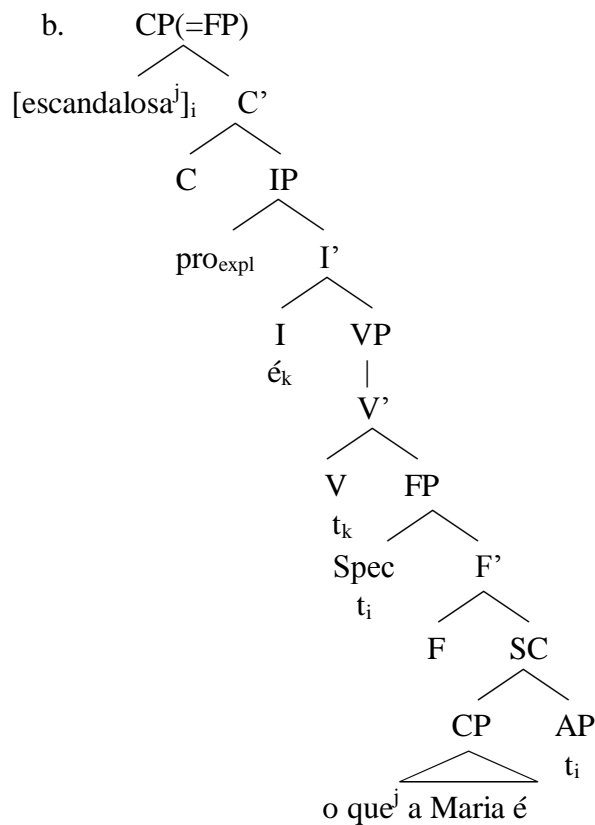
(48) a. É escandalosa o que a Maria é.





Nas pseudo-clivadas invertidas, que tem interpretação contrastiva, o foco faz um movimento adicional para o CP mais alto:

(49) a. Escandalosa é o que a Maria é.



Com relação à estrutura da *small clause*, a autora segue a proposta de Costa e Duarte (2006), onde a relativa é o sujeito e o foco, o predicado. O que leva a autora a crer nessa hipótese é que a ordem natural das sentenças especificacionais é pressuposição-foco. Além disso, no caso do foco ser um adjetivo, não parece muito natural gerá-lo na posição de sujeito da SC.

O que nos faz optar pela estrutura sintática de Resenes é a diferenciação que a autora faz entre PCs e copulares comuns através de uma categoria para alojar o foco. A

autora aponta, ainda, para uma diferença entre a natureza da SC da sentença especificacional e da predicacional (com base em Heycock e Kroch (1998; 1999)). A primeira apresenta uma *small clause* do tipo equativa, e a segunda uma *small clause* predicativa, mostrando que, mesmo a categoria SC estando presente nos dois tipos de sentença, ela é de natureza diferente em cada uma delas.

1.5. Síntese do Capítulo

Até o presente momento, procuramos apresentar um pano de fundo para a pesquisa diacrônica no *corpus* Tycho Brahe, ou seja, mostrar o que são as clivadas e quais as suas características. Além disso, apresentei algumas propriedades do fenômeno que devem receber atenção durante a pesquisa no *corpus* para que não busquemos não-clivadas como clivadas.

Foi feito um breve apanhado sobre a estrutura informacional da sentença, onde comentamos sobre o foco e os tipos de foco, selecionando o quadro geral com base nas pesquisas já existentes⁴, o que, em resumo, nos leva a assumir os seguintes tipos de focos: informacional, contrastivo e identificacional, contrastando os mesmos com a pressuposição da sentença. Assim, podemos identificar clivadas e observar outros recursos de focalização utilizados por falantes nos textos do *corpus*. Vimos também que a focalização ocorre através do movimento do constituinte focalizado para uma projeção específica para alojar o foco, em um segmento da estrutura denominado ‘periferia esquerda’, que se localiza acima de IP.

No campo das clivadas propriamente ditas, mostramos que não podemos confundir clivadas com não-clivadas olhando apenas para a estrutura linear, mas que existem ‘pré-requisitos’ para uma sentença ser interpretada como clivada e que o conhecimento desses requisitos é necessário para que busquemos no *corpus* apenas as clivadas legítimas. Uma confusão que pode ser comum é confundir o CP das clivadas com CPs relativos, que, como vimos, não são iguais.

⁴ Kiss (1998) e Zubizarreta (1998)

É possível ainda que, mesmo com o conhecimento entre relativas livres e o CP das clivadas, a ambiguidade não seja desfeita em amostras de sentenças do *corpus*:

- (50) E avendo já hum mes , que hião naquella volta nauegando com vento prospero , foram dar na costa desta provincia : ao longo da qual cortáram todo aquelle dia, parecendo a todos que **era algũa grande ilha que ali estaua** , sem aver Piloto, nem outra pessoa algũa que teuesse noticia della , nem que presumisse que podia estar terra firme pera aquella parte Occidental .

Vimos também que a clivada não ocorre apenas na forma canônica, mas também na forma invertida, com o foco antes da cópula. Ainda no campo das clivadas, apresentamos a estrutura sintática assumida, proposta por Miotto & Figueiredo Silva (1995) e Modesto (2001).

Com as pseudo-clivadas, procuramos seguir a mesma linha do apanhado geral sobre as clivadas, acrescentando características exclusivas de PCs. Observamos que as pseudo-clivadas se diferem das clivadas no CP, já que o daquela é um *wh* e o desta um complementizador, mas ambas são sentenças com foco e também a PC precisa possuir determinadas características, além da sequência de constituintes, para ser considerada pseudo-clivada.

Vimos que também podemos confundir sentenças predicacionais, de mesma sequência de uma PC, com clivadas, que são especificacionais. Esse parecer a respeito da ambiguidade apresentada por Akmajian (1970) é importante no sentido de assegurar que as sentenças retiradas do *corpus* são de fato especificacionais, ou seja, clivadas legítimas.

Pudemos observar que, assim como as clivadas, as pseudo-clivadas também podem se organizar de outras formas além da canônica. É o caso das PCs invertidas e extrapostas. Além disso, também verificamos o CP das pseudo-clivadas, que é comumente confundido e citado na literatura como uma relativa livre, o que não será assumido nesta pesquisa, por evidências já conferidas nas seções anteriores.

Por fim, também assumimos uma estrutura para as PCLs, que é a proposta de Resenes (2009). A estrutura da autora faz a distinção necessária entre predicacionais e especificacionais, assumindo uma categoria específica (FP) para alojar o foco.

No capítulo seguinte, veremos o aparato teórico sobre a mudança linguística no Português que dialogará com o comportamento das clivadas ao longo dos séculos 16-19.

CAPÍTULO 2

MUDANÇA LINGUÍSTICA

2.1. Introdução

Este capítulo é dividido em três partes. Na parte I, apresentamos o pano de fundo para a análise no que diz respeito aos pressupostos teóricos sobre a mudança linguística. A parte II é dedicada a aspectos da mudança dentro do Português do século 16 ao 19 para os quais assumimos um papel fortemente atuante nos fenômenos envolvendo sentenças de foco marcado. Na parte III, o assunto se torna mais específico, já que recorreremos a trabalhos anteriores a respeito da mudança envolvendo a clivagem.

2.2. Parte I – Aspectos gerais da mudança gramatical nas bases da gramática gerativa

Antes de partirmos para a parte mais específica desta pesquisa, que é a mudança envolvendo as clivadas no Português, devo ressaltar os pressupostos teóricos que servirão de alicerce para o estudo. Esses pressupostos se enquadram dentro da teoria da gramática gerativa, desenvolvida por Noam Chomsky. Dentro dessa teoria, é defendida a criatividade do falante e sua capacidade de compreender e produzir sentenças inéditas e infinitas, com base em um número finito de regras.

No gerativismo, o ser humano já vem dotado com a capacidade de adquirir linguagem, essa capacidade é chamada de *Faculdade da Linguagem*. Os seres humanos, portanto, já vêm dotados de regras universais, comuns a todas as línguas, que são chamadas de *Princípios*. Em processo de aquisição, a criança irá fixar as características da língua à qual está exposta. Essas características são chamadas de *Parâmetros*. Uma criança exposta

a uma língua de sujeito nulo, por exemplo, irá fixar ‘positivo’ para o parâmetro ‘sujeito nulo’.⁵

Unir os pressupostos teóricos da mudança com a Gramática gerativa, mais especificamente com a abordagem de Princípios e Parâmetros, nos leva a mais um conceito importante que será assumido para essa análise, o de *Mudança Paramétrica*.

Utilizarei o conceito de Mudança Paramétrica com a intenção de assumir um pressuposto teórico sobre ‘como a língua muda’. Mas de que língua estamos falando? Vamos, então, discriminar mais dois conceitos importantes: o de língua interna (língua-I) e o de língua externa (língua-E).

2.2.1. Língua-I, língua-E e mudança paramétrica

Estamos tratando, até o momento, do modo pelo qual ocorre a mudança em uma dada língua. Lembremos, porém, que a língua a qual o falante está exposto não é a mesma que está internalizada dentro de sua mente. Vamos, então, chamar a atenção para o conceito de língua interna (língua-I) e o de língua externa (língua-E).

A língua-I, de acordo com Lightfoot (2006), é a gramática individual, a língua enquanto sistema, que caracteriza a gama de conhecimento linguístico de um indivíduo e é representada em sua mente, existindo somente dentro dela. Já a língua-E representa a realização física da língua, ou seja, consiste em todos os dados aos quais a criança pode estar exposta.

A língua-E não é um sistema, o sistema existe apenas na mente do falante. São os dados da língua externa que estarão disponíveis para que a criança fixe os parâmetros. Por isso a língua-I é um sistema individual, pois duas crianças não ouvem exatamente a mesma coisa no processo de aquisição e duas pessoas não produzem exatamente os mesmos *outputs*. Um exemplo de língua interna é o sistema internalizado na mente da Maria ou do João e exemplos de línguas externas são o Português, o Inglês e o Alemão. Neste estudo, trato de mudanças na língua-I (gramática interna dos autores do século 16 ao 19) através da análise dos dados da língua-E (textos escritos em Português pelos autores).

⁵ (Cf. Chomsky (1986))

Quando a criança ouve uma expressão ambígua de um parâmetro e, por questões de economia, o fixa em sua língua-I com o valor da expressão mais econômica, sendo que o valor fixado é diferente do valor fixado pela geração anterior para tal parâmetro, ocorre a mudança paramétrica. Assim, as crianças constroem uma nova gramática diferente daquela da geração anterior.

Língua-I e língua-E se afetam reciprocamente. Como afirma Lightfoot (2006), a mudança na língua-I causa mudança na língua-E e vice-versa. Se a criança ouve dados diferentes, ela irá chegar a uma nova gramática e, se ela utiliza uma nova gramática, ela irá produzir dados diferentes. Segundo o autor, portanto, uma língua-E como o Inglês, por exemplo, revela os outputs das gramáticas de seus falantes, bem como a variação no uso dessas gramáticas. Assim, a língua-E está sempre mudando, e essa mudança ocorre, quase sempre e aparentemente, de forma gradual.

Para tratarmos da mudança envolvendo o Português, olharemos para o período dos séculos 16 a 19, mais especificamente, a passagem do século 17 para o século 18, onde a mudança envolvendo o movimento do verbo afeta o uso das estratégias de focalização.

2.2.2. Gramaticalização e reanálise

Partimos agora, brevemente, para dois conceitos que estão envolvidos no processo de mudança envolvendo as clivadas. Um deles é a gramaticalização, que seria um ‘tipo’ de mudança, e a reanálise, um mecanismo para a mudança. Os dois conceitos estão fortemente ligados, visto que a reanálise está implícita na gramaticalização.

Quanto ao conceito de gramaticalização, Hopper e Traugott (1993) apontam para dois significados do termo. Um deles está relacionado com fenômeno da linguagem em si, e se refere aos estágios em que itens se tornam mais gramaticais ao longo do tempo. O outro sentido para o termo está ligado ao quadro de pesquisa e se refere à parte do estudo da mudança lingüística que se concentra em questões como: de que forma itens lexicais vêm ao longo do tempo a desenvolver funções gramaticais?

O termo “gramaticalização” foi introduzido por Meillet (1912)⁶, que defende que as transformações gramaticais envolvem dois processos, um deles é a analogia, que é a composição de uma forma a partir do modelo de uma outra, como, por exemplo, a conjugação de um verbo a partir do modelo de um outro : *bebeu/fazeu*. Outro processo envolvido na gramaticalização é a atribuição de caráter gramatical a uma palavra que já foi autônoma. Lightfoot (2006) aponta para a relação entre semântica e a noção introduzida por Meillet, no sentido de que a gramaticalização está relacionada com a tendência de um item de sentido pleno, perder a carga significativa ao longo do tempo, passando a ser usado com funções gramaticais.

Para a melhor compreensão do que vem a ser um termo lexical e um termo gramatical, retomemos Hopper e Traugott (1993) que mostram a distinção comumente aceita entre palavras de conteúdo (itens lexicais) e palavras funcionais (itens funcionais). As primeiras servem para se relacionar ou descrever coisas, ações e qualidades. Exemplos de palavras de conteúdo são nomes, verbos e adjetivos. Já as palavras funcionais servem para estabelecer relações entre termos nominais, ligar partes do discurso, indicar quais elementos do discurso já estão identificados ou não e para mostrar o grau de proximidade que esses itens têm em relação ao falante. São exemplos de itens funcionais: conectivos, pronomes e demonstrativos.

A gramaticalização está fortemente relacionada à reanálise, pois, se um item é gramaticalizado, ele não possui mais as mesmas propriedades anteriores. Hopper e Traugott (1993) chamam de *reanálise* o processo pelo qual as propriedades gramaticais e semânticas são modificadas. Isso significa, segundo os autores, que o ouvinte valora uma forma com estrutura e sentido diferentes daqueles intencionados pelo falante. No entanto, na reanálise, essas modificações não afetam imediatamente a sua estrutura superficial de acordo com Langacker (1977) *apud* Hopper e Traugott (1993).

Para melhor entendimento do conceito de reanálise, Hopper e Traugott utilizam o exemplo do termo [Hamburg]+[er], utilizado originalmente para identificar um *elemento culinário proveniente de Hamburgo*. Este termo foi reanalisado como [Ham]+[burger], onde, usualmente, termos como *cheese* ou *beef* substituem *ham*, originando *cheeseburger*,

⁶ As citações correspondentes ao trabalho de Meillet (1912) são baseadas nas discussões feitas na disciplina de Seminário Temático em Linguística Histórica. (Unicamp – 2012/1)

por exemplo. Ou seja, as propriedades do termo foram modificadas, pois temos uma nova estrutura, cujos elementos possuem novos sentidos. Entretanto, ao nos depararmos com a forma superficial *hamburger*, não observamos a manifestação do contraste [Hamburg]+[er]/[Ham]+[burger].

Mais adiante veremos que, na literatura, a gramaticalização já foi apontada para explicar a cópula invariável em clivadas invertidas, através da reanálise, onde o verbo *ser* se torna ainda mais funcional, por não apresentar concordância temporal com a sentença encaixada, passando a termo acessório que focaliza constituintes.

2.3. Parte II - Mudança no português

Nesta seção chamo a atenção para a mudança no âmbito do Português do século 16 ao século 19. Para dialogar com a ocorrência das clivadas ao longo dos séculos, me debruço principalmente sobre a questão do Português como língua V2 e também sobre a queda desse sistema a partir do século 18, que significa a perda do movimento do verbo para uma posição alta, bem como o início de uma nova gramática, a gramática moderna, que seria aquela na qual se insere o PE atual.

As línguas V2 apresentam o verbo em segunda posição em sentenças declarativas matriciais, sendo que a posição pré-verbal é ocupada por um XP qualquer, que pode ser ou não o sujeito da sentença. Essa estrutura é possível pelo alçamento do verbo para uma posição mais alta e do XP para uma posição ainda acima. Porém, não há consenso geral na literatura para a posição que aloja tanto o verbo, quanto o constituinte pré-verbal.

Antes de discutir as análises V2 para o Português, vamos delimitar suas fases. Seguirei aqui a mesma periodização proposta por Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (2006) *apud* Antonelli (2011). De acordo com as autoras, o português se divide em uma primeira etapa correspondente à gramática dos séculos 13 e 14 denominada Português Arcaico (PA); uma segunda denominada Português Médio (PM), correspondente ao período a partir do século 15; e a terceira fase que se inicia no século 18 e se estende aos dias atuais, correspondente ao Português Europeu Moderno (PE).

Autores como Torres Moraes (1995), Galves (1997), Paixão de Sousa (2004), Galves, Brito e Paixão de Sousa (2005), Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010), Galves e Gibrail (2013) e Galves e Paixão de Sousa (2013) defendem que o Português, em fases anteriores, foi um sistema V2 até o final do século 17.

Galves e Paixão de Sousa apontam para o fato de o sistema V2 do Português Clássico ainda coexistir com V1 e V3. A existência de outros padrões de ordem de palavras nos faz questionar se o Português Clássico correspondia, de fato, a um sistema V2, porém, há evidências de que, mesmo apresentando outras ordens, o Português possuiu características de um sistema V2 legítimo, ou seja, disponibilizava de uma posição na periferia esquerda da sentença para alojar o verbo.

2.3.1. O Português médio como sistema V2

É importante ressaltar que, para a análise das clivadas diacronicamente, considerarei que o português médio foi um sistema V2 até o início do século 18. A argumentação fortemente defendida na literatura para essa propriedade do PM será exposta adiante através de evidências já apontadas.

O trabalho de Ribeiro (1995) engloba também a fase do português antigo. Para a autora, o PA consistia em um sistema V2, onde o verbo, nas sentenças raízes, efetuava movimento para o núcleo C, e outro XP seria alçado para SpecCP. Um dos argumentos da autora é o fato de as sentenças raízes de ordem V2 apresentarem outros elementos que não são o sujeito, como argumentos e adjuntos, na posição inicial da sentença, se comportando como línguas V2 típicas como o Alemão. O Português Antigo se diferencia de outras línguas V2 pela presença coocorrente das ordens V1 e V>2, sendo que, nos dados da autora, a ordem mais frequente é V1, indicando que o frontamento de XPs para SpecCP no PA é opcional.

Antonelli (2011) também argumenta a favor da análise V2 para as sentenças matrizes do PM. O que leva o autor a chegar nessa conclusão são evidências envolvendo as inversões germânica e românica. A primeira apresenta sujeito posposto adjacente ao verbo (XVS) e a segunda apresenta algum interveniente entre o verbo e o sujeito posposto

(XVXS). Dessa forma, o autor explica o que acontece na estrutura do Português Médio, já que ele aceita as duas possibilidades de inversão.

A interpretação comumente assumida para as possibilidades de inversão é que, no tipo germânico o verbo se move para C, enquanto no românico o verbo se desloca até T. Para evitar uma explicação com base em uma variação no mesmo contexto, o autor sugere que a diferença entre os tipos de inversão está, na verdade, na posição do sujeito, e não do verbo. Dessa forma, o autor argumenta que há duas posições pós-verbais para o sujeito. Na inversão românica o sujeito permanece dentro de VP, havendo posições livres para qualquer elemento interveniente entre o verbo e o sujeito. Já na inversão germânica, o sujeito se encontra em TP, ficando adjacente ao verbo.

Porém, ainda trata-se de uma variação dentro de um mesmo contexto. Para lidar com isso, o autor mostra evidências para a existência dessas duas posições para alojar o sujeito no PM, mas, para isso, é necessário definir a fronteira do sintagma verbal. Citando a análise de Costa (1998, 2004), o autor mostra que o advérbio *bem* pode ser utilizado para marcar a fronteira de VP:

- (1) a. ?***Comeu** *o Paulo* bem maçãs.
- b. ***Comeu** *o Paulo* maçãs bem.
- c. **Comeu** bem *o Paulo* maçãs.

Os exemplos mostram que o advérbio *bem*, em sentenças raízes com sujeito posposto do Português Europeu atual, deve ocorrer necessariamente entre o verbo e o sujeito, indicando que, no PE, há apenas uma posição disponível para o sujeito pós-verbal, que é dentro de VP:

- (2) Comeu [VP bem [VP o Paulo maçãs.

Antonelli utiliza a ordem linear do advérbio *bem* no PE e o seu papel como marcador de fronteira de VP como parâmetro para análise do PM. O autor sugere que o sujeito posposto, que aparece à direita do advérbio *bem*, se encontra dentro dos limites de VP. Já os casos que apresentam o sujeito posposto à esquerda do advérbio indicam o

deslocamento do sujeito para uma posição mais alta em relação a VP. Nos dados do PM utilizados pelo autor⁷, as duas possibilidades foram encontradas:

- (3) a. E quadra-lhe bem o nome de Piemonte (Sousa, 155.1760)
- b. E nos gasalhados e abraços mostraram os cardeais legados bem este contentamento; (Sousa, 159.1839)

Com base nisso, o autor conclui que há duas posições estruturais para o sujeito no posposto PM:

- (4) a. Quadra-lhe [VP bem [VP o nome de Piemonte
- b. Mostraram os cardeais legados_i [VP bem [VP t_i este contentamento

A explicação do autor para as duas possibilidades de posição para o sujeito posposto no PM está no estatuto informacional. O autor mostra, seguindo Âmbar (1992), que, no PE, o sujeito quando foco informacional deve ocupar necessariamente a posição pós-verbal, mas quando o sujeito não veicular essa informação, ele deve ser necessariamente pré-verbal (Costa (2004)):

- (5) a. Quem comeu o bolo?
- b. **Comeu** o João.
- c. # A Joana **comeu**.

- (6) a. O que é que o Paulo **partiu**?
- b. O Paulo **partiu** a janela.
- c. # **Partiu** o Paulo a janela.
- d. # **Partiu** a janela o Paulo.
- e. # A janela **partiu** o Paulo.

⁷ Os dados da pesquisa de Antonelli (2011) também foram retirados do corpus histórico do Português *Tycho Brahe*.

Nos dados do autor, os sujeitos pospostos que precedem o advérbio *bem* possuem características anafóricas, enquanto os que aparecem à direita do advérbio veiculam informação nova, ou seja, são o foco informacional da sentença.

Com base em todos os dados e evidências expostos até aqui, o autor verifica que, no PM, havendo duas posições estruturais para o sujeito posposto, o verbo se move para a periferia esquerda. Já no PE, a existência de apenas uma posição estrutural para o sujeito posposto, indica o movimento do verbo apenas até T. Tendo em vista o movimento do verbo para uma posição alta nas sentenças matrizes do PM, Antonelli conclui que o PM se comportaria como um sistema V2.

Galves e Gibrail (2013), com base nos fatos envolvendo o advérbio *bem*, apontados em Antonelli (2011), argumentam não só a favor da existência de uma posição mais alta para alojar o sujeito posposto, mas mostram evidências de que objetos diretos e indiretos também podem ser extraídos para fora dos domínios de VP. Isso é evidenciado pela presença desses elementos à esquerda de advérbios de modo em sentenças encontradas em textos do *corpus* Tycho Brahe, como o exemplo abaixo:

- (7) Em muytas occasiões **advirtio** Deos à Madre Elena *interiormente* o que convinha à sua honra. (Céu (n. 1657))

Além dos advérbios, os quantificadores flutuantes em sentenças VS também apresentam evidência para a existência de uma posição fora de VP para os sujeitos pospostos:

- (8) **Estavam** já os esquadrões *ambos* para marchar

Galves e Paixão de Sousa (2013) também argumentam a favor da hipótese de que o PM teria sido um sistema V2. Porém, diferentemente de sistemas V2 germânicos, o PM constitui uma língua de sujeito nulo, com V2 superficial que coocorre com V1 e V3. Uma forte evidência apontada pelas autoras para analisar o PM como sistema V2 é a alta frequência de ordem VS em relação a SV. Sendo assim, as autoras afirmam que o Português Médio não é uma língua SV, sendo que o sujeito pré-verbal ocupa a mesma

posição que qualquer outro XP fronteado pode ocupar: a posição inicial, que é reservada para elementos discursivamente proeminentes, seja ele sujeito ou qualquer outro XP. Isso significa que SV é um subtipo de XV, como em qualquer língua V2. Por isso, as autoras afirmam que as Línguas Românicas V2 devem ser analisadas sob uma ótica diferente de línguas V2 germânicas, como o Alemão.

Para Paixão de Sousa (2004), o PM também consistia num sistema V2. A autora defende que as construções de ordem V2 linear são de duas naturezas possíveis. Em uma delas, que a autora chama de fronteamento, o XP pré-verbal atinge a sua posição por movimento na sintaxe:

- (9) #[XV] - *fronteamento*:
[VX] → [X [V t_X]]

Elementos como advérbios modais, quantificadores e focos podem ocupar essa posição:

- (10) #[**Todos** me tratam ...

A outra natureza de construções XV ocorre por adjunção de X. Nesse caso não há movimento, mas sim, a adjunção de um elemento gerado fora dos limites sintáticos e fonológicos da sentença:

- (11) X#[V] - *adjunção*:
[V] → [X]+[V]

Os elementos que podem ocupar essa posição são apenas aqueles de natureza referencial, ou seja, os argumentos dos verbos e também elementos pré-verbais que não são constituintes de VP:

- (12) **EmSintra** # [obrigava-me a tomar ...

A colocação dos clíticos é um bom indicador da posição do elemento pré-verbal. Tendo como base a generalização de Tobler-Mussafia, que trata da restrição de clíticos em primeira posição, Paixão de Sousa argumenta que os clíticos podem ser marcadores da posição interna e externa de elementos pré-verbais. Sendo assim, se os clíticos não podem ocupar a primeira posição na sentença, a próclise (clítico pré-verbal) indica fronteamento de um elemento à posição interna, e a ênclise (clítico pós-verbal) indica adjunção do elemento pré-verbal externo.

De acordo com Paixão de Sousa, portanto, a ênclise indica V1. Sentenças de ordem superficial V2 ou V3 com ênclise, portanto, indicam V1 estrutural, pois a ênclise seria condicionada pela impossibilidade de o clítico se deslocar para a posição pré-verbal, visto que ficaria em primeira posição, violando a generalização de Tobler-Musafia:

- (13) a. Entre as fadigas da corte # [levava-**lhe** toda a alma... (V1 estrutural, V2 superficial).
b. Vendo tão rara e verdadeira amizade, el-rei Dionísio o mais velho #[___disse-**lhes** ... (V1 estrutural, V3 superficial).

As estruturas V3 superficiais também podem indicar ordem V2 estrutural. Isso ocorre quando o elemento na posição mais alta é adjungido externamente à sentença e o elemento pré-verbal mais baixo é fronteado ocupado a primeira posição estrutural. A próclise, que indica fronteamento, é uma boa evidência para V2 estrutural em sentenças com ordem V3 superficial:

- (14) Como se póde fazer, # [já **o** disse

As sentenças de ordem superficial V1 e V3, portanto, não configuram um indício para que o PM não seja analisado como um sistema V2. O português dos séculos 16 e 17 será assim considerado neste estudo. Na seção seguinte, assumiremos uma estrutura para as sentenças matrizes e subordinadas do período.

2.3.2. A estrutura V2: Antonelli (2011)

Nas análises anteriores do PM como sistema V2, já foram defendidas três possibilidades de estrutura, nas quais o verbo se move para C, I ou Fin. De acordo com Antonelli, a hipótese CP-V2, defendida por autores como Thiersch (1978) e den Besten (1983), postula o movimento do verbo de V para C e o fronteamento do XP pré-verbal para Spec de CP. Uma das evidências apresentadas por Vikner (1995) está no fato de que, no Alemão, uma típica língua V2, tanto o verbo de sentenças matrizes declarativas, quanto o complementizador de subordinadas não V2 precedem imediatamente o sujeito, estando, portanto, ambos em C:

(15) a. Diesen Film haben die Kinder gesehen.

Este filme têm as crianças visto.

As crianças viram este filme.

b. Er sagt, dass die Kinder diesen Film gesehen haben.

Ele diz, que as crianças este filme visto têm.

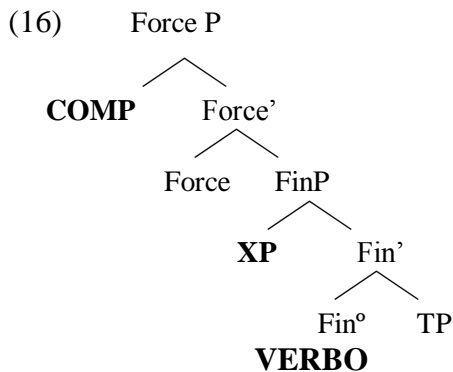
Ele diz que as crianças viram este filme.

Outra análise, que é alternativa à hipótese CP-V2, é aquela que defende que o verbo se move para I e o elemento fronteado para Spec de IP. Essa análise, chamada de IP-V2, aparece em autores como Diesing 1990 e Santorini (1992, 1995). O argumento a favor dessa hipótese é que, no caso de línguas V2 como o Islandês e o Iídiche, não há assimetria entre a posição dos verbos nas sentenças matrizes e subordinadas, ou seja, o verbo ocupa a segunda posição em ambos os casos, o que indica que não há um bloqueio do movimento do verbo por parte do complementizador, indicando que o verbo não estaria acima de IP.

Roberts (2004) *apud* Antonelli (2011) apresenta uma outra proposta para a estrutura V2. Para ele, no sistema V2, o núcleo Fin (que, conforme propõe Rizzi (1997), se encontra na periferia esquerda da sentença (Cf. seção 1.2.1)) deve estar lexicalmente realizado. Nas orações matrizes, esse requisito é satisfeito com o movimento do verbo para Fin, e de um XP qualquer para Spec de FinP, para satisfazer o requerimento de EPP de Fin. Já nas

subordinadas, em línguas V2 assimétricas, como o Alemão, a lexicalização de Fin se dá diretamente pela concatenação do complementizador.

Entretanto, nas línguas que apresentam ordem V2 nas orações subordinadas, o complementizador seria concatenado em Force, o que significa que não há bloqueio do movimento do verbo para Fin, o que explicaria a compatibilidade entre a presença de complementizador e ordem V2 em subordinadas:



Antonelli apresenta uma proposta seguindo Roberts, porém acrescentando uma explicação para a ausência do traço EPP nas subordinadas, já que em Roberts, apenas nas matrizes, Fin parece apresentar esse traço, já que, em subordinadas, não há casos em que um XP frontado preceda o complementizador. A explicação de Roberts para essa ausência é que o traço é uma propriedade de Fin apenas quando o seu requerimento fonético é satisfeito via movimento, o que não acontece nas subordinadas, já que o complementizador se concatena diretamente, satisfazendo o princípio *Merge over Move*.

Antonelli apresenta uma explicação diferente. Primeiramente, ele argumenta que o núcleo Fin vem especificado com traços Phi. O autor apresenta um série de evidências para isso, entre elas o exemplo de dialetos germânicos em que o complementizador concorda com o sujeito da oração encaixada. O núcleo Fin forçaria, então, o movimento de um XP para SpecFinP, após a valoração dos traços Phi, por relação de concordância, já que, para o autor, os traços Phi de línguas V2 estariam sempre associados ao EPP. Nas subordinadas, o movimento do XP não ocorre, pois os traços Phi de Fin são cancelados pela concatenação

direta do complementizador, visto que, para um núcleo ser especificado com tais traços, ele precisa ser v-relacionado, o que não é o caso de COMP.

A questão do movimento de um constituinte qualquer para SpecFin para satisfazer o EPP, segundo o autor, deve ser relativizada, dada a existência da ordem V1 no PM. O autor argumenta que o EPP de Fin pode ser satisfeito pelo movimento do verbo para esse núcleo, explicando, assim, a ordem V1. Seguindo Alexiadou & Anagnostopoulou, Antonelli mostra a parametrização apontada pelos autores para as línguas contemporâneas: há as línguas que checam o EPP através do Preenchimento de SpecTP por um DP visível, como o inglês, e línguas que checam esse traço com o movimento do verbo, dada a morfologia verbal, esse é o caso de línguas de sujeito nulo. Para Antonelli, a checagem que ocorre em TP pode ser equiparada à checagem em Fin, visto que tanto o EPP de T quanto o de Fin são motivados por traços Phi.

Outra ressalva de Antonelli com relação aos traços de finitude é a que, em oposição ao que é proposto por Roberts, o que motiva o movimento do verbo e a concatenação do complementizador em Fin, não é o requerimento de realização fonética do núcleo, pois isso significaria uma restrição pós-sintática, no componente fonético, implicando em um movimento fora da sintaxe visível, porém, para o autor, o movimento de núcleos é uma operação da mesma, ou seja, o preenchimento de Fin, tanto pelo verbo como pelo complementizador, não ocorre por motivações fonéticas. O que ele sugere é que há um requerimento pela presença de um traço de finitude [+F], já que a restrição V2 é uma propriedade de orações finitas. Além disso, se não ocorre o movimento do verbo para a periferia esquerda, é um complementizador finito que é necessariamente lexicalizado.

Nestes últimos parágrafos, foi necessário apresentar algumas ressalvas para diferenciar a análise de Antonelli da proposta de Roberts. Porém, com relação à estrutura em si do sistema V2, ainda considerando as restrições e motivações apontadas acima, assumiremos, aqui, a análise de Roberts para a estrutura de V2 representada em (16) e assumida também por Antonelli.

Vamos agora às sentenças subordinadas desse período. De acordo com Antonelli, nas sentenças subordinadas do Português Clássico, o verbo não se move para Fin. Para ele, as orações dependentes completivas do PM apresentam dois complementizadores, um em Force e outra em Fin. O complementizador *que* das orações completivas estaria sempre em

Force, sendo responsável por satisfazer o traço responsável pelo tipo de sentença. Enquanto isso, Fin alojaria um complementizador homófono ao de Force, mas que pode ou não ter matriz fonológica.

O autor mostra que o complementizador *que* se encontra acima de categorias de tópico e foco e uma evidência para isso seriam sentenças onde os elementos fronteados aparecem à direita do complementizador, como o exemplo abaixo, retirado de Vieira (n. 1608)

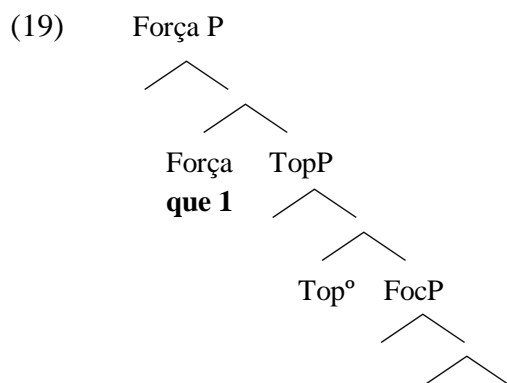
(17) Aconselhára eu a Acab **que**, nas circunstancias presentes, fizesse a guerra...

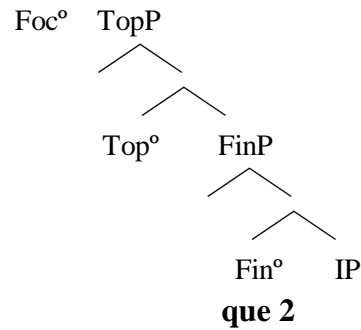
Com relação ao complementizador em Fin, mesmo que a sua realização fonológica não seja obrigatória, ele está sempre presente e tem a função de satisfazer os traços de finitude [+F] da sentença. Sendo assim, ele impede a subida do verbo para Fin. Isso significa, portanto, que o sujeito também não se aloja na periferia esquerda nas subordinadas, de acordo com o autor, ele se aloja em SpecT.

Uma evidência a favor do complementizador homófono em Fin, segundo Antonelli, são os casos de recomplementação em textos do século 17, como o exemplo abaixo retirado de Ribeiro e Torres Moraes (2009):

(18) dizendo q. a mula q. estava com dezeios de fazer tal cousa

Considerando a análise de Antonelli (2011), a periferia esquerda das sentenças subordinadas do português médio seria a seguinte:





2.3.3. A perda de V2

Assumimos, até então, que o português médio se comporta de forma semelhante a outras línguas de sistema V2, considerando, naturalmente, as suas particularidades, como o licenciamento de outras ordens. Vimos também que Antonelli (2011), seguindo Roberts (2004), argumenta que, nas sentenças matrizes do PM, o verbo se desloca para o núcleo Fin, enquanto um XP qualquer se aloja na posição SpecFin, licenciando a ordem V2.

É defendido na literatura, entretanto, que o padrão da ordem no português sofre processo de reanálise e, a partir de 1700, o Português já começa a se enquadrar no seu período contemporâneo, instanciando uma nova gramática que não se classifica mais como sistema V2, ou seja, o verbo não se move mais para uma posição alta.

Antonelli (2011), além da apreciação das sentenças matrizes e subordinadas antes de 1700, também fornece uma análise para as sentenças nos séculos 18 e 19. O autor investiga se o Português ainda apresenta propriedades V2 depois de 1700 e argumenta que, depois desse período, o verbo não sofre mais alçamento para Fin. Primeiramente, Antonelli trata dos sujeitos pós-verbais, afirmando que (como vimos na seção 2.3.1), se existe duas posições disponíveis para o sujeito pós-verbal, o verbo deve se deslocar para além de TP, mas se há apenas uma posição para o sujeito, o movimento para a periferia esquerda é desnecessário. Assim como com as sentenças do PM, o autor analisou a ordem nas orações de sentenças dos textos posteriores a 1700, com relação ao advérbio *bem*, que marca a fronteira de VP, como vimos anteriormente.

Nos dados do autor, apenas casos em que o sujeito posposto está à direita de bem foram atestados, indicando que o verbo permanece em VP:

(20) Repare bem Vossa Alteza Real que daqui se não sai, (Marquesa, 99.1253)

A única objeção contra essa evidência, segundo o próprio autor, é a presença de sujeitos pospostos que não tem a função de foco informacional, que, na análise para o PM, deveriam se mover para fora de VP. Para solucionar essa questão, o autor recorre à noção de competição de gramáticas, apontada por Kroch (1989, 1994, 2000). O autor argumenta que a mudança visível ao longo do tempo nos textos é gradual. Isso significa que, mesmo a criança tendo fixado parâmetros de uma nova gramática, ela também pode instanciar a gramática antiga. Portanto, os casos em que o sujeito posposto não é foco informacional seriam resultado da competição entre a gramática anterior ao século 18, onde era licenciado o movimento do verbo para Fin e do sujeito para SpecTP, e a nova gramática.

No que diz respeito às sentenças subordinadas, o autor afirma que o verbo também não se desloca para a periferia esquerda. As sentenças subordinadas do PE se comportariam tais quais as sentenças do PM, com a presença de dois complementizadores, um em Force e outro em Fin, sendo que o primeiro seria sempre lexicalmente visível, enquanto o segundo teria matriz fonológica opcional. A periferia esquerda das sentenças subordinadas do Português após o século 18 seria análoga a (19).

De acordo com Galves e Paixão de Sousa (2013), uma das mais importantes evidências de V2 está ligada à alta frequência da ordem VS. Considerando primeiramente a característica quantitativa da mudança, a frequência de VS decai fortemente nos autores nascidos no início do século 18, sendo que as sentenças de sujeito inicial passam a ser o padrão preferencial. Em todos os textos de autores nascidos depois de 1700, a frequência de SV é superior a VS:

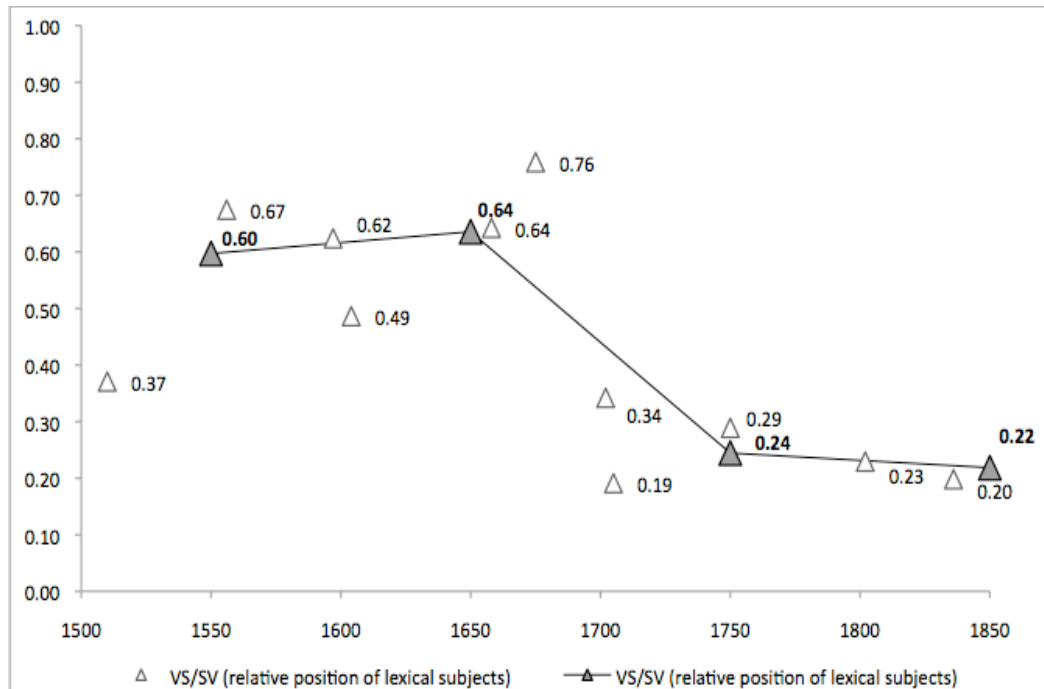


Gráfico 1: posição relativa de sujeitos lexicais em orações matrizes (VS/SV) (Galves e Paixão de Sousa (2013)).

De acordo com as autoras, até o século 18, a ordem proeminente no Português era VSO. Somente a partir de 1700 é que a ordem SVO se torna a ordem mais frequente. A evolução no uso do sujeito pré-verbal coincide com o declínio de elementos que não são sujeitos na mesma posição:

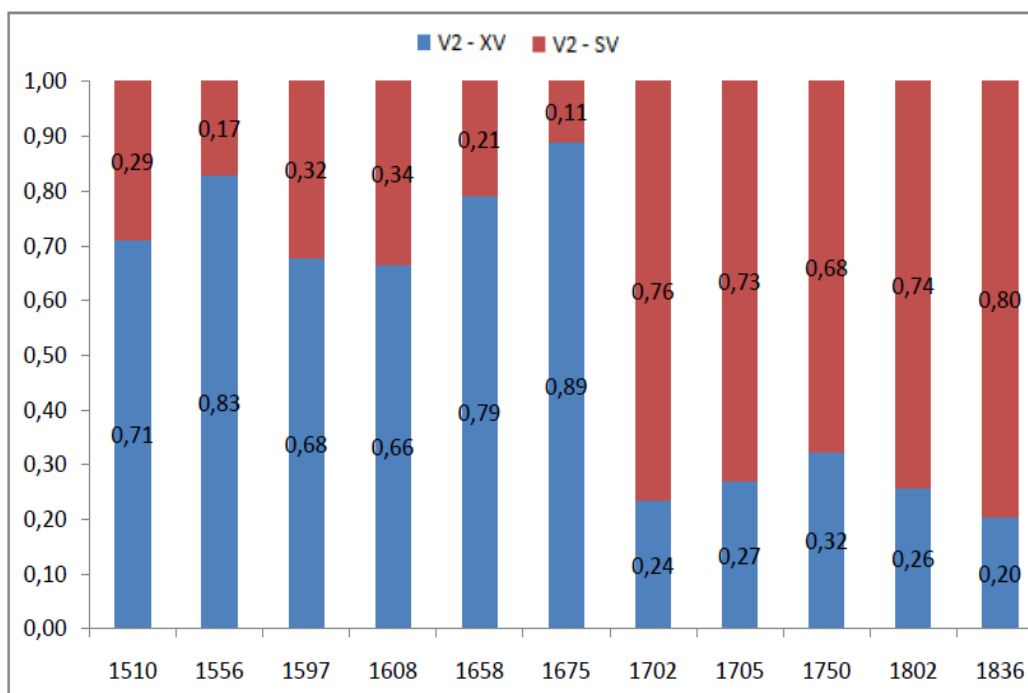


Gráfico 2: Frequência relativa de SV e XV em sentenças V2 (Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010)).

Tais frequências indicam a queda da ordem que é considerada um índice de V2: XVS. Vemos portanto, a alta recorrência de tal ordem antes de 1700 e seu declínio a partir desse período.

Outra evidência para a perda de V2 a partir do século 18 está ligada à relação matrizes-subordinadas. Galves e Gibrail (2013) afirmam que, a partir de 1700 a assimetria entre ambas começa a cessar. O gráfico das autoras, exposto abaixo, mostra que, antes do século 18, há um grande diferença na frequência das ordens de palavras (SVO, VSO e VOS) entre matrizes e subordinadas, ao passo que, depois de 1700, essa diferença desaparece. Além disso, a ordem SV é claramente predominante:

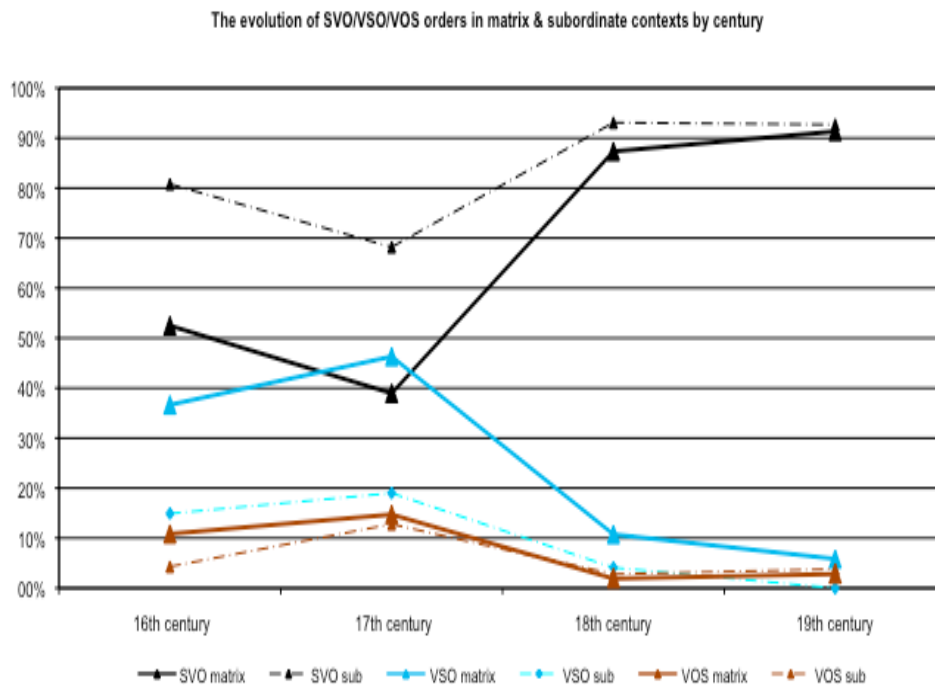


Gráfico 3: Evolução das ordens SVO/VSO/VOS em matrizes e subordinadas. (Galves e Gibrail (2013))

A queda da assimetria entre matrizes e subordinadas a partir de 1700, indica que verbo e sujeito passam a ocupar a mesma posição nas duas orações. Antes da mudança, o sujeito pré-verbal nas sentenças matrizes ocupa uma posição na periferia esquerda, enquanto o sujeito das subordinadas ocupa Spec TP ou se adjunge a T. Nesse caso, de acordo com Galves e Gibrail (2013), os dados do gráfico acima suportam a análise de que o sujeito passa a ocupar SpecTP, após a mudança gramatical. Assim, no que diz respeito a posição do sujeito, a simetria entre matriz e subordinada tende a cessar.

Este dado, juntamente com o fato de o sujeito pré-verbal não ocupar mais a posição de tópico, mas uma posição interna à sentença, e a predominância da ordem SV, sugere que o verbo não se move mais para uma posição alta, para dentro do sistema CP e, nesse caso, não se assemelha ao que é atestado em um sistema V2 típico. Estaríamos, portanto, em uma nova gramática, a gramática moderna, na qual se insere o português europeu atual.

O contraste, no que diz respeito à ordem de palavras entre as sentenças pré 1700 e pós 1700, se instanciará no âmbito das matrizes. Nelas, o verbo sofre alçamento para Fin, antes da mudança, e não licencia mais esse movimento a partir do século 18, sendo que o verbo se move apenas até I/T. No domínio das subordinadas, o comportamento das

sentenças anteriores ao século 18 é de uma configuração semelhante às subordinadas do PE.

2.4. Parte III - Mudança no âmbito das sentenças clivadas

Nesta seção, discorreremos a respeito da diacronia das sentenças clivadas e pseudo-clivadas. Trataremos de duas questões relevantes: o quadro geral da diacronia dos padrões de clivadas, ou seja, a ordem em que cada tipo aparece ao longo do tempo, e dos fenômenos envolvendo essas sentenças, a saber, a reanálise das características [+foco] do complementizador das clivadas e a gramaticalização da cópula do padrão invertido.

2.4.1. Panorama geral do aparecimento das clivadas e a reanálise do complementizador: Kato e Ribeiro (2005)

Vejam a ordem cronológica do aparecimento das clivadas antes do século 19, apresentado por Kato e Ribeiro (2005). De acordo com os dados das autoras, os padrões inversos são licenciados diacronicamente antes dos canônicos. Kato e Ribeiro fornecem uma breve análise para explicar esse fato. Primeiramente, as autoras sugerem que as sentenças CL e PC apareceram no Português na seguinte ordem:

- Pseudo-clivadas invertidas, com cópula em segunda posição e foco em posição inicial, são licenciadas a partir do século 14. Esse é o único tipo de clivada licenciado no período V2 antigo. O foco, que as autoras chamam de elemento equativo, é quase sempre um elemento dêitico:

(21) AQUESTO he o que todos devemos a fazer. (Demanda do Santo Graal)

- As clivadas invertidas começam a aparecer no início do século 15, ou seja, antes das clivadas canônicas, quando o português ainda era uma língua V2:

(22) A DEMANDA DO SANTO GRAAL é que, em TAM mostrará a estes homees. (Demanda do Santo Graal)

- As Pseudo-clivadas canônicas aparecem no português a partir do século 16:

(23) Porém, o que mais importa é que com esta mudança se dilatará mais nossa santa fé. (Faria)

- Finalmente, as clivadas canônicas aparecem a partir do século 18:

(24) é O REI LGÍTIMO que devemos opor ao usurpador. (Alorna)

Em resumo, os padrões inversos precedem os canônicos e são compatíveis com o sistema V2. As autoras afirmam que o padrão canônico é o único incompatível com esse sistema, mesmo que o sistema aceite V1. Para as autoras, as línguas V2 podem veicular foco através de clivadas em que o foco aparece em primeira posição, seguido da cópula, derivando a clivada invertida. Já as línguas não V2 não dispõem somente do padrão invertido.

Elas argumentam que, no período V2, os complementizadores eram do tipo [-Foco], portanto o foco deve se deslocar para o CP mais alto para ser checado, ficando em posição inicial, derivando as clivadas invertidas. Já no período não V2, o complementizador adquire as características [+Foco], podendo o elemento focalizado se alojar no CP mais baixo, sendo possível derivar os padrões canônicos.

2.4.2. Gramaticalização e mudança de ordem nas clivadas: Kato (2009)

As sentenças clivadas, no artigo em questão, são analisadas no período que abrange o PA até o português atual. Kato defende que, nas estruturas de foco (CLs e PCs), há dois

processos de mudanças envolvendo as sentenças focalizadoras na história do português, um deles é a mudança de ordem e o outro seria a gramaticalização.

A respeito da concordância, Kato mostra que dentro das PCs, a cópula concorda com o foco, enquanto o verbo da sentença encaixada concorda com a cabeça da sentença wh:

- (25) a. **Sou** eu quem mais **trabalha** nesta empresa.
b. Eu **sou** quem mais **trabalha** nesta empresa.
c. Quem mais **trabalha** nesta empresa **sou** eu.

- (26) a. **São** os livros o que mais **pesa** na mala.
b. Os livros **são** o que mais **pesa** na mala.
c. O que mais **pesa** na mala **são** os livros.

No âmbito das clivadas propriamente ditas, a autora defende que as clivadas invertidas não derivam de clivadas canônicas e a explicação para o fato está na concordância. As clivadas canônicas apresentam concordância entre o foco e o verbo da subordinada, enquanto a clivada invertida não apresenta concordância da cópula com o foco e nem com o verbo da oração encaixada:

- (27) a. Sou **eu** que **sou** preguiçosa?
b. São **as crianças** que **fazem** barulho.

- (28) Eu é que **sou** preguiçosa /*EU **sou** que **sou** preguiçosa.
b. Nós é que **fazemos** o trabalho./*NÓS **somos** que **fazemos** o trabalho.

A ausência de concordância nas clivadas inversas leva a autora a argumentar que a cópula invariável é resultado de um processo de gramaticalização. Para ela, esse mesmo processo é responsável pelos exemplos de clivadas sem cópula que aparecem apenas no PB:

(29) A Maria que comeu o bolo.

Segundo a autora, a clivada invertida é derivada da sentença que é chamada por Casteleiros (1979) de Clivada Apresentativa, onde a sentença inteira é o foco:

(30) a. O que aconteceu?
b. É que [_F o ladrão levou meu Laptop].

Kato explica que a clivada apresentativa não possui uma projeção para alojar o foco no domínio da subordinada, e, portanto, nas clivadas invertidas, o foco sobe para a periferia esquerda da oração matriz, se alojando em FP:

(31) a. É **que** [o ladrão levou [+Fo meu laptop]].
b. [FP [O ladrão]_i [é [CP **que** [t_i levou o meu laptop.]]]]

No PA, que é um sistema V2, o foco aparecia em posição inicial, seguido de qualquer verbo em segunda posição. Nesse caso as Cls e PCs invertidas, que trazem a cópula em segunda posição são também estruturas V2, porém, apenas as PCs invertidas aparecem no PA em números pequenos. As clivadas invertidas, segundo a autora, aparecem apenas no português médio.

Já para derivar as clivadas canônicas, que, segundo a autora, são uma inovação do século 18, o português passa a projetar FP na periferia esquerda das subordinadas e o foco se alojará em seu especificador:

(32) [É [FP [o ladrão]_i [**que+F** [t_i levou o meu laptop]

Segundo a autora, se o complementizador tiver traço de foco, ele ‘segura’ o foco no FP mais baixo derivando a clivada canônica, mas se ele for um mero complementizador, o foco se desloca para o FP da periferia esquerda da sentença matriz, derivando a clivada invertida.

Portanto, para a autora, tanto as clivadas, quanto as pseudo clivadas com cópula inicial e foco pós-cópula são uma inovação do século 18, ou seja, no Português Moderno, com a queda da sintaxe V2.

2.5. Síntese do Capítulo

No presente capítulo, foram expostos, primeiramente, os pressupostos teóricos em torno da mudança gramatical. Vimos que a pesquisa se enquadra nas bases da Gramática Gerativa e segue a teoria de Princípios e Parâmetros. Com os conceitos de língua-I e língua-E expostos, ficou estabelecido que, nesta pesquisa, a mudança linguística analisada será a paramétrica. Esse tipo de mudança ocorre quando a criança em fase de aquisição, ao ouvir da língua-E uma expressão ambígua de um parâmetro, irá fixar a mais econômica, entretanto, o valor desse parâmetro é diferente do da geração anterior, resultando em uma nova gramática.

Apreciamos também a análise do sistema V2, que será assumida para o período do Português Médio. Isso significa que os textos do *corpus* Tycho Brahe, de autores nascidos nos séculos 16 e 17 serão tratados como reflexo de uma gramática V2. Vimos também que a partir do século 18, o português perde essa característica, e entra no período que se configura até a contemporaneidade como português moderno e assim serão analisados os textos do *corpus* escritos autores nascidos nos séculos 18 e 19.

Com relação às sentenças matrizes, o verbo V2 se move para Fin, como propõe Roberts (2004) *apud* Antonelli (2011), enquanto um outro elemento qualquer se move para SpecFinP. Nas matrizes do PE o verbo não ultrapassa os domínios de IP/TP. Nas subordinadas do PM, o movimento do verbo é bloqueado pela presença de um complementizador, lexical ou não, que se aloja em Fin. No PE a estrutura das subordinadas é análoga à do PM, sendo que a mudança envolvendo a perda de V2 ocorre apenas no âmbito das matrizes.

Por fim, afunilamos a parte dos pressupostos teóricos para o domínio das estruturas clivadas. Vimos que Kato e Ribeiro (2005) afirmam que o complementizador é reanalisado como [+Foco] no período não V2, podendo o foco se alojar no CP mais baixo. Outro

processo de mudança envolvendo as clivadas, de acordo com Kato (2009) é a gramaticalização da cópula, que fica invariável nas sentenças clivadas invertidas.

Com todos os pressupostos traçados, analisaremos mais adiante as sentenças clivadas, verificando sua ocorrência e funcionamento nos períodos relevantes buscando observar também se há influência V2 no comportamento das mesmas.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

3.1. Introdução

Para pesquisar a frequência e as mudanças envolvendo as clivadas ao longo dos séculos, utilizei textos do *Corpus* Histórico do Português Anotado Tycho Brahe. Nesta seção, é exposta toda a metodologia utilizada na pesquisa com as clivadas dos textos do *corpus*. Na seção 3.2 listamos algumas características da pesquisa diacrônica, na seção 3.3 expomos o processo de anotação e os textos trabalhados. Por fim, em 3.4 tratamos do processo de anotação e busca envolvendo as clivadas, bem como a natureza dos dados obtidos.

3.2. A pesquisa diacrônica

Como já mencionado anteriormente, temos o intuito de descrever e analisar a recorrência e o funcionamento das sentenças clivadas e pseudo-clivadas diacronicamente através da busca no *corpus* histórico Tycho Brahe. A respeito dos dados com os quais me deparei, tivemos que lidar com as dificuldades enfrentadas por quem pesquisa fenômenos lingüísticos diacronicamente e lida com dados de textos cujos falantes não estão mais acessíveis.

A língua-I, ou seja, a gramática interna do falante, não é acessível de forma direta, o que podemos fazer é chegar a análises sobre elas através de evidências encontradas na língua-E, que é diretamente acessível. A análise gramatical sincrônica, de acordo com Kroch (1989), depende de evidências negativas, isso é obtido através do julgamento de aceitabilidade dos dados lingüísticos por parte do falante/informante. Na pesquisa diacrônica, entretanto, os informantes não estão acessíveis para fins de julgamento de aceitabilidade, tudo o que possuímos são dados de língua-E, ou seja, a pesquisa diacrônica

dispõe apenas de evidências positivas. Isso significa que temos em mãos evidências apenas do que é possível na gramática interna dos autores dos textos.

Kroch (1989) mostra que as dificuldades enfrentadas pelos estudos diacrônicos podem ser, de certa forma, reduzidas, se considerarmos duas assunções, a primeira é a de que o passado seria tal qual o presente e que os princípios gerais derivados do estudos de línguas atuais, servirão da mesma forma para estudos de línguas arcaicas. Outra assunção seria assumir a ausência de uma evidência como dado negativo. De acordo com o autor, esta última é problemática, visto que a ausência de uma determinada evidência pode ocorrer em função de diversos fatores, não necessariamente pelo fato de a gramática não aceitar a realização de uma forma linguística.

Considerar a segunda assunção nesta pesquisa seria assumir, por exemplo, que a ausência de clivadas canônicas nos textos do *corpus* utilizados por Kato e Ribeiro (2005) indica que a gramática da época não os licencia. Entretanto, alguns exemplos foram encontrados em nosso *corpus*, indicando que a ausência de clivadas nos dados das autoras, ocorreu por outros motivos. Ou seja, não podemos assumir que os textos com os quais trabalhamos abarquem toda a realidade linguística de um período e um determinado dado pode estar ausente por mera casualidade.

Portanto, o que iremos fazer é levantar hipóteses sobre essas gramáticas e sobre a língua-I que está por trás dos textos com os quais estamos trabalhando, crendo que os textos reúnam reflexos da gramática adquirida por seus autores.

3.3. Trabalhando com o *corpus* histórico

Para esta pesquisa, foram utilizados 16 dos 61 textos do *corpus* Tycho Brahe, relacionados na tabela abaixo. Os textos estão ordenados cronologicamente pela data de nascimento dos autores, falantes de Português Europeu dos séculos 16-19, portanto, as referências temporais não estão relacionadas ao ano de produção do texto, mas ao ano em que ou seus autores nasceram, o que faz sentido, pensando no texto como um reflexo da gramática que o autor obteve na aquisição da linguagem, muito antes da produção do texto:

AUTOR	Ref.	TÍTULO
Século 16		
(1502-1579) PERO MAGALHÃES DE GANDAVO	g_008	História da Província de Santa Cruz
(1510-1583) FERNAO MENDES PINTO	p_001	Perigração
(1542-1606) DIOGO DO COUTO	c_007	Décadas
(1556-1632) LUIS DE SOUSA	s_001	A Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires
Século 17		
(1597-1665) MANUEL DE GALHEGOS	g_001	Gazeta
(1608-1697) ANTONIO VIEIRA	v_004	Sermões
(1658-1753) MARIA DO CEU	c_002	Vida e Morte de Madre Helena da Cruz
(1675-1754) ANDRE DE BARROS	b_001	Vida do apostólico padre Antonio Vieira
Século 18		
(1702-1783) CAVALEIRO DE OLIVEIRA	c_001	Cartas, Cavaleiro de Oliveira
(1705-1763) MATIAS AIRES	a_001	Reflexões sobre a Vaidade dos Homens
(1750-1839) MARQUESA D'ALORNA	a_004	Cartas, Marquesa de Alorna
(1757-1832) JOSE DANIEL RODRIGUES DA COSTA	c_005	Entremezes de Cordel
Século 19		
(1799 - 1854) J.B. DA SILVA L. DE ALMEIDA GARRETT	g_004	Theatro: Falar verdade a mentir; As Pro-phecias do Bandarra e Camões do Rocio.
(1802-1881) MARQUES DE F. E ALORNA	a_003	Memórias do Marquês da Fronteira e Alorna
(1825-1890) CAMILO CASTELO BRANCO	b_005	Maria Moisés
(1836-1915) RAMALHO ORTIGAO	o_001	Cartas a Emília, Ramalho Ortigão

Tabela 1: Lista de textos anotados do *corpus* Tycho Brahe utilizados para a busca de clivadas.

A busca por sentenças clivadas foi feita em tais textos anotados sintaticamente. A anotação dos textos é feita através do seguinte processo: o texto já transcrito em formato XML passa pelo etiquetador morfológico. Nessa etapa, todas as palavras são marcadas com etiquetas morfológicas seguindo o sistema de anotação definido no manual de anotação do *corpus* Tycho Brahe⁸. Depois, o texto, já anotado morfológicamente é rodado no *parser* onde é feita a anotação sintática e os sintagmas recebem etiquetas do tipo NP, VP, etc, e são concatenados em árvores sintáticas. A árvore utilizada na anotação sintática não representa rigorosamente as relações entre sintagmas, ela expressa somente hierarquia, precedência e dominância e não segue à risca a teoria X-barras.

Para fazer a busca das sentenças clivadas, utilizei a ferramenta de busca *Corpus Search* que pode ser livremente obtido da internet através de download.⁹ Para pesquisar determinadas sentenças no *corpus*, é necessário reunir as características de natureza sintática e morfológica do tipo de sentença que se procura em um arquivo de texto, que será aplicado na ferramenta de busca, funcionando como a nossa ‘palavra-chave’. Ao fazer a busca utilizando o *corpus search*, obtemos arquivos com todas as ocorrências para a busca que fazemos. Partimos, agora, para a busca por clivadas e suas características.

3.4. Clivadas no *corpus* Tycho Brahe

3.4.1. Anotação sintática

Vimos na seção anterior, de forma bastante sucinta, como funcionam as buscas no *Corpus Search*. Agora, veremos, de forma mais detalhada, como foram aplicadas as buscas nesta pesquisa, para encontrar Cls e PCs nos textos anotados do *corpus* Tycho Brahe.

Para fazer a anotação sintática das clivadas, os anotadores seguem a definição do manual de anotação do *corpus* Tycho Brahe. Observando a parte do manual referente às clivadas (ver anexo), podemos ver que essas sentenças são marcadas pela presença de um

⁸ <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/manual/syn-frm.html>

⁹ <http://corpussearch.sourceforge.net/>

complementizador (clivadas) ou por um operador *wh* (pseudo-clivadas). O sintagma das clivadas que contém esses operadores são etiquetados como CP-CLF, ou seja um CP do tipo clivado.

De acordo com o manual do *corpus*, em todas as sentenças clivadas, o sujeito do verbo *ser* é um expletivo nulo. Na presença de um NP foco concordando com o verbo, ele será co-indexado com o expletivo. Se o NP não concordar com o verbo, ele será marcado com a etiqueta de acusativo NP-ACC.

A classificação das sentenças clivadas no manual é feita em três eixos, primeiramente com relação à ordem linear dos constituintes. Os outros dois eixos de classificação de sentenças clivadas no *corpus* Tycho Brahe são a presença *versus* ausência de um complementizador lexical, ou seja, *que*, no caso das clivadas, e a presença *versus* ausência de um elemento *wh*, no caso das pseudo-clivadas. Os exemplos abaixo, retirados de Alorna (n. 1802) ilustram que, através dessa classificação, podemos chegar aos padrões de clivadas expostos no capítulo 1.

- **Ser-XP(foco)-Pred**

Com complementizador lexical (clivada canônica):

- (1) Fora ELE [CP-CLF **que** lhe fizera as honras fúnebres]
ser XP Pred

Com elemento *Wh* lexical: pseudo-clivada extraposta:

- (2) Foi ELE [CP-CLF **quem** me crismou]
ser XP Pred

- **XP(foco)-ser-Pred**

Com complementizador lexical (clivada invertida):

(3) [OS PREGADORES]_i é [CP-CLF **que** levavam muito má vida]
XP ser Pred

Com elemento Wh lexical (pseudo-clivada invertida):

(4) [O SEU QUARTO NO PAÇO] era [CP-CLF **onde** os parentes e
XP ser Pred

amigos esperavam (...)]

- **Pred-ser-XP(foco)**

Com elemento Wh lexical (pseudo-clivada canônica):

(5) [CP-CLF **quem** formava a maior parte da sociedade] eram [OS OFICIAIS
Pred ser XP
FRANCESES]

Assim, através da busca e da anotação sintática, podemos encontrar todos os padrões apontados no capítulo 1: clivadas canônicas, clivadas invertidas, pseudo-clivadas canônicas, pseudo-clivadas invertidas e pseudo-clivadas extrapostas.

3.4.2. Buscando por clivadas

Agora que sabemos quais são as características das clivadas do *corpus* Tycho Brahe, podemos tratar das buscas através da ferramenta *Corpus Search*. Para que as clivadas fossem encontradas, foi necessário formular as buscas com as características referentes a esse tipo de sentença. As buscas foram criadas em um editor de arquivos do tipo ‘.txt’, onde

escreve-se as características sintáticas das sentenças. Ao todo, utilizei apenas duas buscas. Para as sentenças pseudo-clivadas canônicas, foi escrito o seguinte no editor:

node: \$ROOT

query: (SR* HasSister CP-CLF*)

AND (CP-CLF precedes SR*)

Isso significa, que busco nos textos objetos sintáticos raiz, em que um verbo *ser* (SR) de qualquer natureza (*), tem como irmão um CP do tipo clivado (CP-CLF) de qualquer natureza (*), sendo que esse CP precede o verbo *ser*. Essas são características sintáticas de uma pseudo clivada canônica:

(6) Quem comeu o bolo foi o João.
CP-CLF SR

Para os outros padrões de CL e PCL, a saber, CL canônica e invertida e PCL invertida e extraposta, utilizei a seguinte busca:

node: \$ROOT

query: (SR* HasSister CP-CLF*)

AND (SR* precedes CP-CLF*)

A busca para os outros padrões de clivada é bastante parecida com a da PCL canônica, a única diferença é que o verbo SR é que precede CP-CLF, exatamente como ocorre nas clivadas canônicas e invertidas e nas pseudo-clivadas invertidas e extrapostas:

(7) a. Foi o João que comeu o bolo.
SR CP-CLF

b. O João é que comeu o bolo.
SR CP-CLF

c. O João é quem gosta de bolo.
SR CP-CLF

d. É o João quem gosta de bolo.
SR CP-CLF

Após montar as buscas, foram inseridas cada uma delas no programa *Corpus Search*, para cada texto anotado. Assim, foi gerado, para cada texto, um arquivo com os resultados da primeira e outro com os resultados da segunda busca. Esses arquivos mostram todas as CLs e PCLs encontradas em cada texto do *corpus*. Elas aparecem juntamente com a sua estrutura, com as respectivas etiquetas de seus elementos, como mostra o exemplo abaixo de clivada invertida, retirado do resultado de busca no texto de Matias Aires, nascido em 1705:

(8) Os seus adornos é que são materiais;

(A_001_PSD,76.1660)

***~/**

/*

1 IP-MAT: 11 SR-P, 13 CP-CLF

***/**

((IP-MAT (NP-SBJ *exp*-2)

(NP-2 (D-P Os) (PRO\$-P seus) (N-P adornos))

(SR-P é)

(CP-CLF (WNP-1 0)

(C que)

(IP-SUB (NP-SBJ *T*-1)

(SR-P são)

(ADJP (ADJ-G-P materiais))))

3.4.3. Natureza das amostras encontradas

Vimos nas seções anteriores o processo de anotação e busca com base nas características das sentenças clivadas. Através das buscas, utilizando a ferramenta *Corpus Search*, pudemos encontrar todos os padrões de clivadas apontados no capítulo 1:

Clivadas Canônicas

- (9) a. É o bom gosto que sabe variar. (Marquesa de Alorna, n. 1750)
- b. Era a paixão que a desnor-teava. (Camilo Castelo Branco, n. 1826)
- c. Não é a ciência que buscam, mas a reputação (Matias Aires, n. 1705)

Clivadas Invertidas

- (10) a. O criado é que deve ser pago (Cavaleiro de Oliveira, n. 1702)
- b. Ao predicamento da acção é que pertence a verdadeira fidalguia. (Padre A. Vieira, n. 1608)
- c. As noites é que estão muito frescas e lindíssimas. (Ramalho Ortigão, n. 1836)

Pseudo-clivadas Canônicas

- (11) a. O que sabemos é que estava violentado e como em prisão, conquanto o amavam e estimavam muito. (Luis de Sousa, n. 1556)
- b. O que queria era o seu retrato. (Maria do Céu, n. 1658)
- c. O que diversifica os modos é a alegria. (Matias Aires, n. 1705)

Pseudo-clivadas Invertidas

- (12) a. Só o dinheiro é quem triunfa de todas essas bagatelas. (Jose Daniel Rodrigues da Costa, n. 1757)
- b. mas como os talentos Deus é quem os dá, e não os paes, não se devem fundar as eleições nas gerações, senão nas acções. (Padre A. Vieira, n. 1608)
- c. A resistência é o que move a vontade. (Matias Aires, n. 1705)

Pseudo-clivadas Extrapostas

- (13) a. Foi ele quem nomeou o que na verdade veio a ser eleito. (Luis de Sousa, n. 1556)
- b. Foi ele quem me crismou. (Marquês de Fronteira e d'Alorna, n. 1802)
- c. Foi ele quem a salvou. (Camilo Castelo Branco, n. 1826)

Os exemplos mostram que as definições para as clivadas, expostas no manual de anotação do *corpus*, são suficientes para encontrar os padrões relevantes de clivadas. Entretanto, esse não foi o único parâmetro utilizado para formar a amostragem utilizada nesta pesquisa. As clivadas encontradas foram avaliadas de acordo com o quadro de condições para que uma sentença seja considerada CL ou PC, apresentado no capítulo 1:

Clivadas

- a. Sequência SER+XP(foco)+que+IP;
- b. somente o XP ser o foco e o restante da sentença a parte pressuposta;
- c. funções gramaticais do foco estabelecidas na sentença encaixada, onde há uma categoria vazia referente ao foco;
- d. o acento frasal recair sobre o foco.

Pseudo-clivadas

- a. Sequência Sentença Wh+SER+XP(foco);

- b. somente o XP ser o foco e o restante da sentença a parte pressuposta;
- c. foco com função gramatical estabelecida dentro da sentença encaixada através do wh;
- d. o acento frasal recair sobre o foco.

Excluimos, primeiramente, a condição d, pois, como são textos escritos, não temos acesso à prosódia. Entretanto, as outras características de clivadas nos ajudaram a estabelecer que nem todas as sentenças anotadas como clivadas entrassem para a amostragem desta pesquisa, já que, claramente, não correspondem aos requisitos expostos acima. Vejamos alguns exemplos.

Os exemplos em (14), retirados do texto de Alorna (n. 1802), são casos de sentenças que receberam a etiqueta CP-CLF, ou seja, foram anotadas como clivadas, mas que não foram consideradas para a amostragem:

- (14) a. Foi **a última vez** que jantou em casa de a sua sobrinha predileta
- b. Era **a primeira vez** que a via desde este acontecimento.
- c. Era **a primeira vez** que eu, meu irmão e muitos de os nossos contemporâneos nos víamos em uma festa tão esplêndida e concorrida

As sentenças foram anotadas como sentenças clivadas e, se consideradas como tal, seriam do tipo canônico. Apesar de apresentarem a ordem linear referente a uma sentença clivada e mesmo que os termos destacados não seja uma informação dada no discurso, a sentença não pode ser uma clivada, pois não há uma categoria vazia dentro do IP encaixado reverente ao que seriam os focos das sentenças: *a última vez* ou *a primeira vez*.

Se olharmos para uma sentença clivada canônica legítima, vemos que o foco se encaixa perfeitamente na categoria vazia reverente a ele na versão não clivada da sentença:

- (15) a. Foi A MARIA que *ec* comeu o bolo.
- b. A Maria comeu o bolo.

No caso das sentenças em (14), não há a possibilidade de encaixar o foco dentro do IP na versão não clivada da sentença, pois não há uma categoria referente dentro dele que corresponda ao foco, que não poderia aparecer em posição alguma na versão não clivada da sentença. Peguemos como exemplo (14a) e façamos o mesmo teste feito em (15):

- (16) a. Foi **a última vez** que jantou em casa de a sua sobrinha predileta.
b. ??Jantou em casa de sua sobrinha **a última vez**.

Além disso, (14a-c) não podem servir como resposta a uma pergunta referente ao foco do mesmo modo que (15a) pode. Na verdade, não há nem uma pergunta específica para a resposta (14a-c), pois não há wh que possa corresponder a *a última vez*:

- (17) a. Quem comeu o bolo?
b. Foi A MARIA que comeu o bolo.
- (18) a. Quando (?) que jantou em casa de sua sobrinha predileta?
b. ?? Foi **a última vez** que jantou em casa de a sua sobrinha predileta.

Outro exemplo excluído dos dados foram casos em que o XP, necessariamente não é o foco da sentença, como o exemplo a seguir, retirado também de Alorna:

- (19) (...)outro tio, general ao serviço de Dom Miguel, entendeu que **a circunstância mais oportuna para abandonar o seu Rei e as suas bandeiras** foi quando julgou a sua causa perdida, tendo o Duque de a Terceira tomado Lisboa.

Se julgássemos (19) como clivada, ela seria uma PC invertida, onde o CP-CLF seria *quando julgou a sua causa perdida*. Entretanto, a parte sublinhada, que seria o foco, claramente não é a informação nova, mas a informação dada. Além disso, o que seria o foco não pode ter suas funções gramaticais estabelecidas através do elemento wh e não

responde a uma pergunta com *wh* referente a ele, como aconteceria com uma PC invertida legítima:

- (20) a. NO DOMINGO foi quando a Maria visitou o João. (PCI)
b. Quando a Maria visitou o João?
c. No Domingo.
- (21) a. **a circunstância mais oportuna para abandonar o seu Rei e as suas bandeiras** foi quando julgou a sua causa perdida.
b. Quando julgou a sua causa perdida?
c. ??A circunstância mais oportuna para abandonar o seu Rei e as suas bandeiras.

Outro caso bastante intrigante envolve sentenças que seriam pseudo-clivadas:

- (22) a. O que faltava era Jacome Tristão, que por desaparelhar arribou ao Reino. (Diogo do Couto, n. 1542)
b. todos votaram, que fosse ele, o que viesse ao Reino. (André de Barros, n. 1675)
c. eu sou o que consinto no ajuste que Vossa Mercê faz. (Jose Daniel Rodrigues da Costa, n. 1757)

Nos exemplos em (22), temos sentenças que seriam pseudo-clivadas com foco [+humano]. O *wh* relacionado ao foco, entretanto, não é *quem*, mas *o que*, que usualmente se refere a termos [-humano]. A princípio poderíamos pensar simplesmente que, naquele período, não havia muitas restrições para a correspondência semântica entre o *wh* e o seu

referente. Porém outros exemplos encontrados nos mostram que, o que seria um Wh apresenta concordância quando o foco é feminino ou plural:

- (23) a. Essa foi a que caiu a fazer a mesura do minuete. (Diogo do Couto, n. 1542)
b. Franceses, e Holandeses foram, os que em tempos diversos nos quiseram disputar a posse. (Jose Daniel Rodrigues da Costa, n. 1757)

Os casos em (23) apresentam concordância de gênero e número entre o foco e o que seria o elemento wh. Como sabemos que o wh das clivadas é invariável, essas sentenças não poderiam ser pseudo-clivadas. Uma das hipóteses para os casos em (23) e, talvez, em (22) é que haja uma omissão de um NP:

- (24) a. Essa foi a (**pessoa**) que caiu a fazer a mesura do minuete. (Diogo do Couto, n. 1542)
b. Franceses, e Holandeses foram, os (**povos**) que em tempos diversos nos quiseram disputar a posse. (Jose Daniel Rodrigues da Costa, n. 1757)

Seriam casos, portanto de relativas, onde o núcleo estaria omissos, sendo que isso não seria uma característica típica do período, mas um tipo de omissão muito comum até no português contemporâneo:

- (25) Havia vários professores na sala, o (**professor**) de sintaxe, o de semântica e a de fonologia.

Se essas sentenças apresentam concordância, nada impede que os exemplos em (22) sejam também casos de concordância, e não apresentariam também um elemento wh. Entretanto, não podemos deixar de considerar que podemos ter ambiguidade nos casos da

presença do elemento *o que*. Por um lado, podemos ter, de fato, casos de concordância de masculino singular e omissão de um NP. Porém, isso não exclui a possibilidade de casos em que temos, de fato, um elemento wh [-humano] correspondente a um referente [+humano]. Nesse caso, excluimos os casos de concordância de feminino e plural.

3.5. Síntese do Capítulo

No presente capítulo, de cunho metodológico, vimos todos os passos da busca utilizando a ferramenta *Corpus Search* e o funcionamento da anotação sintática dos textos do *corpus* Tycho Brahe. Pudemos verificar que, através das características das clivadas, expostas no manual do *corpus*, podemos encontrar todos os padrões de clivadas analisados nesta pesquisa.

Tivemos o objetivo de mostrar o processo de anotação e busca envolvidos na pesquisa. Utilizei a ferramenta de busca, que depende das características das sentenças, estabelecidas no manual de anotação sintática. Porém, não pudemos levar em consideração todas as ocorrências com base somente nas definições do manual e foi necessário filtrar as sentenças encontradas com as definições de clivadas apresentadas no capítulo 1, o que excluiu várias ocorrências obtidas na busca. No próximo capítulo, com os dados estabelecidos, veremos a análise das sentenças clivadas encontradas através da busca, em textos dos séculos 16-19.

CAPÍTULO 4

OLHANDO PARA OS DADOS

4.1. Introdução

Até o presente momento, vimos o funcionamento das sentenças clivadas do Português, sua função, seus padrões e a sua estrutura. Como a pesquisa com as clivadas envolve uma abordagem diacrônica, vimos o pano de fundo para o estudo a respeito da mudança em termos gerais, mudança no português, que afeta significativamente o uso das estruturas com foco, e a mudança envolvendo as clivadas propriamente ditas, ou seja, um pequeno apanhado de alguns trabalhos existentes tratando da diacronia de tais estruturas.

No capítulo 3, com os pressupostos sobre as clivadas e sobre a mudança já assumidos, vimos a metodologia utilizada para chegar aos dados obtidos. Neste capítulo, finalmente veremos os resultados da busca no *corpus* Tycho Brahe, que serão analisados com base nos pressupostos dos capítulos 1 e 2. Defenderemos a inexistência de restrição V2 para sentenças clivadas.

Na seção 4.2. descrevemos os dados encontrados no *corpus* Tycho Brahe. Em 4.3. apresentamos motivações empíricas que nos levam a investigar a restrição V2 apontada na literatura. Em 4.4. apresentamos alguns argumentos a favor da não restrição. Por fim, adaptamos a estrutura das clivadas para o período V2 em 4.5.

4.2. Descrição dos dados

Após fazer a busca com o *Corpus Search*, cataloguei as sentenças encontradas, classificando-as por texto e tipo de clivada. Com isso, cheguei ao seguinte quadro,

organizado em ordem cronológica do nascimento do autor¹⁰, que mostra o número de ocorrências de cada tipo de clivada por texto. Na primeira coluna aparece o código do texto e o ano de nascimento do autor.

Texto	Clivadas	Clivadas invertidas	Pseudo-clivadas	Pseudo-clivada invertida	Pseudo-clivada extraposta	Total
G_008-1502	1	0	0	1	0	2
P_001 - 1510	0	0	1	1	0	2
C_007 - 1542	0	0	0	0	0	0
S_001 - 1556	1	0	4	0	2	7
G_001 -1597	1	0	0	0	0	1
V_004 - 1608	0	3	4	5	2	14
C_002 -1658	0	0	3	1	0	4
B-001-1675	0	0	2	0	1	3
C_001 - 1702	9	7	7	4	4	31
A_001 - 1705	1	19	43	17	4	84
A_004 - 1750	5	10	0	2	1	18
C_005-1757	1	7	3	6	0	17
G_004-1799	17	42	4	5	1	69
A_003 - 1802	37	11	2	6	2	58

¹⁰ A lista de sentenças encontradas no *corpus* se encontra em anexo.

B_005 - 1826	8	10	7	1	4	30
O_001 -1836	18	12	19	1	6	56
Total	99	121	99	50	27	Total = 396

Tabela 2: ocorrências de clivadas e pseudo-clivadas encontradas no *corpus* Tycho Brahe.

No caso de sentenças com estrutura linear de PC e elemento *wh o que* com referente [+humano], as ocorrências, em números absolutos, foram as seguintes:

Texto	Ocorrências
G_008 -1502	0
P_001 – 1510	2
C_007 – 1542	3
S_001 – 1556	2
G_001 -1597	0
V_004 – 1608	3
C_002 -1658	1
B-001- 1675	1
C_001 – 1702	5
A_001 – 1705	4
A_004 – 1750	0
C_005- 1757	0
G_004- 1799	2
A_003 – 1802	0
B_005 – 1826	1
O_001 -1836	0

Tabela 3: Ocorrência de seqüências de PC com *wh o que* para referente [+humano].

Os dados mostram, até então, que, de forma geral, os padrões de clivadas só começam a aparecer de forma significativa em textos de autores nascidos a partir do século 18. Como vimos no capítulo 2, 1700 marca o início de uma nova gramática, que chamamos de Português Europeu Moderno. Essa nova gramática, como vimos, se caracteriza pela perda do sistema V2, ou seja, pela perda do movimento do verbo para uma posição mais alta, na periferia esquerda da sentença. Veremos mais adiante até que ponto essa mudança influenciou no aparecimento das sentenças clivadas.

Com relação às sentenças clivadas, o gráfico abaixo expressa melhor o aumento no uso de clivadas exatamente no período que se inicia em 1702, mesmo baseado em números absolutos, mostra que tanto as clivadas canônicas quanto as clivadas invertidas só aparecem significativamente a partir do século 18.

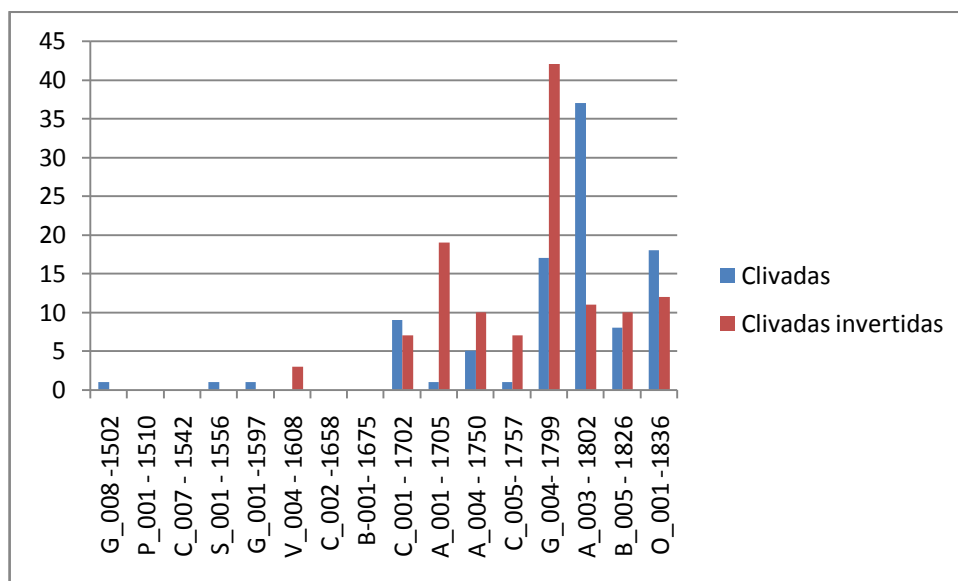


Gráfico 4: padrões de clivadas no *corpus* Tycho Brahe do século 16 ao 19.

Antes de 1700, apenas alguns casos isolados foram atestados para ambos os padrões, o que não era de se esperar, de acordo com Kato e Ribeiro (2005, 2006) e Kato (2009), visto que as clivadas canônicas só apareceriam no início do século 18. Outro fato que chama atenção é a pouca ocorrência de clivadas invertidas antes desse período, visto que, segundo os trabalhos acima, elas eram aceitas no PM.

Com relação às sentenças Pseudo-clivadas, o gráfico mostra, também com base em números absolutos, que as pseudo-clivadas também passam a ter maior preferência a partir de 1700:

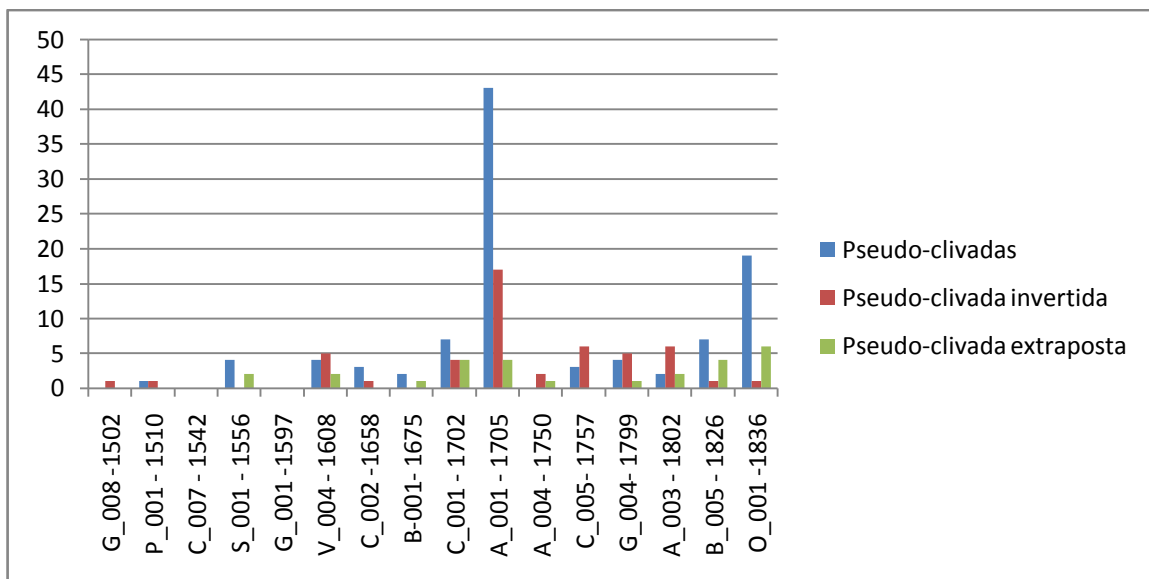


Gráfico 5: padrões de Pseudo-clivadas no *corpus* Tycho Brahe do século 16 ao 19.

A partir de agora, discutiremos tais resultados, apresentando evidências para a ausência de uma restrição V2 para qualquer padrão de clivada visto no capítulo 1 deste estudo.

4.3. Motivações empíricas para a análise

Até o momento, vimos, na bibliografia referente à diacronia das sentenças clivadas, que os padrões invertidos de clivadas e pseudo-clivadas são compatíveis com a gramática V2. Observamos também que, em Kato e Ribeiro (2005), Kato e Ribeiro (2006) e Kato (2009), o padrão canônico é o único incompatível com o período. Para as autoras, as clivadas canônicas passam a ser licenciadas no português com a queda de V2 e através da reanálise do complementizador, que passa a ser do tipo [+foco], possibilitando que o elemento proeminente seja focalizado no CP mais baixo.

Para Kato e Ribeiro (2006), as clivadas canônicas não são aceitas nesse período por restrição do sistema V2, visto que as clivadas são estruturas V1 e, nas palavras das autoras, o sistema V2:

“ restringe as possibilidades de sentenças declarativas com o verbo em posição inicial, hipótese que encontra suporte na constatação de Sornicola (1988) e Lambrecht (2001) de que o alemão, língua V2, não tem o tipo de focalização “it-cleft” e que a única língua germânica que tem a “it-cleft” é o inglês, justamente a que deixou de ser língua V2 (Kroch 1989, Lightfoot 1991).” (Pág. 5)

Assim, as autoras afirmam que, quando o Português perde as propriedades V2, as clivadas canônicas devem passar a ser licenciadas. A ausência de clivadas no período ocorre, portanto, porque o seu licenciamento viola o padrão V2. Ainda em Kato e Ribeiro (2006), as clivadas canônicas podem, porém, aparecer em subordinadas, onde “a língua não é constrangida a obedecer o padrão V2”:

- (1) Esto creo que *é* **PER DEUS** *que* os homens se lavam de seus pecados em aquele Nitrea, como o nitro lava o vidro de todo lixo. (Flos-Machado Filho)

Alguns fatores, entretanto, nos levam a questionar a restrição V2 para as clivadas apontada por Kato e Ribeiro.

Primeiramente, não vemos a questão do verbo em posição inicial das clivadas como um impedimento para seu licenciamento no período V2. A ordem verbo-inicial foi bastante recorrente no PM, como mostra o gráfico abaixo, de Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010):

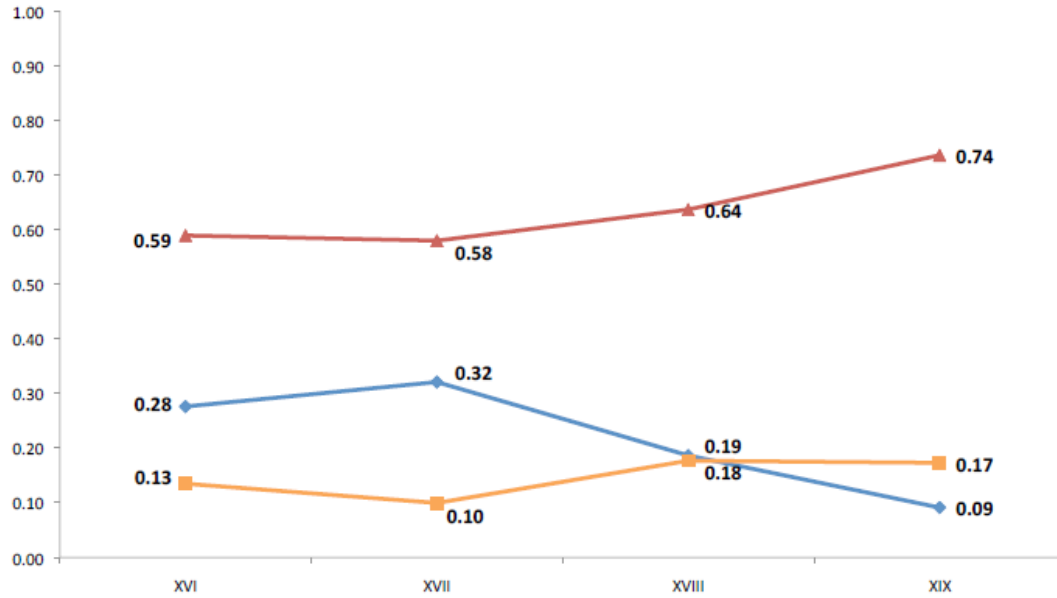


Gráfico 6: A evolução das ordens V1, V2 e V3 ao longo dos séculos (Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010)).

Além da recorrência significativa da ordem V1 no PM, que é o período onde há menos clivadas com cópula em posição inicial, vemos que o período em que a ordem V1 decai é justamente o mesmo em que as clivadas evoluem em todos os padrões. Portanto, não podemos afirmar que a cópula em posição inicial das clivadas canônicas e extrapostas não sejam compatíveis com V2.

Outro ponto relevante é que as autoras afirmam que línguas V2 modernas, como o alemão, não aceitam clivadas. Na verdade, as línguas V2 não restringem clivadas canônicas. Ao contrário do que as autoras afirmam, o Alemão, que é uma língua V2 moderna, aceita alguns padrões de clivadas, inclusive a canônica, como veremos nas seções seguintes.

Além disso, mais um fato que nos chama a atenção é que, mesmo os padrões invertidos sendo compatíveis com V2, eles ainda assim são muito pouco recorrentes nesse período, o que indica uma outra estratégia de focalização mais recorrente que a clivagem. Além disso, a ocorrência de clivadas em sentenças raízes no período V2, mesmo em casos bem restritos, podem indicar não uma restrição, mas uma preferência por um recurso de focalização mais econômico e mais próximo linearmente de uma estrutura V2.

4.4. Restrição *versus* opção

4.4.1. Clivagem em alemão, uma língua V2 moderna.

Em Kato e Ribeiro(2005), Kato e Ribeiro (2006) e Kato (2009), é argumentado que as clivadas canônicas só aparecem depois do século 18, com a queda de V2. Mais especificamente em Kato (2006), vemos a comparação que autora faz com o alemão, que é uma língua V2 e, segundo a autora, não dispõe de sentenças clivadas canônicas.

Entretanto, em Reich (2008) e Gast e Levshina (2012), vemos que alguns padrões de clivadas são licenciados em Alemão, entre elas, as clivadas canônicas:

- (2) a. Was uns interessiert, ist der Unterricht.
O que nos interessa é a aula.
- b. Es ist das, was ich suche.
exp. é isso, o que eu procuro.
É isso o que eu procuro.
- c. Er war Peter, der das Buch gelesen hat.
exp. foi Pedro, *que(rel) o livro lido tem*
Foi o Pedro que leu o livro.

As clivadas no Alemão, entretanto, não são a primeira opção quando o objetivo é focalizar constituintes sintáticos. Para veicular foco, mesmo que seja contrastivo, é preferível o foco prosódico, de acordo com Reich:

- (3) a. Drei Kölner Romanisten führen nach Brasilien. (Três romanistas coloneses foram para o Brasil)
- b. DREI Kölner Romanisten führen nach Brasilien. (e não quatro)
- c. Drei KÖLner Romanisten führen nach Brasilien. (os de Frankfurt ficaram lá)
- d. Drei Kölner RomaNISTen führen nach Brasilien. (e não germanistas)

e. Drei Kölner Romanisten führen nach BraSIlIen. (e não para Argentina)

Nos exemplos em (3), vemos que é possível que qualquer elemento da sentença seja focalizado, mesmo contrastivamente, através da ênfase prosódica do elemento focalizado *in situ*.

Arrisquemos novamente, portanto, que a ocorrência das clivadas no Alemão é pequena devido a questões de economia. Em comunicação oral com uma informante berlinense, onde pergunto qual das duas sentenças entre (4a) e (4b) é mais apropriada para focalizar *Peter*, ela responde que escolhe a sentença com focalização *in situ*, mesmo em contexto contrastivo, e se refere a ela como “mais rápida”:

(4) a. Es war Peter, der das Buch gelesen hat. (nicht Markus)

exp. foi Pedro, que(rel) o livro lido tem não Marcos

Foi o Pedro que leu o livro. (não o Marcos)

b. PETER hat das Buch gelesen. (nicht Markus)

Pedro tem o livro lido não Marcos

PEDRO leu o livro. (não o Marcos)

Esse tipo de focalização é legítimo porque, de acordo com Reich, no Alemão, é possível realizar acentos tonais em praticamente todas as palavras de uma sentença, com a única restrição de que o acento tonal recaia sobre a sílaba onde se realiza o acento lexical. Tal acentuação ocorre conforme as necessidades do discurso. O Alemão, portanto, pode focalizar um constituinte na prosódia, sem que haja necessidade de um movimento sintático para que o constituinte focalizado fique em uma posição prosodicamente saliente.

O autor também argumenta que, no alemão, ocorre a desacentuação de alguns elementos, para dar saliência ao foco. Observe o exemplo abaixo:

(5) Drei **KÖL**nerinnen führen nach Brasilien. (Três colonesas foram para o Brasil)

A última sílaba de *Kölnnerinnen*, que é o foco, é elidida, e o verbo *führen* se reduz a um monossílabo. Tal estratégia não está presente no português brasileiro, que não reduz núcleos silábicos desacentuados, e a acentuação de *Kölnnerinnen* fica mais evidente em alemão do que no enunciado correspondente em português. Nesse caso, a percepção do foco em PB é comprometida. Assim, segundo o autor, a estratégia encontrada no Português para salientar elementos é o movimento do foco para posições periféricas, que é o que ocorre nas sentenças clivadas.

Considerando as propriedades prosódicas do Português e do Alemão, Reich sugere que, em português brasileiro, a opção do falante será a de focalizar da forma mais saliente, ou seja, através das sentenças clivadas, visto que a acentuação não privilegia a interpretação de foco. Já para o Alemão, o autor argumenta que o falante irá mover a estrutura básica somente se necessário.

Nesse caso, as clivadas não são inexistentes no Alemão. Elas são licenciadas, mas é preciso que haja necessidade para o seu uso. Se a focalização *in situ*, que não move as estruturas básicas da sentença, garante a interpretação de foco, não há necessidade do uso das clivadas. A clivagem, portanto, não é o recurso favorito no Alemão. Tais sentenças, entretanto, podem ocorrer em contextos específicos, em que a saliência deve ser mais enfatizada, visto que a focalização *in situ* não foi suficiente para a compreensão semântico-pragmática. Abaixo os exemplos do autor:

- (6) **A:** Die Frankfurter Romanisten führen nach Brasilien.
(Os romanistas de Frankfurt foram para o Brasil)
B: Nein, die KÖLner Romanisten führen nach Brasilien.
(Não, os romanistas de Colônia foram para o Brasil)
A: Ach so, aus Bonn waren die.
(Ah, tudo bem, eles eram de Bonn)
B: Himmel, es waren die KÖLner Romanisten, die nach Brasilien führen.
(Nossa senhora, foram os romanistas de COLÔNIA que foram para o Brasil)

Em (6) a clivada foi utilizada para fazer correção conversacional forte. Esse também foi o contexto citado pela informante berlinense, no qual ela assume a necessidade de uso da clivada. Outra situação específica para o uso da focalização via clivagem em alemão informada pela falante nativa, é no contexto identificacional, havendo uma espécie de ‘acusação’:

- (7) A: Wer von euch hat mein Buch gelesen?
(Quem de vocês leu o meu livro?)
B: Es war Peter, der dein Buch gelesen hat.
(Foi o Pedro que leu o teu livro?)

O Alemão, portanto, uma gramática V2 moderna, licencia sentenças clivadas, inclusive as canônicas. Portanto, não é um bom caminho assumir a ausência de clivadas no PM como uma restrição de ordem V2. Assim, temos mais um argumento a favor da ausência dessa restrição.

4.4.2. Algumas clivadas no português médio

Até o presente momento deste capítulo, vimos a baixa frequência de todos os padrões de clivadas até 1700. Observamos também outra estratégia de focalização no período do Português Clássico, que é a ênfase via fronteamto. Na análise de uma língua V2 moderna, os dados do Alemão nos mostraram que as clivadas podem ser licenciadas dentro de uma gramática V2, invalidando um dos argumentos para a restrição V2 apontados na literatura aqui exposta.

Apresentamos mais um argumento a favor da idéia de que clivadas canônicas, e qualquer outro padrão, não eram restritas antes de 1700. Se pensarmos na ausência das clivadas no período V2 como uma questão de incompatibilidade com a gramática do período, teríamos que dar conta de explicar a ocorrência de clivadas canônicas no período V2. No texto de 1502, aparece apenas uma ocorrência, a clivada que já foi citada no capítulo 1, em (50), repetida aqui em (8):

- (8) E auendo jahum mes , quehião naquella volta nauegando com ventoprospero , foram dar na cofta defta prouincia : ao longo da qual cortáram todo aquelle dia, parecendo a todos que **era algũa grande ilha que ali eftaua** , fem auer Piloto, nem outra peffoa algũa que teueffe noticia della , nem que prefumiffe que podia eftar terra firme pera aquella parte Occidental .

Considerando a ambiguidade, devemos admitir que ainda há a possibilidade de a sentença ser uma relativa nucleada, e não uma clivada. Já a ocorrência no texto de 1556, apesar de apresentar apenas uma ocorrência para o padrão, sua interpretação como clivada é absoluta, já que a interpretação de que o CP seja uma relativa não é natural, veja:

- (9) Mas **não eram as que o Arcebispo tinha assentado em seu ânimo que deviam ser as primeiras**, porque lhe parecia que, como o fim principal daquela sagrada e gèral congregação era emendar o mundo e purificá-lo de vícios, convinha começar a obra pola parte mais grave dele, que era o eclesiástico, e pola melhor do eclesiástico, que eram os prelados;

A sentença em (9) aparenta ser, de fato, uma clivada com negação, que contrasta *as que o Arcebispo tinha assentado em seu ânimo com o eclesiástico*. Podemos, inclusive, apontar para uma extensão para a sentença clivada da seguinte forma:

- (10) Mas não eram as que o Arcebispo tinha assentado em seu ânimo que deviam ser as primeiras, mas sim o eclesiástico.

Isso nos mostra que a interpretação clivada é muito mais apropriada para o contexto em (9).

O texto do autor nascido em 1597 traz uma ocorrência que para nós, falantes do português do século XXI, soa como uma clivada onde o complementizador foi ‘esquecido’, o que pode configurar um equívoco na escrita:

- (11) E foi desta maneira o mestre-de-campo Dom Francisco de Sousa se previniu para entrar em Castela

Outros exemplos de clivadas foram encontrados com o auxílio da busca morfológica¹¹ em textos do *corpus* que não são anotados sintaticamente e não estão inclusos na tabela 1. Ambos os exemplos foram retirados do texto de Manuel da Costa, nascido em 1601:

- (12) Deixe v. m. estar o lanço, lhe responde elle com os dous mil crusados nas unhas, que he hoje que o porey em conselho, e seraõ Sua Magestade e v. m. serão servidos.
- (13) E he assim que os Autores a dividem em duas, quando a definem.

Se considerarmos que as clivadas são incompatíveis com o período V2, teremos que dar conta de explicar as ocorrências acima, em especial, o exemplos dos autores nascidos em 1510 e 1601, onde outra interpretação não é natural.

Além disso, a restrição no uso de outros padrões de clivadas que, de acordo com a literatura apresentada no capítulo 2, seriam os compatíveis com V2 nos instiga ainda mais a questionar a restrição, visto que o texto com o maior número de clivadas invertidas apresentou apenas 3 ocorrências dessas sentenças. No caso das pseudo-clivadas invertidas, que são estruturas lineares V2, o texto com mais ocorrências dessas sentenças apresenta apenas 5 exemplos das mesmas.

4.4.3. Focalização V2

Diante das evidências apontadas até então, defendemos que a recorrência baixa de sentenças clivadas no período até 1700, ocorre não por uma restrição do sistema V2, mas por opção do falante diante de outro recurso para focalizar disponível no período.

¹¹ Busca online através de etiquetas morfológicas: .

Como já mencionado anteriormente, assumimos que o Português manifestava características de um sistema V2 no período médio. Isso significa que o PM licenciava o movimento do verbo para uma posição alta na periferia esquerda, enquanto um outro sintagma seria alçado para a posição pré-verbal, realizando o que chamamos de frenteamento.

Galves e Paixão de Sousa (2013) argumentam que, no Português desse período, a posição pré-verbal era reservada para elementos discursivamente proeminentes. Esses elementos podem ser tópicos ou focos. Nos casos de ordem SV, portanto, o sujeito estaria ocupando a mesma posição de qualquer outro elemento focalizado ou topicalizado frenteado. Para as autoras, portanto, a oscilação entre SV e VS ocorre de acordo com o requerimento discursivo do texto.

Assim, era possível focalizar ou topicalizar elementos na posição pré-verbal, o que é aceitável, visto que há projeções disponíveis para tópico e foco anteriores ao verbo. Assim, nem todos os elementos pré-verbais ocupam a mesma posição na estrutura, bem como, seguindo Gibrail (2010), não há posição pré-verbal específica para o sujeito. Os elementos pré-verbais ocupariam suas respectivas projeções seguindo requerimentos discursivos, independente de tratar-se de sujeito ou não.

A focalização via frenteamento era, portanto, opção de focalização, já que outros elementos com função diferente de sujeito podiam ocupar a posição inicial da sentença, como mostra o exemplo abaixo, do *corpus* Tycho Brahe, apresentado em Gibrail (2010):

(14) [FNA CORTE] andou este rei dous anos.

De acordo com Gibrail, a possibilidade de frenteamento de sintagmas com funções gramaticais de naturezas variadas em posição inicial, com função de foco (ou tópico), é uma propriedade do Português Médio, o que viabiliza a focalização de diversos constituintes. A tendência dos autores nascidos nos séculos 16 e 17, portanto, é a focalização V2, ou seja, aquela que projeta a ordem Foco-V-X. Com tal flexibilidade de movimento de constituintes para a posição inicial, a autora afirma que o PM se comporta de forma semelhante a gramáticas V2 modernas.

Nos dados de Gibrail, os casos de focalização ou topicalização de objetos projetam a ordem V2 em 83,5% das ocorrências. A respeito do fronteamento de sintagmas diferentes de objeto, a autora chama atenção para a frequência alta de sintagmas nominais sujeitos fronteados com função de tópico/foco projetando a ordem V2.

O fronteamento de elementos com função de tópico e foco também ocorre com a projeção das ordens V3 e V4. Porém, a frequência desses padrões é bem restrita, totalizando apenas 16,9% das ocorrências, sendo que, desse número, apenas 1,9% e 1,3% nos séculos 16 e 17, respectivamente, correspondem à ordem V4.

Além dessas propriedades, Gibrail aponta, ainda, para a propriedade do PM de licenciar focalização/topicalização através do movimento longo do objeto ou do sujeito. Nessas estruturas, o elemento focalizado/topicalizado se desloca de sua posição de origem na oração subordinada para uma posição de foco ou tópico na oração matriz.

A presença da estratégia de focalização através do fronteamento do elemento proeminente faz da clivagem um recurso bem menos necessário no PM. Através de tal estratégia, é possível focalizar diversos constituintes, assim como na clivagem, porém, de forma bem mais econômica, pois envolve menos operações e dispensa elementos exclusivamente focalizadores, como a cópula e o complementizador.

Entretanto, o comportamento das estruturas de tópico e foco apresenta mudança a partir do século 18, justamente o momento em que as clivadas e pseudo-clivadas ocorrem com maior frequência nos textos do *corpus*, o que nos leva a verificar se alguma mudança na língua inviabiliza a focalização via fronteamento, tornando a clivagem um recurso de focalização mais requisitado.

De acordo com Gibrail, há um fato empírico que estaria relacionado a essa mudança: a baixa frequência de elementos diferentes de sujeitos e adjuntos adverbiais na posição pré-verbal. A tabela abaixo, retirada de Gibrail, expressa melhor essa evidência:

Taxa média	Séc. 16-17	Séc. 18-19	aumento	diminuição
Suj	41,3%	67,9%	26,6%	
Objeto	11,7%	4,4%		7,3%

PP	19,8%	6,6%		13,2%
ADV	21,3%	18,5%		2,8%
Pred	1,9%	1,0%		0,9%
Suj Subord	0,8%	0,7%		0,1%
ADVQ	1,7%	0,7%		1,0%
ArgH	0,6%	0,1%		0,5%
Or. de partic	0,8%	0,0%		0,8%

Tabela 4: Taxa média de frequência de uso dos constituintes em posição pré-verbal noprpadrão de ordem V2 nos textos dos autores nascidos nos séculos 18-19 (Gibrail (2010)).

De acordo com a autora, a alta recorrência de sujeitos em posição inicial se dá pela atuação de um novo sistema gramatical a partir do século 18, que não apresenta propriedades V2, como vimos no capítulo 2 deste trabalho. Nesse novo sistema, não é mais licenciado o movimento do verbo para Fin, e a ordem VS não pode ser formada, visto que a posição canônica do verbo no novo sistema é mais baixa que a do sujeito.

A autora salienta que, ainda que as mudanças estruturais não possam ser totalmente evidenciadas pela ocorrência da ordem SV, o aumento da frequência de sujeitos em posição pré-verbal está relacionado à queda na frequência do uso de outros constituintes verbais nessa posição a partir de 1700. Isso significa que a frequência de SV não corresponde à diminuição do uso do sujeito pós-verbal na mesma proporção, mas sim à diminuição do uso de outros sintagmas em primeira posição. O aumento de SV a partir do século 18 não corresponde, portanto, ao aumento de sujeito fronteado ao verbo em SpecFin, mas ao uso do sujeito ocupando sua posição canônica SpecIP/TP. Como o verbo não sobe para uma posição alta, a ordem SV é licenciada.

Vemos, portanto que, no PM, era possível licenciar diversos tipos de sintagmas em posição inicial, via fronteamento. Com a queda de V2, a partir de 1700, essa possibilidade cai, pois diversos elementos não são mais aceitos nessa posição. Assim, acreditamos que outra estratégia de focalização via movimento passa a ser mais utilizada, e esse seria o ambiente onde as clivadas passam a ser mais recorrentes.

A autora argumenta, ainda, que o núcleo Foc continua a ser projetado dentro da estrutura da oração. Sua projeção, entretanto, não é mais motivada por efeitos V2. De fato, nas clivadas, tal projeção é motivada, mas por questões motivadas pela estrutura de foco marcado das clivadas, que põe o foco em uma posição em evidência.

4.4.4. Breve consideração sobre a prosódia

As clivadas licenciadas no Alemão são um exemplo evidente de que essas sentenças podem ser legitimadas dentro de um sistema V2. Por isso, não acreditamos que a gramática vigente no PM apresente uma restrição para clivadas. As estruturas clivadas em alemão são utilizadas em contextos específicos, quando a ênfase precisa ser ainda mais acentuada, caso a focalização prosódica não seja suficiente para a interpretação semântico-pragmática.

A língua alemã, entretanto, possui recursos prosódicos indisponíveis no PE, como a independência tonal em todas as palavras da sentença, podendo veicular qualquer tipo de foco na prosódia, inclusive o contrastivo. Assim, o falante utiliza a clivada quando a prosódia não for suficiente para veicular a informação. Isso significa que o falante alemão vai usar o foco prosódico como recurso primário.

Tal afirmação não quer dizer que o PE não veicule o foco prosódico. O fato de o PE possuir menos recursos na prosódia faz com que o falante recorra às clivadas mais frequentemente. Falando grosso modo, haverá mais situações em PE em que a prosódia não será suficiente para a interpretação do que em Alemão. Entretanto, do mesmo modo como as clivadas são aceitas em línguas que utilizam o foco prosódico como recurso primário, o PE também pode veicular o foco na prosódia. Dados da pesquisa de Fernandes (2007), relacionados especificamente ao foco informacional de sujeito, mostram que o PE possui

mais diversidade na escolha de estratégias de focalização, podendo recorrer tanto a clivadas (em especial a pseudo-clivadas) quanto ao foco prosódico.

Com relação ao foco contrastivo, que necessita de maior ênfase, Kato e Ribeiro (2005) afirmam que, no domínio das clivadas, existem as línguas que não disponibilizam desse recurso, como o Alemão, as que utilizam tais sentenças como uma das estratégias disponíveis para veicular esse tipo de foco, a exemplo do espanhol e do inglês, e as que utilizam apenas clivadas como mecanismo de foco contrastivo, como o Francês.

No âmbito do alemão, como vimos na seção anterior, o falante disponibiliza do recurso da clivagem, ao contrário do que as autoras afirmam. Entretanto, tal esquema ainda é válido. Como constatamos, as clivadas, apesar de existirem no alemão, ocorrem em casos bastante específicos. Nesse caso, o alemão não disponibiliza da clivagem e do foco prosódico de forma igualitária, ele utiliza a prosódia como recurso primário e a clivada em casos isolados.

Se as autoras estiverem corretas com relação às demais línguas, o português se enquadraria na categoria intermediária, utilizando a clivagem como um dos recursos disponíveis na língua, ao lado do acento prosódico, para veicular o foco contrastivo, podendo variar de forma não categórica entre as duas possibilidades.¹² Ao contrário do que afirma Reich, acreditamos que o foco prosódico é natural em português (PE e PB). As clivadas, entretanto, são opções muito recorrentes, diferentemente do alemão.

Tal esquema de Kato e Ribeiro nos leva a suspeitar que a necessidade do uso de clivadas é proporcional à ausência de uma prosódia favorecida para focalizar na língua. De acordo com o foneticista Gonçalves Viana *apud* Galves e Paixão de Sousa (2013), uma mudança prosódica mencionada, ocorrida em algum momento de século 17, afetou o ritmo português. Ele faz tal afirmação ao comentar que a diferença entre vogais tônicas e átonas é máxima em línguas germânicas (alemão), menor em Português e mínima em Francês.

Se a independência tonal das palavras alemãs, como vimos na seção 4.4.1., ocorre por meio dessa característica, e tal independência garante a possibilidade de veicular qualquer foco através da prosódia, é natural pensarmos que o português necessitará mais de

¹² Cf. Fernandes (2007) para melhor apreciação da escolha não categórica de estratégias de focalização envolvendo o foco informacional de sujeito.

clivadas do que o alemão e que o francês irá clivar ainda mais, sendo este o seu recurso primário para contrastar.

Assim, vemos que, do mesmo modo que existe clivadas no alemão, assim como defendemos que o licenciamento de clivadas no PM era possível, encontramos também o recurso do foco prosódico no português, podendo as escolhas do falantes tomarem caminhos variados de forma não categórica. Uma apreciação mais estreita da relação entre a clivagem e a prosódia da língua portuguesa, é uma opção para estudos futuros.

4.5. Estrutura das clivadas no período V2

Considerando a aceitabilidade da estrutura clivada em línguas V2, passemos agora à natureza dessa estrutura, onde vemos que o movimento do verbo para uma posição alta não inviabiliza a presença de nenhum padrão de clivada. Ao olhar para as clivadas do Alemão, não podemos deixar de notar que o comp contém um elemento com forma de um pronome relativo. Isso pode ser observado, já que o complementizador e o pronome relativo possuem formas distintas, o primeiro apresenta a forma invariável *dass*, enquanto o segundo se manifesta em forma análoga a um artigo que concorda em gênero com o pivô/foco e em caso com a oração encaixada. Para os falantes do alemão, a clivada com o complementizador invariável é inaceitável:

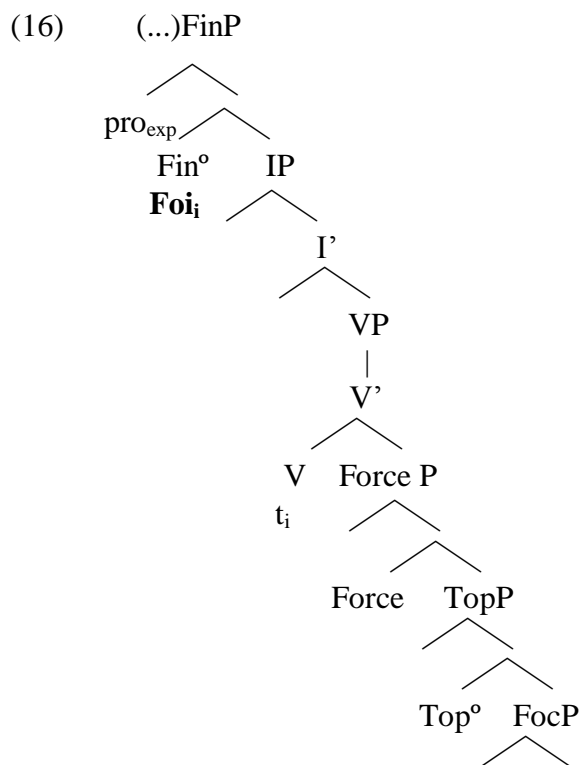
- (15) a. Es war Peter, **der** das Buch gelesen hat. (Foi o Pedro que leu o livro)
b. *Es war Peter, **dass** das Buch gelesen hat.

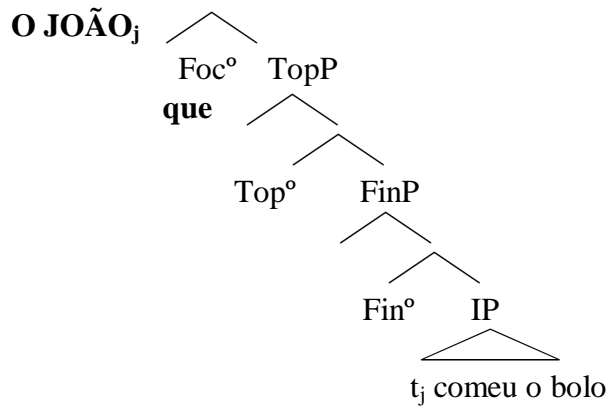
No Português, por outro lado, sabemos que o funcionamento do *que* das clivadas é de natureza distinta dos pronomes relativos. Em ambos os casos, entretanto, o elemento possui a função de focalizar, o que nos leva a assumir, juntamente com Kato e Ribeiro (2005), que o *que* das clivadas seria um focalizador, de natureza distinta tanto de complementizadores que encabeçam uma oração subordinada, quanto de pronomes relativos.

De acordo com Kato e Ribeiro (2005), o *que* das clivadas possui características [+foco]. Seguiremos essa análise, mas não concordamos que o comp tenha adquirido essa característica apenas com a queda de V2, pois argumentamos que não há restrição para clivadas e, portanto, para *que* [+foco] no período V2. Digamos, à vista disso, que o comp das clivadas, em português, é um focalizador e *que*, portanto, é do tipo [+foco].

Tomando *que* como um focalizador, argumentamos que ele deve estar em uma posição específica para esse tipo de elemento, de modo a garantir a interpretação de foco do elemento proeminente. Ora, se na estrutura de Miotto e Figueiredo Silva (1995) e de Modesto (2001), a categoria CP é equiparada a FP (*Focus Phrase*), que aloja o foco e o focalizador *que*, nada mais admissível do que supor que *que*, no período V2, esteja alojado em Foc, enquanto o foco se aloja em SpecFoc, dado o CP expandido, já que as relações dentro desse sistema são relevantes para depreender as características da gramática do período V2.

Assim, adaptando a estrutura das clivadas às características de V2, vemos que não há restrição para a ocorrência das clivadas. A única particularidade é que a cópula e o verbo da sentença encaixada não estarão em I (T em uma abordagem minimalista), mas em Fin:





Já as clivadas invertidas foram apontadas na literatura como padrão compatível com V2. Na análise de Costa e Duarte (2006), os autores propõem uma estrutura onde o núcleo C aloja não só a cópula, mas também o complementizador:

- (17) a. O bolo é que o João comeu.
 b. [CP {ser/é que} [SC [CP OP o João comeu] [DP o bolo]]]

Para os autores, o argumento que explica a incorporação de *que* em C é a adjacência entre *é* e *que* e a ausência de concordância entre a cópula e o verbo da sentença encaixada. Como vimos em Kato (2009), a cópula fica invariável através de um processo de gramaticalização.

Tal mudança não coincide com a transição para uma gramática não V2. Nos textos do *corpus* Tycho Brahe, encontramos sentenças onde a cópula não concorda com o verbo da sentença encaixada, já manifestando invariabilidade, no período anterior a 1700:

- (18) D'esta substancia, e d'este tudo do Juiso universal, é que fallou o Senhor na sua conclusão. (Padre A.Vieira (n. 1608))

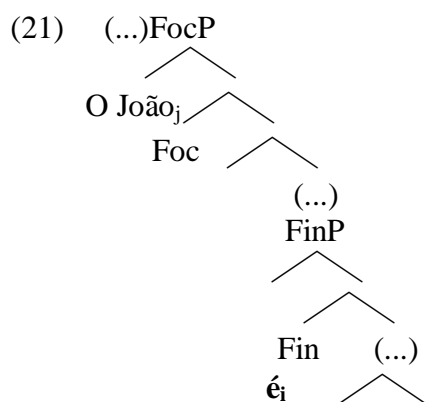
Em contrapartida, encontramos casos de cópula no passado apresentando concordância com o verbo da oração encaixada, em textos representantes da gramática moderna, indicando que a cópula não está na forma invariável:

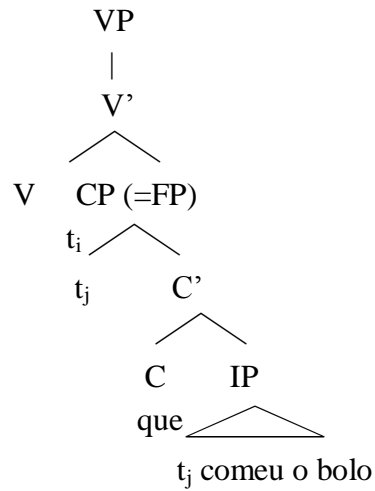
- (19) Assim foi que o abade de Pedraça tomou para si aquele pequenino, que se chamou Álvaro. (Camilo Castelo Branco (n. 1826))

Considerando que o período de coocorrência entre as duas formas é bastante extenso, fornecemos a estrutura adaptada para ambos os casos. Considerando a cópula como invariável, se assumirmos a estrutura da incorporação de *que*, proposta por Costa e Duarte, vemos que ela já é compatível com V2, visto que o verbo já está dentro do sistema CP, podemos sugerir que essa incorporação ocorre no núcleo Foc, visto que, são elementos focalizadores. O foco, por sua vez, se moveria para a projeção alta onde será interpretado como tal.

- (20) [FocP [_{Foc}{ser/é que} (...)] [SC [CP OP o João comeu] [DP o bolo]]]

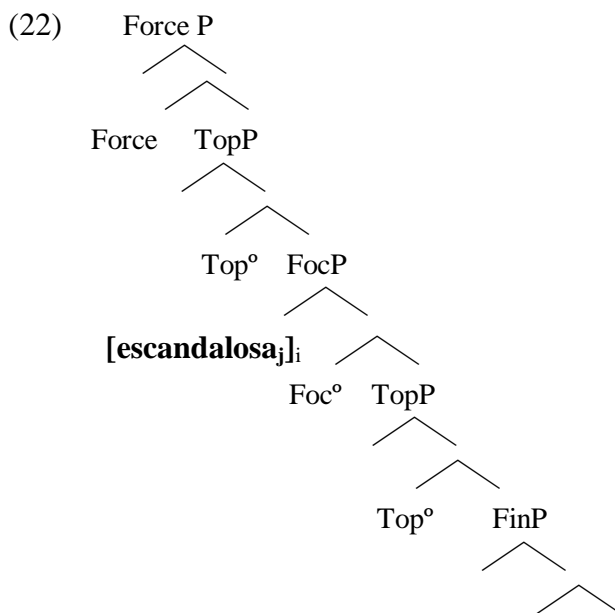
Porém, se estivermos diante de um caso de concordância, o foco faria um movimento adicional para dentro do FocP mais alto, sendo compatível com a estrutura proposta por Modesto (2001), mas com o movimento do verbo para uma posição alta. A cópula em Fin não incorpora o focalizador *que*, que permaneceria no CP complemento da cópula:

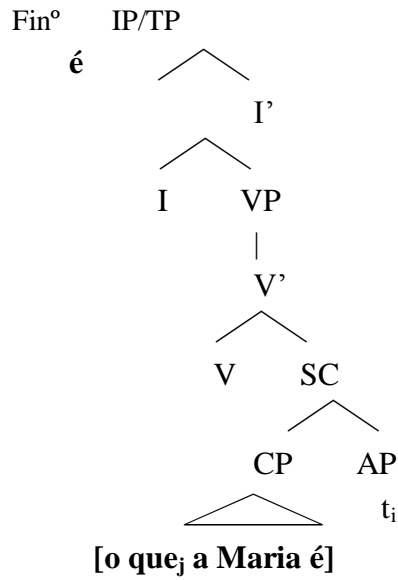




Em ambos os casos, portanto, o movimento do verbo para uma posição alta, característica V2, não configura uma restrição para o licenciamento das estruturas clivadas.

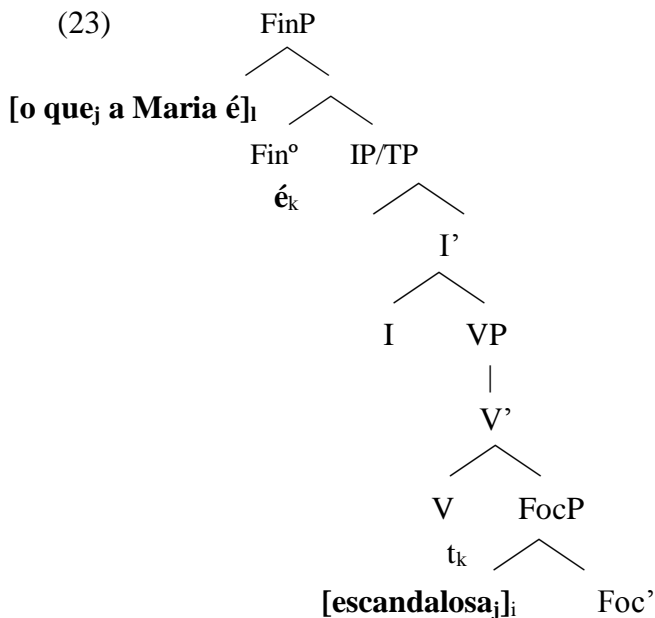
Passemos agora às PCs, começando com as pseudo-clivadas invertidas. O tipo invertido de PC é uma estrutura V2 linear, pois traz o verbo em segunda posição com foco em posição 1. Olhando, agora, para a sentença em condições estruturais, a estrutura assumida aqui para a pseudo-clivada invertida, adaptada à estrutura V2 do PM, traria o foco em SpecFocP e cópula em Fin:

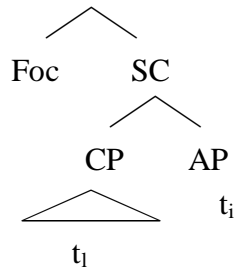




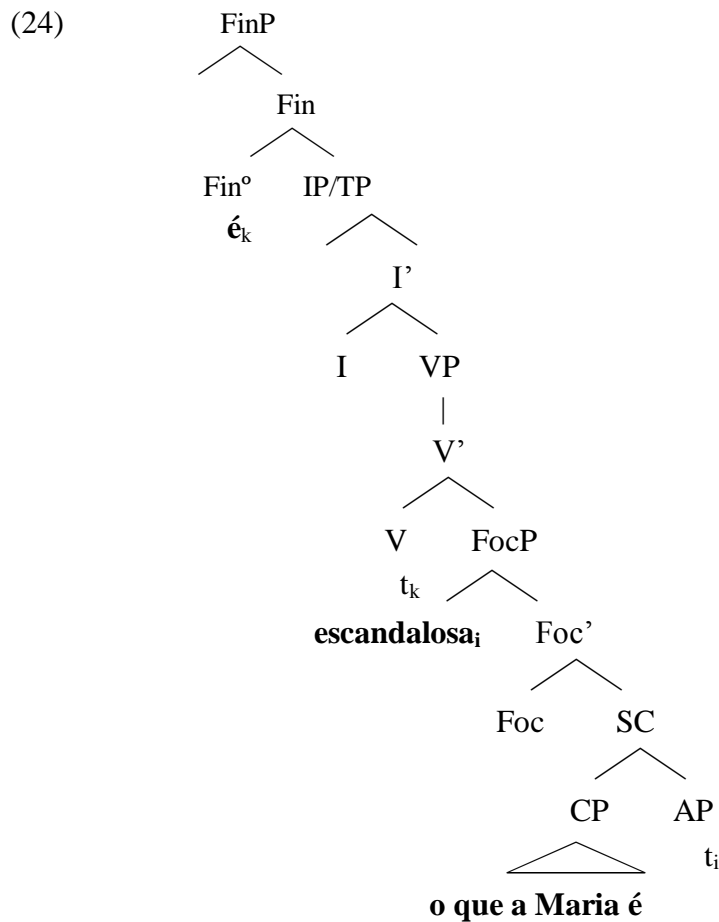
Já que, os traços de Fin, como vimos em Antonelli (2011), podem ser satisfeitos pelos traços Phi do verbo, a posição SpecFin não precisa ser ocupada (o que explica as construções V1 do PM). Sendo assim, o foco na posição 1 pode ocupar SpecFocP no CP mais alto.

Já nas PCLs canônicas, teríamos a cópula em Fin e a sentença Wh em posição inicial. O foco se aloja no FocP mais baixo, aparecendo linearmente em posição final:





Se assumirmos que todas as pseudo-clivadas possuem a mesma estrutura de base, podemos representar uma pseudo-clivada extraposta do período V2 com base na estrutura assumida no capítulo 1 para as PCs, com a sentença *Wh in situ*:



Como a representação é de uma sentença do período V2, a cópula seria movida para Fin, sem haver a necessidade de haver movimento de qualquer constituinte para a posição

anterior. As sentenças pseudo-clivadas extrapostas, assim como as clivadas canônicas, seriam, portanto, estruturas V1 legítimas.

Defendemos, assim, que a baixa recorrência ou ausência, não só das clivadas canônicas, mas de todos os padrões, não ocorreria por questões de restrição, mas sim pela opção do falante por uma estrutura mais simplificada. Kato e Ribeiro (2005, 2006) e Kato (2009) defendem que os padrões invertidos são compatíveis com V2. Talvez pelo fato de veicularem informação contrastiva, sejam mais utilizados no período, visto que tal foco necessita de maior ênfase. Esse também é um fato a ser investigado em estudos posteriores, pois é necessário verificar, em contexto, se a inversão está ligada ao traço contrastivo também no PM, já que tal relação é constatada para as clivadas da contemporaneidade que, como vimos, trata-se de uma nova gramática.

Portanto, defendemos todos os padrões de clivadas poderiam ser licenciados e, para tais sentenças, sugerimos as estruturas acima, que são compatíveis com as estruturas assumidas para as clivadas no capítulo 1, e obedecem a *Focus Criterion*, ou seja, em todos os casos, o foco está em configuração Spec-núcleo com Foc, conforme propõe Rizzi (1991). Tais estruturas foram adaptadas ao período V2, no que diz respeito ao movimento do verbo para uma posição mais alta, onde verificamos que tal característica não impede o licenciamento dos padrões de clivadas considerados.

4.6. Síntese do capítulo

Neste capítulo, apresentamos os dados de sentenças clivadas encontrados no *corpus* Tycho Brahe em textos do século 16 ao 19. A partir daí, apresentamos alguns argumentos contra o que é defendido na literatura por Kato e Ribeiro (2005, 2006) e Kato e Ribeiro (2009), que afirmam que as clivadas canônicas não são compatíveis com o período V2. Neste estudo, defendemos que não há restrição V2 para nenhum tipo de clivada.

Vimos que a cópula em posição inicial não configura uma restrição contra clivadas canônicas (ou extrapostas), pois a ordem V1 é bastante recorrente no PM e significativamente mais baixa nos séculos 18 e 19, período em que há um grande evolução no uso das clivadas e pseudo-clivadas em todos os padrões.

Acreditamos que a baixa recorrência de clivadas no PM ocorre por já existir uma estratégia com movimento, mais simples que as clivadas, para focalizar diversos tipos de constituintes: o fronteamento do elemento focalizado. Constatamos que as clivadas passam a ser mais utilizadas a partir do período em que a focalização via fronteamento é comprometida pela impossibilidade de frontear diversos tipos de constituintes.

Olhando para o alemão, que é uma língua V2 moderna, observamos que as clivadas canônicas são aceitas nessa língua, ao contrário do que é defendido em Kato e Ribeiro (2005, 2006). Tal recurso, entretanto, não é usado na língua de forma primária, sendo que os falantes tem forte preferência pelo foco prosódico e utilizam as clivadas em contextos específicos, quando a focalização deve ser ainda mais enfatizada.

Mais um ponto a favor da análise de que não há restrição V2 para as clivadas com cópula em posição inicial são as clivadas encontradas antes do século 18, mesmo que em casos bem restritos. Se concordamos com a restrição, teremos que dar conta de explicar que tipo de sentenças são essas, em especial, as que a leitura de relativa não é possível.

No campo da prosódia, reforçamos ainda mais nossa hipótese, defendendo que o alemão necessita menos de clivadas por ter a opção da focalização prosódica, dadas algumas características da língua favoráveis para isso como os acentos tonais em cada palavra de forma independente e a desacentuação. O PE também licencia tal foco, mas as clivadas também configuram recurso primário, e seu uso é muito mais elevado do que no alemão, visto que a prosódica portuguesa é menos favorecida por não conter os recursos citados acima.

Por fim, adaptamos a estrutura das clivadas para o período V2. Observamos que todos os padrões de clivadas são compatíveis dentro de uma gramática que licencia o movimento do verbo de sentenças matrizes para uma posição alta na periferia esquerda da sentença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, tivemos o intuito de observar o funcionamento das estruturas clivadas ao longo dos séculos 16-19, passando pela transição entre os séculos 17 e 18, que representa a evolução para uma nova gramática. Nessa nova gramática, o português não possui mais características V2 e investigamos se a instauração desse novo sistema influenciou na evolução das estruturas com foco.

Para isso, este trabalho foi dividido em quatro capítulos. No primeiro deles, apreciamos as características básicas das estruturas com foco. Vimos que a sequência linear básica de Cls e PCs, respectivamente **cópula+XP foco+IP** e **sentença wh+ cópula+ XP foco**, não é suficiente para que a sentença seja considerada clivada. É necessário que, em tais sequências, apenas o XP seja o foco da sentença e carregue o acento frasal, e que suas funções gramaticais sejam estabelecidas dentro do IP encaixado (clivadas) ou através do elemento wh (pseudo-clivadas). Assim, excluímos sentenças anotadas como clivadas, mas que violaram os requisitos acima.

Além disso, assumimos uma estrutura sintática para as estruturas clivadas contemporâneas. Para as clivadas propriamente ditas, seguimos Miotto e Figueiredo Silva (1995) e Modesto (2001), assumindo uma estrutura onde o foco e o focalizador *que* se alojam dentro da mesma projeção CP, que é equiparado a FP. A vantagem de tal estrutura é que o foco se desloca de dentro do IP encaixado, deixando nele uma categoria vazia onde o foco tem suas funções gramaticais estabelecidas.

Para as pseudo-clivadas, assumimos a estrutura proposta por Resenes (2009). Na análise da autora, é feita a devida distinção entre sentenças copulares comuns e pseudo-clivadas. Tal distinção é feita pela categoria funcional FP, destinada para alojar o foco. Todas as pseudo-clivadas possuem a mesma estrutura de base e a diferença entre os padrões ocorre de acordo com o elemento que for alçado para uma posição mais alta.

Com as características e a estrutura das clivadas assumidas, partimos para a segunda parte deste estudo. Assumimos, seguindo Torres Moraes (1995), Galves (1997), Paixão de Sousa (2004), Galves, Brito e Paixão de Sousa (2005), Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010), Gibrail (2010), Antonelli (2011), Galves e Gibrail (2013) e Galves e Paixão de Sousa (2013), que o português médio configurava um sistema V2 legítimo.

Seguindo Roberts (2004) *apud* Antonelli (2011), concordamos que o verbo se move para a projeção Fin, na periferia esquerda da sentença nas orações raízes, mas que tal movimento é bloqueado nas subordinadas pela presença de um complementizador. A partir do século 18, assumimos que o português perde a propriedade do movimento do verbo para Fin, com base em diversas evidências apontadas na literatura. A mudança ocorre somente no âmbito das orações matrizes, visto que, nas subordinadas, o verbo permanecia dentro dos limites de IP/TP antes e depois de 1700.

Na terceira parte do estudo, explicamos como funcionaram as buscas por clivadas no *corpus* Tycho Brahe, através da ferramenta de busca *Corpus Search*. Vimos que, através dos recursos disponíveis para isso, podemos encontrar todos os padrões de clivadas citados no capítulo 1. Entretanto, nem todas as sentenças foram contabilizadas, já que algumas delas não cumpriam os requisitos básicos para que as sentenças sejam, de fato, interpretadas como clivadas e pseudo-clivadas.

Finalmente, no capítulo 4, analisamos os dados obtidos, fazendo referência ao que foi exposto nos capítulos 1 e 2. Com relação à influência de V2 na recorrência do uso de clivadas, verificamos que, realmente, as sentenças clivadas começam a ser mais utilizadas a partir da queda de V2, e a instauração de uma nova gramática colaborou para a evolução no uso das clivadas, mas não por uma restrição de ordem V2 no PM, mas por opção do falante diante das possibilidades de focalização. De acordo com Kato e Ribeiro (2005, 2006) e Kato (2009), as sentenças clivadas canônicas são estruturas incompatíveis com o sistema V2. Defendemos que nenhum padrão de clivadas é incompatível com V2.

Argumentos a favor da possibilidade de licenciar clivadas canônicas são: o fato da cópula inicial não ser uma restrição, dada a alta frequência da ordem V1 no PM; a presença de algumas clivadas, mesmo que poucas, no período V2, principalmente aquelas em que a leitura relativa não é possível e a existência de clivadas no alemão, que é uma língua V2.

Defendemos que as clivadas eram menos requisitadas no período V2 pela presença de outra estratégia de focalização envolvendo o movimento do elemento focalizado, o fronteamento. Isso ocorre pela propriedade do PM de frontear diversos constituintes. Tal propriedade decai a partir do século 18, quando as clivadas passam a ser mais requisitadas.

Fazendo uma breve consideração sobre a prosódia, suspeitamos que a necessidade do uso das clivadas em uma dada língua ocorre em maior frequência quando a língua

possui a prosódia menos favorável para focalizar. O que nos leva a essa sugestão é a recorrência de clivadas para focalizar contrastivamente nas línguas, que, de acordo com Kato e Reibeiro (2005), é inexistente no alemão (vimos que, na verdade elas são apenas restritas a contextos específicos, quando a prosódia não for suficiente para garantir a interpretação semântico-pragmática da sentença), é utilizada com um dos recursos para focalizar, onde acreditamos se enquadrar o PE, e configura único recurso de focalização contrastiva em francês. Tais dados ainda precisam ser mais profundamente investigados, entretanto, mesmo que a presença/ausência de clivadas não seja tão absoluta como postulam as autoras, a questão de uma maior/menor preferência por essas sentenças já viabiliza levantar nossa suspeita. O que nos instiga é que justamente as línguas que mais fazem o uso das clivadas são aquelas que apresentam menor saliência entre vogais tônicas e átonas.

Por fim, adaptamos a estrutura sintática das clivadas da contemporaneidade para o PM. Para isso, expandimos o CP, para melhor demonstrar as relações dentro dele e as propriedades V2. Damos uma atenção especial às clivadas canônicas, já que é defendido que elas não são licenciadas no PM. Acreditamos que o *que* das clivadas canônicas não é um pronome relativo e nem é de mesma natureza do complementizador que encabeça as orações subordinadas que complementam um verbo, mas trata-se de um focalizador, se alojando no núcleo funcional da projeção que aloja o foco. Com tal adaptação, vimos que não há restrição estrutural para o licenciamento de tais sentenças, dado o movimento do verbo para a periferia esquerda nas orações do período V2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKMAJIAN, A. On deriving cleft sentences from pseudocleft sentences. In: *Linguistic Inquiry*. v. 1, 1970.

ANTONELLI, A. L. *Sintaxe da Posição do Verbo e Mudança Gramatical na História do Português Europeu*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 2011.

CAVALCANTE, S. R. DE O.; GALVES, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Topics, subjects and grammatical change: from Classical to Modern European Portuguese*. 2010. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

CHOMSKY, N. *The knowledge of language: its nature, origin and use*. Praeger: New York. 1986.

COSTA, J. & DUARTE, I. *Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português*. Ms Universidade Nova de Lisboa e Universidade de Lisboa, 2006.

FERNANDES, F. R. *Ordem, Focalização e Preenchimento em Português: Sintaxe e Prosódia*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 2007.

GALVES, C. M. C. . Do português clássico ao português europeu moderno, uma análise minimalista. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, v. 19, p. 105-128, 1997

GALVES, C. & GIBRAIL, A. *Subject inversion in transitive sentences from Classical to Modern European Portuguese: a corpus-based study*. 2013.

GALVES, C., BRITTO, H. & PAIXÃO DE SOUSA, M., C. The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics* 4 (1), 2005.

GALVES, C. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *The Loss of Verb-second in the History of Portuguese: Subject Position, Clitic Placement and Prosody*. Manuscrito, UNICAMP e USP, 2010.

GALVES, C. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The Loss of Verb-second in the History of Portuguese: Subject Position, Clitic Placement and Prosody. Publicado em *Journal of Historical Syntax*. 2013.

GAST, V. & LEVSHINA, N. Motivating w(h)-clefts in English and German: A hypothesis-driven parallel corpus study. In: *Frequency, Forms and Functions of Cleft Constructions in Romance and Germanic. Contrastive, Corpus-Based Studies*. In Anna-Maria de Cesare (ed.). Berlin, 2012.

GIBRAIL, A. *Contextos de Formação de Estruturas de Tópico e Foco no Português Clássico*. Tese de Doutorado, UNICAMP, 2010.

HIGGINS, J. R. *The pseudo-cleft construction in English*. Doctoral Dissertation, MIT. 1973.

HOPPER, P.J.; TRAUGGOT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.

KATO, M. A. *Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de foco no Português Brasileiro*. Revista do GEL (Araraquara), v. 38. 2009.

KATO, M. A. ; RIBEIRO, I. *Cleft sentences and WH-questions in Brazilian Portuguese: a diachronic analysis*. 2005. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

KATO, M. A. ; RIBEIRO, I. . A evolução das estruturas clivadas no português: período V2. In: Tânia Lobo; Ilza Ribeiro; Zenaide Carneiro; Norma Almeida. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2006.

KISS, K. É. Identificational focus versus informational focus. *Language*, v.74, n. 2, 1998.

KROCH, A. "Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change." *Language Variation and Change* 1. 1989.

LIGHTFOOT, D. *How New Languages Emerge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MEILLET, A. *L'évolution des formes grammaticales*. 1912.

MIOTO, C. Focalização e Quantificação. In: *V Encontro do CELSUL*, 2003.

MIOTO, C. & NEGRÃO, E. V. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: CASTILHO, A.T. de; TORRES DE MORAIS, M. A., LOPES, R.E.V.; CYRINO, S.M.L. *Desrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo, FAPESP; Campinas, Pontes, 2007.

MIOTO, C. & FIGUEIREDO SILVA, M. C. Wh que = Wh é que? In: *DELTA*. v.11, n. 2, 1995.

MODESTO, M. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Língua Barroca: Sintaxe e História do Português nos 1600*. Tese de Doutorado, UNICAMP, 2004.

RESENES, M. S. de. *Sentenças Pseudo-clivadas do Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. UFSC, 2009.

REICH, U. *Cê que fez! Construções de foco em Português Brasileiro*. In: *Linguística* 4/1. 2008.

RIBEIRO, I. *A Sintaxe da Ordem no Português Arcaico: o Efeito V2*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1995.

RIZZI, L. *Residual Verb Second and the Wh Criterion*. Geneva Working Papers on Formal and Computational Linguistics, 1991.

RIZZI, L. *The Fine Structure of the Left Periphery*. Ms. Universidade de Genebra. 1997.

TORRES MORAES, M. A. Do Português Clássico ao Português Moderno: Um Estudo da Cliticização e do Movimento do Verbo. Tese de Doutorado, UNICAMP, 1995.

ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, Focus and Word Order*. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

Anexos

Anexo 1: Parte do manual de anotação sintática do *corpus* Tycho Brahe referente às características das sentenças clivadas.

10.17 Cleft sentences

In cleft sentences, 'que' is labelled C

When there is a relative phrase, no null C is inserted

When there is no relative phrase, an empty operator is inserted, and co-indexed with a trace in the position in which the gap is interpreted

The classification of the cleft constructions in Portuguese can be done along 3 axes

- order: be-XP-Pred, XP-be-Pred, Pred-be-XP
- presence vs absence of a lexical complementizer
- presence vs absence of a lexical WH element

In any case, the subject of be is a null expletive. When there is a Noun Phrase agreeing with the verb, this Noun Phrase is co-indexed with the expletive. When it does not agree, it is labelled as NP-ACC.

10.17.1 be-XP-Pred, with a lexical complementizer ('cleft sentences')

A null operator binding a trace in the subordinate clause is added.

```
(NP-SE (CL me))
  (VB-D recordei)
  (PP (P de)
    (CP-THT (C que)
      (IP-SUB (NP-SBJ *exp*-2)
        (SR-RA fora)
        (NP-2 (PRO ele))
        (CP-CLF (WNP-1 0)
          (C que)
          (IP-SUB (NP-SBJ *T*-1)
            (NP-DAT (CL lhe))
            (VB-RA fizera)
            (NP-ACC (D-F-P as) (N-P
honras) (ADJ-G-P fúnebres)))))))))
  (. !)) (ID ALORNA,06.41))

( (IP-MAT (NP-SBJ (PRO$ Meu) (N tio))
  (VB-D disse)
  (NP-DAT (CL lhe))
  (CP-THT (CP-THT (C que)
    (IP-SUB (NP-SBJ *exp*)
      (SR-D era)
      (PP (P por)
        (NP (D o) (PRO$ meu) (N guarda-
roupa)))
    (CP-CLF (WPP-1 0)
      (C que)
      (IP-SUB (PP *T*-1)
        (NP-SBJ (PRO eu))
```

```

(VB-D chamava))))))
(CONJP (CONJ e)
(CP-THT (C que)
(IP-SUB (NP-SBJ *pro*)
(ADVP (NEG não))
(SR-D era)
(NP-ACC (N frade))))))
(. .))
(ID ALORNA,09.92))

```

10.17.2 be-XP-Pred, with a lexical WH-element ('wh-cleft')

No null complementizer is added

```

( (IP-MAT (NP-SBJ *exp*-2)
(SR-D Foi)
(NP-2 (PRO ele))
(CP-CLF (WNP-1 (WPRO quem))
(IP-SUB (NP-SBJ *T*-1)
(NP-ACC (CL me))
(VB-D crismou)))
(, ,)) (ID ALORNA,70.1059))

```

10.17.3 XP-be-Pred, with a lexical complementizer

The subject is *exp* even when there is a lexical NP preceding 'be'. This NP, which does not agree with the verb, is labelled NP-ACC. A null operator coindexed with a trace in the subordinate clause is added.

```

( (IP-MAT (NP-SBJ *exp*)
(NP-ACC (D-P Os) (N-P pregadores))
(SR-P é)
(CP-CLF (WNP-1 (WPRO que))
(IP-SUB (NP-SBJ *T*-1)
(VB-D levavam)
(NP-ACC (Q muito) (ADJ-F má) (N vida))))
(, ,)) (ID ALORNA,24.335))
( (IP-MAT (NP-SBJ *exp*)
(ADVP (NP (FP Só) (D-UM um) (N mês))
(ADV depois)
(PP (P de)
(IP-INF (VB ocupar)
(NP-ACC (D-F a) (N capital))))))
(SR-P é)
(CP-CLF (WADV-1 0)
(C que)
(IP-SUB (ADVP *T*-1)
(NP-SBJ *pro*)
(VB-D pôde)
(IP-INF (VB reunir)
(NP-ACC (D-F a)
(N força)
(PP (P de)
(NP (NUMP (NUM dez) (NUM
mil))
(N-P homens))))))

```

(. .)) (ID ALORNA,32.461))

10.17.4 XP-be-Pred, with a lexical WH-element ('inverted pseudocleft').

The preverbal NP, which agrees with the verb, is co-indexed with the expletive null subject.

```
( (IP-MAT (NP-SBJ *exp*-2)
  (NP-2 (D O)
    (PRO$ seu)
    (N quarto)
    (PP (P em)
      (NP (D o) (NPR Paço))))))
  (SR-D era)
  (CP-CLF (WADVP-1 (WADV onde))
    (IP-SUB (ADVP *T*-1)
      (NP-SBJ (D-P os) (N-P parentes) (CONJ e) (N-P
amigos))
      (VB-D esperavam)
      (NP-ACC (D-F a)
        (N ocasião)
        (PP (P de)
          (IP-INF (NP-SBJ *pro*)
            (SR-F serem)
            (VB-AN-P apresentados)
            (PP (P a)
              (NP (D-P os) (NPR-P
Príncipes))))))))))
  (. .))
  (ID ALORNA,05.32))
```

```
( (IP-MAT (NP-SBJ *exp*-2)
  (NP-2 (D Este)
    (N traje)
    (, ,)
    (ADJP-PRN (PP (P em)
      (NP (N verdade))))
    (Q pouco)
    (ADJ-G militar)))
  (, ,)
  (SR-D foi)
  (CP-CLF (WNP-1 (D o) (WPRO que))
    (IP-SUB (NP-ACC *T*-1)
      (VB-D usou)
      (NP-SBJ (D aquele) (NPR General))
      (PP (P durante)
        (NP (Q-F toda) (D-F a) (N guerra))))))
  (. .))
  (ID ALORNA,124.1941))
```

```
( (IP-MAT (CONJ e)
  (NP-SBJ *exp*-5)
  (PP (P entre)
    (NP (PRO eles)))
  (NP-5 (D-F a) (N fama))
  (SR-P é)
```

```

(CP-CLF (WPP-1 (P a@)
              (NP (D @o) (WPRO que)))
  (IP-SUB (PP *T*-1)
            (ADV-R mais)
            (NP-ACC (CL nos))
            (VB-P inclina)
            (NP-SBJ (D-F a) (N vaidade))
            (, ;)
            (IP-GER (SR-G sendo)
                    (CP-THT (C que)
                            (IP-SUB (NP-SBJ (D o)
                                             (ADJ mesmo)

(N ar)
(, ,)
(CP-REL (WNP-2 (WPRO que))
        (IP-SUB (NP-SBJ *T*-2)
                (NP-3 (CL lhe))
                (VB-P dilata)
                (NP-ACC (D-P os)
                        (N-P ecos)
                        (NP-GEN *-3))))))
(, ,)
(NP-4 (CL lhe))
(VB-P (VB-P confunde) (, ,) (CONJ e) (VB-P apaga))
(NP-ACC (D-F a)
        (N voz)
        (NP-GEN *-4))))))

(. .))
(ID AIRES,24.406))

```

10.17.5 Pred-Be-XP, with a lexical WH-element

The post-verbal NP, which agrees with 'be', is co-indexed with *exp*.

```

( (IP-MAT (CONJP (CONJ e))
      (NP-SBJ *exp*-2)
      (PP (P por)
          (NP (DEM isso)))
      (CP-CLF (WNP-1 (WPRO quem))
              (IP-SUB (NP-SBJ *T*-1)
                      (VB-D formava)
                      (NP-ACC (D-F a)
                              (ADJ-R-G maior)
                              (N parte)
                              (PP (P de)
                                  (NP (D-F a) (N sociedade))))))
      (SR-D eram)
      (NP-2 (D-P os) (N-P oficiais) (ADJ-P franceses))
      (. .)) (ID ALORNA,52.780))

```


10.17.6 Pred-Be-XP, with no WH-element and no lexical complementizer ('basic semipseudocleft')

tudo))
gosta)))

(NP-SBJ *exp*)
(CP-CLF (WPP-1 0)
(IP-SUB (PP *T*-1)
(NP-SBJ (Q
(VB-P-3S
(SR-P-3S é)
(PP (P de)
(NP (N carne)
(ADJ-F fresca)))

Up to now, no cases of this construction were found in the Tycho Brahe Corpus.

Anexo 2: Lista de dados de clivadas e pseudo-clivadas encontrados no *corpus* Tycho Brahe por texto em ordem cronológica do nascimento dos autores.

1. g_008: História da Província de Santa Cruz – Pero Magalhães de Gandavo (n. 1502)

Clivadas

- E havendo já um mês, que iam naquela volta navegando com vento próspero, foram dar na costa desta província: ao longo da qual cortaram todo aquele dia, parecendo a todos que era alguma grande ilha que ali estava, sem haver Piloto, nem outra pessoa alguma que tivesse notícia dela, nem que presumisse que podia estar terra firme para aquela parte Ocidental.

Pseudo-clivadas Invertidas

- Finalmente que como Deus tenha de muito longe esta terra dedicada à Cristandade, e o interesse seja o que mais leva os homens atrás si que outra nenhuma coisa que haja na vida, parece manifesto querer entretê-los na terra com esta riqueza do mar (...)

2. p_001: Perigração – Fernão Mendes Pinto (n. 1510)

Pseudo-Clivadas

- Porque vos afirmo senhor capitão que desde que me entendi até agora, nenhuma outra coisa tenho visto, nem ouvido, senão que quanto os desaventurados como meu marido e eu mais fazem por vós os portugueses, tanto menos fazeis por eles, e quanto mais deveis, menos pagais, pelo que inferindo daqui, o que claramente se pode afirmar, é, que o galardão da nação portuguesa mais consiste, e mais pende da aderência que do merecimento da pessoa.

Pseudo-clivadas Invertidas

- vinha a fazer ali certo negócio com El-rei, e assentar com ele de novo as pazes antigas que tinha com Malaca, e agradecer-lhe o bom tratamento que no seu reino fazia aos portugueses, e outrascoisas a este modo de boa amizade, importantes ao tempo, e ao interesse da mercância, que na verdade era o que mais se pretendia que tudo (...)

Sentenças com sequência de Pseudo-clivada com Wh ‘o que’ para Referente [+humano]

- E que pois ele só era capitão daquela cidade, e daquele povo que ali estava junto, que a ele só pertencia condescender em petição tão justo e tão santo, e tão agradável a o profeta Noby mafamede, pois ele só fora o que dera a vitória daquela presa a seu genro, e não o esforço dos seus soldados como ele dizia.

- e tornou de novo a senhorear o reino de Aarù, de que logo intitulou por rei o seu filho mais velho, que foi o que depois mataram em Malaca vindo-a ele cercar, sendo capitão da fortaleza dom Lionis Pereira (...)

3. c_007: Décadas – Diogo do Couto (n.1542)

Sentenças com sequência de Pseudo-clivada com Wh ‘o que’ para Referente [+humano]

- e achando ser verdade, mandou- -o prender dentro na fortaleza, e a Luiz Mendes de Vasconcelos, que era o que determinava de ir a Goa (...)

- mas a Rainha com o Barnagais foram atinando melhor com muitos Portuguezes em sua companhia, por onde nos parece que Dom Christovão foi o que se não quis recolher à serra, porque sua tenção seria ir- -se pera as terras do Barnagais.

- O que faltava era Jacome Tristão, que por desaparelhar arribou ao Reino.

4. s_001: A Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires – Luis de Sousa (n. 1556)

Clivadas

- Mas não eram as que o Arcebispo tinha assentado em seu ânimo que deviam ser as primeiras, porque lhe parecia que, como o fim principal daquela sagrada e gèral congregação era emendar o mundo e purificá lo de vícios, convinha começar a obra pola parte mais grave dele, que era o eclesiástico, e pola melhor do eclesiástico, que eram os prelados; e daí passar às cousas de menos consideração e a tudo o mais que havia que remedear (...)

Pseudo-clivadas

- O que sabemos é que estava violentado e como em prisão, conquanto o amavam e estimavam muito (...)

- O que nós achamos de grande maravilha neste sinal e não menos louvor de quem o teve é que, vivendo 76 anos, o guardou e encobriu com tanto recato, que, quando chegou a falecer, uma só pessoa era sabedora dele, que foi um cônego de Braga, que fora seu criado e cubiculário e rezara com ele alguns tempos e podia com esta ocasião ver lhe as mãos e notar o sinal.

- Que o que devia fazer era, pera se aliviar do trabalho corporal, criar um bispo titular que o ajudasse segundo costume de todas as igrejas semelhantes; e, quanto ao mais, bastava deixar se ir polo fio de seus antecessores de próximo: despender mais consigo e menos com filhos alheos e com tantas obras como emprendia, e viver e descansar.

- O que daqui se fica coligindo largamente é que lugar em que vinha assistir presidente em nome do Emperador não podia deixar de estar em posse de grandeza e prosperidade (...)

Pseudo-clivadas Extrapostas

- e é bom argumento sabermos de certo que foi ele quem nomeou o que na verdade veio a ser eleito, ao qual na idade, no cargo e na valia e na opinião dos homens fazia então conhecida ventagem.

- Não é isto, Padres Reverendíssimos, o que eu aprendi nas escolas.

Sentenças com sequência de Pseudo-clivada com Wh ‘o que’ para Referente [+humano]

- Aos padres mais graves da Província foi em especial aceita a eleição, entre os quais o Mestre Frei Luís de Granada, que então era Provincial, foi o que mais a festejou, que, como tão espiritual, havia que quadrava bem com uma casa, que por todas as idades fora observantíssima, o governo de quem era espelho de observância.

- e sede Vós o que façais aquilo que é bem que nós obremos.

5. g_001: Gazeta – Manuel de Galhegos (n.1597)

Clivadas

- E foi desta maneira o mestre-de-campo Dom Francisco de Sousa se previniu para entrar em Castela ao mesmo tempo, em que Manoel de Melo alcaide-mor, e capitão-mor de Serpa, filho de Luís de Melo porteiro-mor, e capitão da guarda Real portuguesa, teve aviso de que o governador das armas tratava de mandar gente a campanha.

6. v_004: Sermões – Padre A. Vieira (n.1608)

Clivadas Invertidas

- D'esta substancia, e d'este tudo do Juiso universal, é que fallou o Senhor na sua conclusão (...)

- logo no dia da morte é que propriamente se faz o Juiso.

- Ao predicamento da acção é que pertence a verdadeira fidalguia (...)

Pseudo-clivadas

- Copernico, insigne mathematico do proximo seculo, inventou um novo systêma do mundo, em que demonstrou, ou quiz demonstrar posto que erradamente, que não era o sol o que se movia e rodeava o mundo, senão que esta mesma terra em que vivemos, sem nós o sentirmos, é a que se move, e anda sempre aa roda. De sorte, que quando a terra dá meia volta, então descobre o sol, e dizemos que nasce, e quando acaba de dar a outra meia volta, então lhe desaparece o sol, e dizemos que se põe.

- e o que viu o Propheta foi uma parede ou fachada em que estava um idolo do zelo: (...)
- Se os embaixadores perguntaram ao Baptista o que fazia, então estava bem respondido com a voz que clamava no deserto, porque o que o Baptista fazia no deserto, era dar vozes e clamar (...)
- O que reparo muito n'este caso, é que em vez de o Baptista vir do deserto à côrte a pretender a dignidade, a dignidade foi da côrte ao deserto a pretender o Baptista.

Pseudo-clivadas Invertidas

- e tudo isto que se faz agora e não depois, é o que o Senhor disse que se havia de fazer dentro d'aquelle seculo: (...)
- Copernico, insigne mathematico do proximo seculo, inventou um novo systema do mundo, em que demonstrou, ou quiz demonstrar posto que erradamente, que não era o sol o que se movia e rodeava o mundo, senão que esta mesma terra em que vivemos, sem nós o sentirmos, é a que se move, e anda sempre à roda.
- Mas como toda a competencia era correr, e o que mais corria era o que triumphava, não podiam deixar de passar as Olympiadas, como passaram todos os outros jogos d'aquelles tempos, ou todos os passatempos d'aquelles jogos.
- Aquelle stabat tantas vezes repetido, é o que tirou toda a similhaça de verdade aa engenhosa pintura. Porque nem a primavera com as suas flôres, nem o estio com as suas espigas, nem o outono com os seus fructos, nem o inverno com os seus frios e neves, por mais tolhido e entorpecido que pareça, pôdem estar parados um momento.
- mas como os talentos Deus é quem os dá, e não os paes, não se devem fundar as eleições nas gerações, senão nas acções.

Pseudo-clivadas Extrapostas

- Ou seja o sol o que se move, ou nós os que nos movemos; ou o sol se ponha para nós, ou nós para elle, os effeitos são os mesmos.

- e não foram os homens os que pretenderam o officio senão o officio o que pretendeu o homem.

Sentenças com sequência de Pseudo-clivada com Wh ‘o que’ para Referente [+humano]

- Eu só sou o que zelo a honra de Deus (...)

- Assim como não foi o Baptista o que veio do deserto à côrte pretender a dignidade, senão a dignidade a que foi da côrte ao deserto pretender o Baptista, assim digo, que em todo o reino bem governado não devem os homens pretender os officios, senão os officios pretender os homens.

- Este era o que já tinha sido secretamente ungido (...)

7. c_002: Vida e Morte de Madre Helena da Cruz – Maria do Céu (n. 1658)

Pseudo-clivadas

- e adonde melhor se deu a conhecer foy no coração de Elena, a donde os affectos que ficaraõ demonstravaõ a causa que os mouia (...)

- nesta aparição entendo, que o que a detinha no Purgatorio, era o excesso nas gallas, que ainda que pello estado seja permitidas, sempre na demazia devem ser cerceadas, por que tanta luz para o corpo, não venha ao depois ser fogo para o espirito, e passar do descende ao superfluo, quando não seja culpa pello intento, sempre o he pella vaydade.

- respondeu lhe que o que queria era o seu retrato (...)

Pseudo-clivadas Invertidas

- Estando em oração, que he adonde tinha estas aparições, chegou a ella huma menina, como de sette annos, muy bem nutrida e aciada, mas moreninha de cor (...)

Pseudo-Clivadas com Wh ‘o que’ para referente [+humano]

- sendo aquelle emDiosado Muzico, o que ganhou as alvissaras à deusa do Amor, que banhada em gozo na celestial vizaõ, leo nella da sua pertençaõ o logro (...)

8. b_001: Vida do Apostólico Padre A. Vieira – André de Barros (n. 1675)

Pseudo-clivadas

- e em partes se espraia em planícies, tão alagadas todas, e cobertas de água corrente, e doce, que por espaço de cento, duzentas, e mais léguas, o que se vê, são bosques, palmares, e arvoredos altíssimos com os troncos, e raízes na mesma água.

- o que porém conseguiu de tantos zelos, de tantos trabalhos, e Apostólicas fadigas, foi conhecer, que só estando isentas as Missões do poder, e interesses, dos que ali governam, poderá haver conversão de Gentilidade.

Pseudo-clivadas Extrapostas

- Publicaram pois os Franceses um livro das Missões dos Padres Capuchos, escrito pelo Padre Cláudio Abeville, querendo mostrar ao Mundo serem eles, quem como primeiros conquistadores, deram o nome de São Luiz à capital daquele Estado.

Sentenças com sequência de Pseudo-clivada com Wh ‘o que’ para Referente [+humano]

- e como o grande coração, e alma do Padre ANTÓNIO VIEIRA tinha tanta luz, como fogo, posto este negócio em consulta dos Missionários, todos votaram, que fosse ele, o que viesse ao Reino, como Superior de todos os Missionários, a declarar a Sua Majestade os estragos, que iam nas almas do Maranhão.

9. c_001: Cartas, Cavaleiro de Oliveira – Cavaleiro de Oliveira (Fco Xavier) (n. 1702)

Clivadas

- porém saí venturoso em muitas delas, sem saber dizer até agora se foi a fé do pau da barca que me salvou ou foi alguma varinha do condão que me assistiu. (2)

- Não sou eu que a invento, tendo sido Horácio quem a contou.

- É a razão que fala, ou é o meu juízo que erra. (2)

- e é o que conhece das cacofonias que a pena deixa passar mui facilmente.

- Não é a paixão nem o amor que farão o meu discurso.

- são os meus próprios interesses que ponho nas mãos de Vossa Alteza a quem,

de todas as obrigações que devo, esta será sem dúvida a mais considerável.

- e julguei que era para receber o tributo de admiração que ele cria merecer a todo o mundo.

Clivadas Invertidas

- e para aqui é que eu não peço lágrimas, porque a sua cara de choramingas é das caras que defendem as suas pousadas, ou daquelas por quem se disse: por esta não desejarás a mulher do teu próximo.

- Onde viu Vossa Mercê outros pés como os seus é que desejo saber.

- Nestas condições é que digo, e não deixarei ainda de o repetir, a alma nada em uma alegria infável, perdendo se na bebedice dos prazeres, os quais só são grandes e verdadeiros se a inocência do estado em que se logram apartam de si o temor dos escrúpulos e dos remorsos que se seguem em outros casos.

- Só deste é que se pode dizer que, incendiado e entretido por uma substância que imagina e que arrazoa, não está sujeito a nenhum dos inconvenientes que se seguem inevitavelmente ao outro, pois que tira a essa mesma substância, que nos deve conduzir, a liberdade dos movimentos e das operações.

- e elas são que me fazem dizer vos: adeus querida e ainda mais querida do que vós imaginais.

- A respeito dos serviços que se fazem, o criado é que deve ser pago e não a senhora.

- porém aí é que está o diabo, sendo a que mais me pica não poder chegar a conhecer que qualidade de galantaria ou de extravagância seja a vossa.

Pseudo-clivadas

- O que sei é que tendo muito bom coscorrinho, joga com tanto medo a arrenegada de vintém como se não tivesse cinco réis de seu.
- o que eu quero, ainda que a furta lhe o fato, é que Vossa Senhoria me perdoe se no discurso de hoje me meti em alguns debuxos de pouco gosto.
- O que sei é que este erro, sendo de um homem, vale por todos os que as mulheres podem ter praticado neste sentido, e que à vista dum tal exemplo, não podereis dizer, nem assegurar, que elas são as únicas em que se acham fraquezas e debilidades desta natureza.
- No que consiste a meu ver a nossa cegueira, o nosso erro e a nossa ignorância é em que chegemos a estimar a mulher de tal forma que lhe consintamos a autoridade de nos governar.
- porém onde achava a consolação do seu sofrimento era sempre na companhia da agradável irmã.
- O que unicamente me desagrada é que, tendo me vós dito tantas vezes que o meu amor morava na vossa alma, sejais capaz de pôr este mesmo amor no meio da rua se ele quiser viver convosco vinte e quatro horas sem pagar o aluguer.
- Finalmente o que me parece mais acertado, no caso que não queirais emendar o vosso estilo, é que renunciéis inteiramente a tudo o que se chama pena, tinta e papel, empregando o dinheiro que nisso dispendeis em outras obras que vos possam ser meritórias.

Pseudo-clivadas Invertidas

- Nas inquietações ciosas é onde a alma se acha como em desordem e como em delírio (...)
- Render se esta às paixões é no que consiste o descrédito do Entendimento (...)

- e, sem lhe louvar o talhe ou as perfeições do rosto, insiste sòmente sobre o brilhante esplendor do seu espírito, que era o que lhe dava o poder de enfeitiçar.

- O exemplo do barão Brutzen é o que me mete mais medo.

Pseudo-clivada Extraposta

- Não sou eu que a invento, tendo sido Horácio quem a contou.

- porém não é isso o que eu pergunto.

- Não é o seu negócio o que eu recomendo (...)

- porém, já que fostes vós quem me mostrou o caminho, recebi a glória e o contentamento de verdes que devo a vossa prudência a cobrança da minha virtude.

Sentenças com sequência de Pseudo-clivada com Wh ‘o que’ para Referente [+humano]

- Ele é o que confessa sinceramente que o sábio não pode embarçar os movimentos da sua alma, ainda que a sua razão se possa opor vigorosamente aos seus excessos.

- Era o grande sacerdote o que fazia beber às mulheres, acusadas de impudicidade, um grande copo de água mui amargosa, a que se chamava água do ciúme.

- Como Vossa Senhoria é o que há de escrever, é justo que se suponha que Vossa Senhoria foi o que discorreu (...) (2)

- Este mesmo médico foi o que introduziu a moda ou o costume de doirar as pílulas e de as fazer aviar na botica em papel branco, limpo e cortado em diversas figuras.

10. a_001: Reflexões sobre a Vaidade dos Homens – Matias Aires (n. 1705)

Clivadas

- e assim não é a ciência que buscam, mas a reputação (...)

Clivadas invertidas

- e então é que se esforça, e produz cousas admiráveis (...)

- para este mundo é que obramos (...)

- Na parte em que domina algum usurpador, para ele é que se olha, e não para a usurpação (...)

- e quando nos parece que a nossa vista rompeu a nuvem, e que o nosso discurso desfez o embaraço, então é que estamos cegos (...)

- e então é que erramos mais.

- se está menos satisfeita, então é que toma um ar de devoção, e desengano (...)

- então é que a vaidade nos enche de alegria (...)

- então é que a tristeza nos combate, porque então nos vemos como somos.

- Os seus adornos é que são materiais (...)

- estes é que governam as regras.

- só então é que os montes são anfiteatros, que servem de decoração aos vales (...)
- e nesta é que costuma haver o engano (...)
- eles é que se fazem a si, por seguirem o que a ocasião pede.
- mas para nosso mal, a balança na mão da Justiça, pintada é que se vê; não porque deixem de haver homens justos, mas porque a justiça verdadeiramente não se pode pesar (...)
- e esta é que propriamente é sua (...)
- e na ocasião de serem aplicadas, é que têm o perigo de se quebrarem, ou torcerem (...)
- e muitas vezes na emenda é que está o erro; semelhante ao mal, que procedeu unicamente do remédio (...)
- para esta é que olha (...)
- Deste modo é, que antigamente haviam Nobres, porque em todo o tempo houveram poderosos (...)

Pseudo-clivadas

- e os Heróis o que os faz mais visíveis, é a distância, e desproporção dos outros homens em que os põem as suas acções (...)
- o que diversifica os modos é a alegria, a tristeza, o amor, o ódio, o desejo, ou a indiferença, e mais que tudo a vaidade.

- e por mais, que o não sintamos, o que primeiro cansa, é o entendimento; porque este é como a força, que até um certo tempo cresce, até outro se conserva, e depois sempre vai diminuindo.
- o que acabou com a fuga, ou com a morte, foi a pena temporal, e por consequência pena curta, porque acabava com a vida (...)
- no tempo de prometer, o que vemos, são agrados (...)
- no tempo de cumprir, o que achamos, são durezas (...)
- Tirada a insígnia, o que fica, é um homem simples (...)
- debaixo de uma vestidura negra, e talar, o que se nos figura, é um Jurisconsulto rígido, e inflexível (...)
- debaixo de um semblante descarnado, e macilento, o que descobrimos, é um austero Anacoreta.
- o que faz é aprovar a preocupação anterior, que a vaidade lhe introduz (...)
- o que sucede é passarem por lugares diferentes (...)
- o não usar de nenhuma sorte, o que traz é esquecimento.
- o que o perde, é a propriedade (...)
- e o que fica, é uma estátua, uma sombra, uma figura.
- Uma Comunidade Religiosa coberta de véus, o que faz imaginar é que cada véu encobre uma beleza (...)

- e muitas vezes o que encobre, é uma fealdade enorme (...)
- o que faz acabar o amor, é a ventura (...) (2)
- Esta o que a faz criminosa, é o conhece-la (...)
- quem muda é o tempo, a ciência não.
- Comummente o que nos faz deixar os vícios, é a impossibilidade de os conservar (...)
- e ainda então o que perdemos, é o uso deles, e não a vontade (...)
- e desta qualidade o que pode resultar, é o ser mais durável.
- esta o que tem de mais, é que sabe introduzir, espalhar, e autorizar(...)
- e nesta forma o que a ciência nos traz, é sabermos errar com método.
- o que importa nelas, é ter no exterior um brilhante falso, cujo resplendor furtado escandalize os olhos de quem o quiser ver de perto (...)
- o que há nelas de agradável, é o que fica exposto à vista, e por isso ornado de emblemas, de proporções, de correspondências, e figuras (...)
- o que buscam, é utilidade, e aplauso (...)
- o que exigem, é silêncio, e adoração (...)
- mas se algum impaciente, e indiscreto força a cortina, e entra, o que vê, é um lugar escuro, embaraçado, sem ordem, nem asseio (...)

- quem mais se distingue, é quem melhor exprime o que não sente, e quem parece melhor o que não é (...) (2)

- e desta sorte o que conhecemos, é o efeito do frio, e não o frio (...)

- estes o que querem, é a utilidade da vitória (...)

- o que quer é, que os homens se admirem (...)

- e com efeito o que sabe é, que o sangue é uma entidade material, sujeita a todas as leis da hidrostática, e do equilíbrio, e que forma um líquido espirituoso, vital, universal, e igual em tudo quanto respira, e é sensitivo (...)

- Não é isto assim na vaidade da Nobreza, porque a esta o que convém é ter um princípio impenetrável, e que esteja envolvido em sombras tais, que o exame as não possa romper; e que esse mesmo exame, já confuso, e embaraçado, não chegue senão até àquela parte, de onde a Nobreza está mais brilhante, e clara (...)

- O que o sangue parece tem de mais, é que não necessita danossa intenção (...)

- quando muito o que háde saber, é a história do que os Autores escreveram, e não a verdade daquilo que escreveram.

- Os historiadores no que mais se esforçam, é em pintar cada um a si, e introduzirem no que escrevem as suas profissões, e inclinações.

- naquela imaginação o que se ganha, ou perde, é um pensamento (...)

- o que as distingue, é a matéria, que lhes vai servindo de alimento, e não a primeira luz de onde começaram.

- quem os fez maiores, foi a Providência (...)

Pseudo-clivadas Invertidas

- e entre eles a fama é ao que mais nos inclina a vaidade; sendo que o mesmo ar, que lhe dilata os ecos, lhe confunde, e apaga a voz.

- No desprezo da vida, é de onde a vaidade se mostra altiva, e arrogante.

- este resto de vaidade é unicamente o que os reprime.

- e a este homem de fora é a quem se dirigem os respeitos, e atenções (...)

- Aquele que sai sem fausto, nem cortejo, e que logo no rosto indica, que é sujeito à dor, à aflição, e à miséria, esse é o que representa o papel de homem.

- a resistência é o que move a vontade (...)

- aquelas que parecem negras, que passam em silêncio, e que apenas se movem, essas são de onde o perigo é certo (...)

- nas praias é de onde o mar se levanta mais, e faz estrondo (...)

- mas é lá de onde o risco é grande.

- nessa mesma vontade é de onde o erro se introduz.

- a ciência que os fez subir, é o que desprezam mais; não porque totalmente desprezam a ciência, mas porque esta prescreve certos modos, e limites, que se não podem passar, nem deixar de chegar a eles (...)

- aquele, que sabe ser mais cortês, cuja voz é mais sonora, e cujo nome é fácil de pronunciar, ou de escrever, esse é o que vence, e a quem se julga a palma (...)

- ali é finalmente de onde a vaidade como em um labirinto famoso, e agradável intenta medir o ar, pesar o vento, apalpar as sombras.

- e é a mesma de que se forma o tronco, os ramos, as folhas, e os frutos; de sorte que o humor da terra é o que anima a planta, é o seu sangue (...)

- a falta de mudança, é o que o perverte (...)

- O desejo de contar cousas admiráveis, e a vaidade, que o historiador tem de manifestar que as sabe, é o que fez sempre inventar, e escrever sucessos fabulosos.

- O tempo não é o que enobrece.

Pseudo-clivadas Extrapostas

- Não é só nesta parte, Senhor, em que vemos um prodígio em Vossa Majestade.

- mas é certo, que um deles é violento às vezes, o outro é suave sempre; porque as cadeias, ainda as que são mais pesadas, ficam sendo leves, quando é o amor quem as faz, e as suporta.

- o receio de que o poder se perca, ou o respeito diminua, é o que ocupa cruelmente aos que estão em lugares eminentes (...)

- o que o fizer mais espantoso, e o espalhar mais longe, esse é o que convém (...)

Sentenças com sequência de Pseudo-clivada com Wh ‘o que’ para Referente [+humano]

- verdadeiramente não é o homem o que muda (...)

- aquele, que sabe ser mais cortesão, cuja voz é mais sonora, e cujo nome é fácil de pronunciar, ou de escrever, esse é o que vence, e a quem se julga a palma (...)

- Alguns Escritores dizem, que aquele Príncipe fora o que entregara a sua pátria, abrindo uma das portas de Tróia aos Gregos (...)

- quem primeiro o causa, é o que se diz ser princípio dele (...)

11. a_004: Cartas, Marquesa de Alorna - Marquesa de Alorna (n. 1750)

Clivadas

- pois é no meio da infecção e miséria que a piedade ilusa se atreve a exigir um altar em que se celebra o sacrifício mais solene da nossa Religião e se trocam às vezes os mais puros incensos pela mais odiosa infecção.

- mas não é de todos os modos, nem em qualquer lugar que devemos celebrar os seus mistérios.

- É o bom gosto que sabe variar e transformar as cousas mais insignificantes em ornatos lindos e pouco dispendiosos.

- É o amor materno que não suporta que os erros lhe arranquem do coração a porção mais pura de seu sangue, que lhe destruam a consolação de seus dias, que enfraqueçam o apoio

da sua velhice e que, finalmente, lhe lacerem o seu tesouro único e delicioso prémio, que a natureza deu às suas dôres.

- São as duas vontades soberanas em contradição que nos põem em tortura (...)

Clivadas Invertidas

- Só depois de vencida a emprêsa em que me meti, é que darei a Vossa Excelência miúda relação dela (...)

- O médico é que me traz todos os meses os tais Review, em que acho muito Divertimento (...)

- mas minha Mãe é que teve a culpa de ela ir assim.

- e então é que pus as cousas em termos, porque por escrito posso eu fazer muito pouco, por causa da minha delicadeza de peito e defluxos, com alguma aparência de reumatismo.

- A Rainha é que quis (...)

- À tarde é que os lisonjeiros, os elegantes, os ociosos, bem brunidos, bem contentes de si, passam de uma casa a outra, ora a felicitar uma senhora do dia dos seus anos, outra do seu feliz parto, aquela de um despacho, esta outra de um casamento.

- Para essas ocasiões é que se lhes paga (...)

- ali é que nos pertence dá- -lo a Deus.

- e êstes limites é que eu desejo que Você e todos os meus filhos conheçam, para nunca degenerarem em monstros de tirania para com aquêles que padecem, o que é muito vulgar

no século presente, não se dando mais desculpas a êsses êrros, que um simples Não adverti (...)

- Então é que a carta de Vossa Alteza Real me deu fôrças para animar o Marquês e tratar a fundo todos e quantos meios podemos excogitar para obedecer- -lhe e concordar a vontade de Príncipe com a sua.

Pseudo-clivadas Invertidas

- e a memória de Vossa Excelência, triste, que a todo o instante atrai as suas lágrimas, foi o que minha Mãe quis por companhia, nos instantes em que de alguma sorte nós aliviávamos a penosa situação em que nos vemos.

- O Príncipe também está picado, porque, tendo ordenado que mais se não bolisse neste negócio, continuamente percebe que êsse mesmo negócio é o que se quiere (...)

Pseudo-clivadas Extrapostas

- Nós fomos quem, depois da comunhão, pronunciámos tôdas as graças que se deviam a Deus naquele acto (...)

12. c_005: Jose Daniel Rodrigues da Costa – Entremezes de Cordel (n. 1757)

Clivadas

- É para a Rua dos Condes Que nos leva, meu desvelo?

Clivadas invertidas

- e um a um é que se há de examinar.

- Vossa mercê é que nos veio tentar a nós, que estávamos bem quietos.
- Meu filho, pelas heróicas ações é que os homens se conhecem.
- Por serem de merecimento é que serão presenteadas.
- o touro mais forte este é que acredita não só o cavaleiro mas ainda o mesmo cavalo.
- Depois de murmurar como nós, é que faz o escrúpulo.
- Agora é que te chegou o medo?

Pseudo-clivadas

- Eu o que digo é que suas filhas damas de um teatro farão um bom negócio em que Vossa Mercê pode levar interesse.
- e o que me suspendeu, senhor Capa Curta, de lhe tomar satisfação, foi o lembrar- -me que estamos companheiros nesta casa de pasto.
- O que eu quero é que você diante de gente me dê o meu tratamento.

Pseudo-clivada Invertida

- Porém, senhor, cá para cima tenho que só o dinheiro é quem triunfa de todas essas bagatelas.
- Isto é o que me contenta.

- Enfim, senhor Roberto, só por ter gosto de o meu filho ir desempenhar a minha geração, eu sou o que consinto no ajuste que Vossa Mercê faz.

- Faze de conta que ali é d onde deves fazer as cortesias.

- Ele é quem dá cá de comer, e beber, vestir e calçar?

- Ainda me falta que fazer, que é dar- -lhe remédio de prevenção para não cair em parvoíces que me dêem trabalho, que se Vossa Mercê fora um homem instruído e soubera preencher todas as suas obrigações, não cairia em deixar ridicularizar a sua casa, expondo sua filha com uma soberba fantasia a ser tola por arte e natureza, quando Vossa Mercê deveria ser o primeiro que coibisse os seus ridículos destemperos, metendo- -a na segura estrada do comedimento, governo e honesta seriedade, que é o que deve pertencer a uma filha sisuda e a um pai honrado.

**13. g_004: J. B. da Silva L. de Almeida Garret – Teatro, Almeida Garret
(n. 1799)**

Clivadas

- mas não foi com este senhor que eu almocei hontem .

- Parece- -me que é assim que se diz.

- É a patetice do nosso boticario que te tirou da miseria.

- E dizer que é ella, ella mesma, a infeliz! que me quer fazer irresistivel, que me põe os matadores todos! (2)

- não sou eu que vou (...)

- Oh senhor, será com os meus ouvidos que o eu estou ouvindo?

- sou eu que o digo (...)

- E as minhas trovas, as minhas prophecias, sou eu que as venho cumprir e fazer cumprir.

- É o outro que se zanga (...)

- São os meus olhos que vêem, os meus ouvidos que ouvem?

- foi o Senhor capitão que veio arcar comigo de proposito e caso pensado.

- e é uma obra de misericordia que lhe faço, que é bom para os creados saberem o viver dos amos.

- Visto isso, era uma espera que estavam fazendo (...)

- Era eu que sahi para ir à casa do meu précurador.

- Foi tambem o sapateiro que levantou essa mentira?

- então não era ella que conversou hontem à noite comigo da janela abaixo.

Clivadas Invertidas

- Veiu a Lisboa - agora é que o eu sei bem - só para achar pretexto de o desmanchar.

- Meu pae é que o não entende assim (...)

- Eu é que se pudesse ouvi- -lo, e fazer assim idéa do seu modo.

- pois a mesma em pessoa é que me pediu, a mim.
- Um dos rapazes que ahi vem almoçar é que me há de servir de padrinho.
- eu é que hei- -de arranjar esse negocio.
- Assim é que vocês o entendem .
- Agora é que eu já não entendo.
- Essa é que é moderação que tu me dizias .
- Eu é que devia ir aos seus pés.
- Como isto foi é que eu não sei (...)
- e provavelmente com elle é que eu almocei.
- Só opio é que não; Que todo o que havia tomou -o o patrão.
- Ah! este é que é (...)
- Não, que assim é que me ele rende.
- isso mesmo é que é.
- Ora o senhor Pantaleão é que está a mangar com um pobre.
- sou poeta! que essa é que é a historia.
- Mas eu é que não tenho dinheiro: donde não é a lei de Deus.

- Oh mulher, pois tu é que és?

- Mas mulher, se tu queres, se tu é que queres, se tu é que me estás sempre a dizer, a recommendar: 'não digas nada (...) (2)

- Catharina, minha prima Catharina, é que eu quero saber (...)

- Nestes casos apertados É que brilha a arte divina.

- Só o San Miguel é que ficou lá.

- Isso é que não ha (...)

- Eu é que sou o tolo (...)

- Diz que assim é que eram os noivados noutro tempo, no tal bom tempo que elles dizem que era e que há de tornar.

- só o nome do noivo é que está em branco na escriptura, pela tal teima que o Thomé não é Thomé.

- e tiveram a confiança - o animal de frei Bernardo é que mais zanga me faz - tiveram o descôco de me dar os parabens!

- Mal sabem elles que eu é que sou o ponto, ou o contraregra, ou como é que se diz?

- Eu é que sou o contraregra nesta comedia (...)

- eu é que os faço sahir (...)

- eu é que os faço entrar.

- mas ahi é que bate o ponto (...)
- Pois não me disse inda agora que à meia noite é que era?
- Esse é que há de pagar por ambos (...)
- Não imaginam decerto que nesta mesma casa é que está o seu defunto.
- A afilhada é que não sabe o que diz.
- a mim é que me pertence tratar do casamento de Marianna, porque estou em lugar de sua mãe (...)
- pois aqui é que o vêm procurar?
- Elle é que me tem aconselhado em tudo.

Pseudo-clivadas

- Quem o protege é a filha.
- mas o que eu não sei é se gosta que se gracieje com elle (...)
- o que vale é a muita indulgencia que vem de Roma (...)
- mas na verdade, quem mos fez escrever foi este meu criado.

Pseudo-clivadas Invertidas

- pois isso é o que me admira.

- Como lho elles lêem nesta lettra, é o que eu não sei.

- é o que eu não sei.

- Inda bem! Isso é o que nós queremos.

- isto é o que eu não posso levar à paciencia

Pseudo-clivadas Extarpostas

- Creio que é o senhor Braz Ferreira, do Porto, a quem tenho a honra de falar?

Sentenças com sequência de Pseudo-clivada com Wh ‘o que’ para Referente [+humano]

- Emfim, o meu honradissimo homem, que já é commendador e sáe conselheiro um dia destes, era o que me tinha emprestado o dinheiro. De sorte que na compra da casa, feitas bem as contas (...)

- O que me vale é a criada da Dona Antonia que me dá às escondidas alguns restos que por lá lhe ficam (...)

14. a_003: Memórias do Marquês da Fronteira e d’Alorna – Marquês de Fronteira e d’Alorna (n. 1802)

Clivadas

- e, ainda há 30 anos, encontrando em Paris o Conde Artozi, antigo amigo e camarada de meu Pai, me recordei de que fora ele que lhe fizera as honras fúnebres!

- Meu tio disse lhe que era por o meu guarda-roupa que eu chamava e que não era frade.

- Foi aquele mesmo Lord Beauclerk que, comandando em 1828, como Almirante, a estação naval inglesa surta em o Tejo, me recebeu a bordo de a sua nau almirante com minha Mulher e filha, quando fui obrigado a emigrar para escapar a a perseguição de o governo de o usurpador (...)

- Hei de ter muitas ocasiões de falar em esta parenta, porque foi ela que com o maior desvelo educou a única irmã que tive.

- Foi então que vi por a primeira vez uma esquadra a a vela, porque presenciei a entrada em o Tejo de a esquadra de o Almirante Jervis, Lord Saint Vincent (...)

- Foi em esta ocasião que vi, por a primeira vez, um cavalheiro de quem fui amigo e colega em a Câmara de os Pares, o primeiro tenente José de Vasconcellos, depois Barão de Lazarim, Vice- Almirante e Major General de a Armada, com quem, pouco antes de a sua morte, recordei este dia, lembrando se ele de me ter trazido a o colo.

- foi mais tarde que soube que elas eram procedidas de saudades por meu Pai, saudades que a nossa vista lhe avivava.

- Foi por este tempo, segundo a minha memória, que principiei a ouvir falar em a saída de o Príncipe Regente, de este Reino, ouvindo dizer a minhas tias e a a família que o Príncipe partia com brevidade para a Ilha de a Madeira, outros diziam que para o Brasil, e, discutindo se a posição em que nós ficávamos, partindo a Corte e o nosso tutor para fora de o Reino.

- Segundo as idéias que tenho, foi em uma de estas conferências que se decidiu que não devíamos emigrar, porque, por a nossa pouca idade, nenhuns deveres tínhamos a cumprir, nem para com o paiz, nem para com o Príncipe, que nos obrigassem a expor a nossa fortuna.

- Foi só então que o Príncipe soube que o exército de Napoleão havia já trinta horas que estava a vinte e quatro léguas de a capital!

- Recordo me de quando meu tio, o Marquês de Bellas, chegou a Bemfica, vindo de Mafra para assegurar a minhas tias que ficávamos em o reino e tomar, como nosso tutor, as suas disposições, escrevendo uma carta anosso tio, o Marquês de Alorna, que, como já disse, comandava as forças de o Alemtejo, dizendo lhe que a última vontade de meu Pai se devia cumprir e que, durante a sua ausência de o reino, era a ele que pertencia tomar entrega de a nossa tutela.

- e foi então que, segundo a minha lembrança, os vi por a primeira vez, pois que nenhuma idéia tinha de a sua partida para aquela corte.

- Não sei se foi por o meu título de Marquês, porque havia então poucos em Lisboa, se por a minha qualidade de criança, que fiquei colocado a a direita de o Presidente, e fui um de os primeiros a assinar a representação que se dirigia a o Imperador.

- Não eram os meus tios Bellas nem a sua família, ou os meus parentes Tancos e Lavradio que se despediam (...)

- eram o meu tio Marquês de Alorna, o Conde de Sabugal, Marquês de Ponte de Lima e José Tancos, Ajudante de campo de meu tio Alorna e o único de a família que tinha ficado em Portugal, que nos diziam os seus adeuses.

- Foi a as duas horas de a madrugada que ele deixou para sempre a sua família, não tendo mais a felicidade, durante o resto de a vida, de ver nenhum parente próximo, além de a Condessa de a Ega, que encontrou algumas vezes fora de este reino.

- Foi em estas conversações que eu por a primeira vez ouvi falar em movimentos revolucionários em as províncias.

- e foi aqui que souberam de o primeiro revés de os franceses.

- Presumo que foi ali que ele recebeu a notícia de a batalha de a Roliça, estando toda a família reunida, porque me lembro de ter por a primeira vez ouvido falar a minha tia, a Condessa de a Ega, em ir para França, o que muita impressão causou a minhas tias, porque a partida de estes parentes importava a completa dispersão de a nossa numerosa família.

- É de este tempo que eu e meu irmão tivemos a honra de nos tratar por tu com o ilustre diplomata, apesar de ter mais vinte anos de o que nós, o que fazia com que ele dissesse que 'tínhamos nascido com a liberdade de o tratar por tu'.

- Foi ele quem me crismou (...)

- e foi então que me habituei a julgar de o merecimento de a nossa companhia cômica!

- Foi só então que o General soube quem era o seu Chefe de Estado Maior, que pertencia a uma de as mais ilustres famílias de Portugal, e que, apesar de a sua pouca idade, era uma de as ilustrações de o país.

- mas quando se chora de saudades por os parentes e bemfeitores, é a voz de a natureza que fala (...)

- Foi em as festas de este casamento que tomei conhecimento com umas senhoras que eram minhas próximas parentas, irmãs de o Marquês de Angeja Dom João, de as quais terei muitas ocasiões de falar.

- foi o Padre Allen que nos forneceu o bom vinho de Loures que ainda hoje é fabricado por a receita que ele deu.

- e foi ali que, por a primeira vez, dançamos e nos embriagamos.

- Foi em aquelas escadas que eu e meu irmão abraçamos por a última vez nossa tia Luiza que apenas tinha vinte anos (...)

- É de esta época que tivemos a honra de tratar por tu o ilustre Marechal Saldanha, apesar de a diferença de as idades.

- Foi por este tempo, pouco mais ou menos, que nasceu em Bemfica o atual Conde de Rio Maior.

- e foi com grande dificuldade que João Evangelista e um criado nos puderam meter em a carruagem, o que nos deu grande gosto, porque nunca nos tínhamos visto em tais apertos.

- Foi por esta ocasião que vi, por a primeira vez, o General Luiz de o Rego que tanta glória adquiriu durante a guerra.

- Foi em uma de estas reuniões que fiz as minhas declarações a minha futura mulher e ouvi as suas (...)

- e posso dizer que foi ali que ajustei o meu casamento.

- A Condessa, e algumas pessoas que ali estavam, pensariam que era o desgraçado estado de saúde de os nossos Príncipes que me sensibilisava (...)

- Foi em esta época que vi, por a primeira vez, o famoso Mister Canning que tinha vindo a Portugal em missão extraordinária.

- e foi em esta ocasião que conheci serem as salas de recepção de aquele palácio de as mais elegantes e alegres de a capital (...)

Clivadas Invertidas

- Os pregadores é que levavam muito má vida, porque anunciava uma festa a Santo Antonio e, a a última hora, pedia a o pregador que pregasse de São João (...)
- Só um mês depois de ocupar a capital é que pôde reunir a força de dez mil homens.
- e só depois de a restauração é que tomou conta de a tutela, mostrando se desde então um bom parente e excelente tutor.
- Por este tempo é que partiu para Baiona a representação de que acima falei, tendo sido nomeados, a a última hora, para fazerem parte de ela, e um como presidente, dois parentes nossos, os Marqueses de Abrantes.
- eu é que tive a fortuna de a encontrar em Paris, dezessete anos depois, sendo já casado e militar.
- Só os inválidos e as crianças é que ficaram em Lisboa, porque mesmo os velhos marcharam.
- A ilusão de este é que durou por muitos anos.
- O traje que nos deu para andar a cavalo é que era um pouco original para as nossas idades!
- e o parente mais próximo, de menor idade, é que lhes servia de caudatário, indo vestido a a corte, mas sem espada, como usam os moços fidalgos em o paço.
- e só em o fim de meia hora de enfadonho diálogo, conservando se sempre em a carruagem, é que se ocupou de o desembarque de as filhas, que se fez em a Rocha de o Conde de Obidos, dirigindo se depois a casa de os Marqueses de Abrantes, onde nós estávamos.

- mas hoje, que a posso avaliar por o que tenho sofrido, é que lhe faço inteira justiça.

Pseudo-clivadas

- e ele, desesperado, chama tolo a o criado, porque não tinha feito o que lhe mandara, pois o que ele queria era que a caixa lhe viesse por o telégrafo!

- e por isso quem formava a maior parte de a sociedade eram os oficiais franceses.

Pseudo-clivadas Invertidas

- O seu quarto em o Paço era onde os parentes e amigos esperavam a ocasião de serem apresentados a os Príncipes.

- Dona Leonor de a Câmara era quem tinha toda a influência em seu irmão, governando, não só a casa, mas a ele próprio.

- Vivia com seu tio Dom Rafael Lorena, freire professo de a Ordem de São Thiago, e que foi quem me batizou e a quem eu, por isso, muito respeitava e beijava a mão.

- O Marquês de Niza, irmão de a noiva, foi quem lhe deu o braço em a ida para a capela.

- Este traje, em verdade pouco militar, foi o que usou aquele General durante toda a guerra.

- e o padre Antonio Pereira, prior de Santos, um de os melhores oradores de a época, muito amigo de a minha família e que muitos serviços tinha feito a minha Bisavó, enquanto ela esteve em Chellas, foi quem oficiou, servindo de diácono e sub-diácono, coisa notável, o capelão e o procurador de o Convento, de o tempo de minha Bisavó!

Pseudo-clivadas Extrapostas

- O Santo Milagre de Santarem, de tanta devoção para toda a província de a Extremadura, foi um jovem diácono, que muito bem conheci, o Padre Santarem, quem o trouxe, arrombando o sacrário, pondo a santa relíquia a o pescoço e fazendo a jornada a pé, quase a a vista de a vanguarda de Massena, não podendo embarcar, em consequência de o grande temporal que havia em o Tejo.

- O batizado foi feito com fausto, sendo o Dom Prior de Guimarães, seu tio-avô, quem o batizou.

15. b_005: Maria Moisés – Camilo Castelo Branco (n. 1826)

Clivadas

- era a paixão que a desnor-teava.

- foi lá que todos os bons latinistas meus condiscípulos leram a Arte de Amar de Ovídio (...)

- Foi por aí que deslizaram três meses do Estio e Outono de 1812.

- Foi o meu padre Santo António que trouxe cá a santa da mulher!

- Este olmo que ainda tem um sinal de letras, fui eu que o plantei há vinte e três anos.

- E foi por isso mesmo que teu pai as subtraiu (...)

- Era ali que Josefa esperava o juvenil aspirante embrenhada no choupal.

- É este cavalheiro que quer comprar esta quinta - disse o tabelião.

Clivadas Invertidas

- por isso é que eu te a vou ajudar a procurar.

- Em sua casa lho direi, pois que à sua casa é que venho.

- Assim foi que o abade de Pedraça tomou para si aquele pequenino, que se chamou Álvaro (...)

- Esse suicídio é que eu punha em dúvida nas minhas cartas que não recebeste.

- Isso é que não te posso dizer já (...)

- Ali é que ela dormia.

- mas a caridade na alma da santa mulher é que não esmoreceu.

- o que eu digo é que Deus traga o Senhor Dom Miguel I a ver se Portugal se endireita de vez.

- e diz como em segredo: - Agora é que eu compreendo as suas lágrimas de há pouco, em frente do quarto onde viveu e foi amortalhada Josefa.

- quando olho para ele é que eu conheço que já tenho muitos anos.

Pseudo-clivadas

- quem fazia algumas era um escrivão do juiz de paz, que fora desanojar o João da Lage (...)

- O que se diz é que ele passava o Tâmega nas poldras, com a cana de pesca e o cacifro (...)

- O que afirmo é que o morgado de Cimo de Vila, chegando há dois meses de férias de Coimbra, onde estuda matemática, pediu ao vigário de Santa Marinha que o casasse com Josefa de Santo Aleixo.

- Quem pensava mal era o teólogo, imaginando que o cadete e a loura de Santo Aleixo, emboscados no choupal da Ínsua, eram mais inocentes que os pássaros.

- mas o que eles carecem é de se pegar ao trabalho, guardarem uns cevados enquanto não podem ir para o monte com a rês (...)

- o que eu queria era ficar perto da minha ama - disse o velho.

- Nos literatos o que predomina é o verde (...)

Pseudo-clivadas Invertidas

- É o que eu lhe dizia, criatura - respondeu Rosária.

Pseudo-clivadas Extrapostas

- Foi ele então quem apaixonou (...)

- Foi ele quem recolheu no convento das Teresinhas de Braga, aos quinze anos, Maria Moisés, quando já eram falecidos o desembargador, e uma das irmãs, a madrinha da enjeitada.

- Os rendimentos da quinta são escassos e talvez mal pagos pelo caseiro a quem ela não pede contas, ou aceita as que ele quer dar- -lhe, porque foi ele quem a salvou.

- Foi ele quem a encontrou no rio ... - acrescentou o general.

Sentenças com sequência de Pseudo-clivada com Wh ‘o que’ para Referente [+humano]

- Este aleijadinho é o que ensina os outros a ler (...)

16. o_001: Cartas a Emília, Ramalho Ortigão – Ramalho Ortigão (n. 1836)

Clivadas

- Num jornal que ontem me mandaram diz que o espírito nacional do Brasil não é responsável pelas tolices daquele pasquim e que não é com injúrias descompostas que os brasileiros sensatos entendem que se deve responder a pessoas distintas como eu e Queiroz.

- É a pura amizade que nela me interessa (...)

- É assim que eu agora ataco toda a constipação que me aparece (...)

- Foi ela que foi lá a casa perguntar- -me porque eu não visitava a Duquesa de Palmela, procurando pôr- -nos na intimidade dela a mim e a vocês.

- É a raposa azul que se traz.

- E é sempre adorable que ele me chama.

- Os mesmos jornais que não gostam muito de mim, porque não é impunemente que jornalistas vêem um jornalista como eles sentado numa avant-scene da Ópera entre o duque de Almodovar e o duque de Tamames, cuja família já era nobre antes de Carlos Magno, desde o século seis; os mesmos jornais digo, me foram simpáticos.

- António que medite o assunto, e creia que vale a pena, apesar de ser um tolo que lho diz.

- E era por esse grande vexame que Moguel me queria fazer passar.

- Foi com esta condição que aceitei o convite de Prado.

- De resto é em Bonn que param todos os estrangeiros que vêm ao Reno.

- Se fosse a Isabelinha que se houvesse casado com o Pedro, já a estas horas teria fugido para casa dos pais depois de sevícias perpetradas pelo marido.

- e é por isso que eu considero impossível em Portugal uma duradoura restauração monárquica.

- É apenas agora que principiam a ver- -se à sua verdadeira luz os acontecimentos da grande revolução francesa.

- É só agora que se vê pelos admiráveis livros que estão sendo publicados que muitos dos grandes heróis de há um século não eram senão verdadeiros garotos como os da Rotunda, e que Napoleão não foi mais que a demonstração esmagadora de que aos destinos históricos da França, assim como aos de Portugal, era indispensável um ditador, que repôs as coisas no mesmo pé em que a deixara Turgot, o qual, como eu tive o prazer de dizer antes de mais ninguém, foi o João Franco da França.

- Mas são estas aventuras que desbanalizam as excursões e sublinham o prazer esportivo de viajar num país.

- Voltou para casa dizendo- -me que o exercício lhe fizera bem e que é de andar que ela precisa.

- Mas é sobretudo com inteira sinceridade que eu julgo dever redigir estes papéis.

Clivadas Invertidas

- Assim é que se criam os fortes, e se regeneram os homens.
- As noites é que estão muito frescas e lindíssimas.
- Hoje é que é a festa aqui com missa cantada, sermão, ladainha e arraial na quinta.
- Ora enquanto a retratar- -me condecorado isso é que terás paciência (...)
- Já não digo de mim mesmo porque eu é que nunca olharia para o meu retrato em semelhante feitio.
- Ora quem não conhecia precisamente senhora nenhuma era Moguel, de modo que se virou o feitiço contra o feiticeiro, e ele é que ficou sendo o estrangeiro deitado à margem.
- A condessa de São Miguel - coitada - é que não está bem.
- A condessa de Paraty dizia à noite, e com razão, só espanholas e portuguesas é que têm pés e que sabem calçar- -se.
- Só para mim é que as folhas têm curiosidade de saber se pagarei ou não pagarei os direitos.
- Isto é que é uma viagem.
- Quando entrou na agonia perguntou ao irmão: "Então assim é que é?"
- A Rejane é que teve as honras da festa.

Pseudo-clivadas

- Pelo que me dizes na tua carta de que passa muita gente - que passa tudo! - na rua em que está a casa da mãe, vejo que o que fazes é estar à janela em vez de saíres à maneira do Porto.

- Os pequenos como devem andar nas praias é nus.

- Como se devem enxugar da onda é na areia quente pelo sol.

- O que tem é uma admirável e firmeza corajosa e resignada.

- O que eu não quero, depois de tantos trabalhos e tantos desgostos que isto me tem dado, é ter, ainda por cima de mastigar todas as coisas azedas que fabricam os noticiaristas.

- Onde realça magnificamente é no lindo uniforme de Académico espanhol de pano cor de pinhão bordado de verde.

- Mas de quem tenho mais pena é do rapaz Perestrello, porque aí está metido na mais medonha camisa de onze varas um homem perdido.

- O que estou persuadido que dava lucro certo seria um frontão para o jogo da pela, permitindo o governo as apostas sob a direcção da empresa. E todo lucro da percentagem de uma casa de jogo cobrado com decência e respeito das formas.

- mas o que ninguém me tira de cima da cabeça é o rancor com que eles me ficam.

- O que não admite é que passem por ele coisas que o possam alterar.

- O que mais que tudo me sensibilizou profundamente, foi a orquestra das ocarinas constituída pelos rapazes da fábrica com os instrumentos de barro fabricados e afinados por eles mesmos.

- O que me espanta é que os Prados vão em segunda classe também!

- O que é mais que tudo doloroso nesta verdadeira catástrofe é pensar na sorte daquela senhora e daqueles meninos verdadeiramente adoráveis.

- mas quem enche as igrejas e os museus são os ingleses e as inglesas.

- e concluiu dizendo que o que ele me devia dar era uma pensão, confundindo-me assim com a viúva de mim mesmo, chorosa, cercada de órfãos e estendendo a mão à caridade.

- Quem enterrou a monarquia foi a escandalosa imoralidade dos regeneradores e dos progressistas.

- Quem a salvava pela ditadura acabando com o escândalo do rotativismo era João Franco.

- O que é consolador é que afinal essa justiça chega.

- Ora o que nela é especial é que das pintoras que eu conheço nenhuma é tão homem como ela na maneira de ver o modelo e de pôr a tinta na tela.

Pseudo-clivadas Invertidas

- Quando a família rompeu em soluções disse- -lhes: "Juizinho, muito juizinho, é o que se quer agora.

Pseudo-clivadas Extrapostas

- e é esse sentimento o que ela melhor sabe cultivar.

- Foi ela quem primeiro falou de mim aa rainha, citando- -me como o melhor e vindo em seguida pedir- -me em nome dela, então princesa, para a ir visitar.

- O marquês de Barsanallana como Lampreia presenciou disse que na rota dos meus amigos de Madrid não era o tratamento de excelentíssimo o que me cabia, mas sim o de adorable.

- É o contratempo dos convites principalmente quando é um homem da volubilidade do Prado o que os faz.

- mas deveria ao menos ter a manha de não mordiscar todos os dias um homem, que apesar de se ter divertido um pouco na sua vida e é isso unicamente o que lhe não perdoam tem ainda assim a precisa lição literária para lhes dar uma sova imortal que fique para despique e regalo dos escritores que hão- -de vir depois desta geração de pulhas.

- É ao Eduardo a quem - eu creio que a estação dEvia seria também muito útil.

